



MUSEU
CASA DE
BRUSQUE

NOTÍCIAS DE

VICENTE SÓ

ANO XXIII - Nº 72
EDIÇÃO ANUAL 2025

BRUSQUE E REGIÃO

150 DA GRANDE
IMIGRAÇÃO
ITALIANA



UNIFE

Notícias de Vicente Só

Criada em 1977, a Revista tem se constituído num veículo de divulgação dos principais documentos da História de Brusque - inclusive dos primeiros documentos manuscritos relativos à antiga Colônia Itajaí - arquivados e preservados no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

O Anuário também tem sido um espaço de discussão, de análise crítica e de publicação de artigos científicos, produzidos por historiadores e pesquisadores sobre a História de Brusque e do Vale do Itajaí-Mirim.

Os artigos e ensaios publicados são referência em pesquisa para estudiosos, professores e alunos das escolas e Universidades que buscam o conhecimento do processo histórico da região do Vale do Itajaí-Mirim, constituindo importantes fontes de consulta para a formação do saber científico na área da História e da cultura em geral.

Colaboraram nesta Edição:

Alessandra Hodecker Dietrich
Aldo Maes dos Anjos
Aloisius Carlos Lauth
Celso Deucher
Edevilson Paulino Cugiki
Elivelton Reichert
Emilia Rosenbrock
Francisco Daniel Imhof
Jorge Paulo Krieger Filho
Juarês José Aumond
Julie Francine Ricardo
Luciana Pasa Tomasi
Maria do Carmo Ramos Krieger
Rosemari Glatz
Saulo Adami

NOTÍCIAS DE
VICENTE SÓ
BRUSQUE E REGIÃO



UNIFEBE

Brusque
2025

Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim SAB/Casa de Brusque

Fundada em 4 de agosto de 1953

Reconhecida de Utilidade Pública: Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Cadastrada no Ministério da Cultura sob nº 52.001.659/87-17 | CNPJ: 83.721.639/001-93

Sede própria: Av. Otto Renaux, 285 - 88351-301 – Brusque – Santa Catarina

Fone: (47) 3351 2132 - E-mail: casadebrusque@gmail.com

Home Page: www.casadebrusque.org.br - Redes Sociais: @museucasadebrusque

DIRETORIA EXECUTIVA: Gestão 2025/2027

Presidente: Marcus Schlösser

Vice-Presidente: Eduardo Loos

Primeira Secretária: Joceline Heil

Segundo Secretário: Rafael João Scharf

Primeiro Tesoureiro: Gilson Ávila Hulbert

Segunda Tesoureira: Rosemari Glatz

Diretora de Patrimônio: Vania H. Gevaerd

Diretor Técnico: Renato Riffel

Conselho Fiscal:

Titulares: Francisco Maximo Strioli Junior,
Celso Guilherme I. Deucher, Odair José Campos

Suplentes: Jorge Paulo Krieger Filho,
Gaspar Eli Severino e Joel Mendes

CONSELHO EDITORIAL:

Presidente: Celso Deucher

Francisco Daniel Imhof

Jaqueline Kühn

Jorge Paulo Krieger Filho

Luciana Pasa Tomasi

Maria do Carmo Ramos Krieger

Renato Riffel

Ricardo José Engel

Roque Luiz Dirschnabel

Rosemari Glatz

Saulo Adami

Notícias de Vicente Só / Sociedade Amigos de
Brusque - Ano 1, nº 1 (1977). - Brusque: Ed.
UNIFEBE, nº 72, 2025.
178 p. 16 X 23 cm

Anual

ISSN: 2238-7064

1. Brusque - História. 2. Santa Catarina - História.
I. Sociedade Amigos de Brusque. II. Título

CDD: 981.64

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Fundador: AYRES GEVAERD

Elaboração: Conselho Editorial

Coordenação editorial: Celso Deucher e Luciana
Pasa Tomasi

Revisão de texto: Francisco Daniel Imhof

Editora UNIFEBE:

Coordenação: Arina Blum e Rosemari Glatz

Diagramação e capa: Peterson Paulo Vanzuita

Projeto gráfico: Peterson Paulo Vanzuita
e Arina Blum

Edição anual: 2025, Nº 72, Ano XXIII - Tiragem: 500 exemplares
Capa: Quadro "Gli emigranti" (c. 1894, óleo sobre tela, 146x196cm),
do pintor italiano Raffaello Gambogi (1874-1943)
Acervo: wikiart.org - Museo Civico Giovanni Fattori (Livorno, Itália)



SUMÁRIO

- 6 ■ **Mensagem do Editor**
Celso Deucher
- 9 ■ **Pioneirismo Brusquense**
Aldo Maes dos Anjos
- 23 ■ **Evento Meteorológico Extremo no Holoceno: Estudo de caso no município de Brusque (SC), Vale do Itajaí**
Alessandra Hodecker Dietrich
Juarês José Aumond
Edevilson Paulino Cugiki
- 35 ■ **A Religiosidade do Imigrante Italiano na Valata Azambuja**
Aloisius Carlos Lauth
- 45 ■ **Brigada Renaux**
Saulo Adami
- 55 ■ **Documentos Oficiais 1872**
Luciana Pasa Tomasi
- 63 ■ **Símbolos e Identidade Cultural no Vale do Itajaí-Mirim: A marca de Guabiruba/SC**
Elivelton Reichert
- 69 ■ **Antônio “Neco” Heil (1928-1971): O homem além da rodovia**
Julie Francine Ricardo

- 81 ■ **Entre lajotas, pavers e paralelepípedos:**
Ruas de Brusque por onde andei
Maria do Carmo Ramos Krieger
- 97 ■ **Um Mar, um Porto, um Lar:** Uma exposição escolar
alusiva aos 200 anos da imigração dos povos de língua
alemã no Brasil (1824-2024)
Emilia Rosenbrock
- 105 ■ **165 anos da fundação da Colônia Itajahy-Brusque**
1860-2025: Falar ou aprender alemão ainda tem
relevância na cidade?
Emilia Rosenbrock
- 115 ■ **150 anos da imigração tirolesa de língua italiana e**
italiana em Brusque
Rosemari Glatz
- 135 ■ **Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu**
Histórico do Vale do Itajaí-Mirim – SAB/ Casa de Brusque
Relatório da Diretoria
- 165 ■ **Clube Filatélico Brusquense 90 anos de história**
Jorge Paulo Krieger Filho
- 171 ■ **Inovação e Patrimônio:** A nova exposição de longa
duração do Museu Casa de Brusque como marco
museológico em Santa Catarina
Celso Deucher
- 203 ■ **O pioneiro Daniel Xavier Imhof nas décadas**
de 1920 e 1920
Francisco Daniel Imhof



Mensagem do Editor

É com grande satisfação que apresentamos ao público a edição 2025 do Anuário Notícias de Vicente Só, uma publicação do Museu Casa de Brusque, que se consolida como instrumento essencial para o registro, a preservação e a divulgação da memória histórica, cultural e social de Brusque e da região do Vale do Itajaí-Mirim.

A cada edição, reforçamos nosso compromisso com a história local, por meio de artigos que revelam o valor de nosso patrimônio e a riqueza das trajetórias individuais e coletivas que ajudaram a moldar nossa identidade. Este ano, temos a honra de reunir 15 artigos inéditos, assinados por pesquisadores, historiadores e escritores que se dedicam, com rigor e sensibilidade, ao estudo da nossa realidade regional.

Abrimos esta edição com o artigo “Pioneirismo brusquense”, de Aldo Maes dos Anjos, que destaca os vários momentos em que nossa cidade foi pioneira, levando os leitores também a apreciar seu magnífico trabalho em história em quadrinhos, através de QR Codes. Na sequência, Alessandra Hodecker Dietrich, Juarês Aumond e Edevilson Cugiki nos conduzem por uma análise científica e ambiental em “Evento Meteorológico Extremo no Holoceno”, oferecendo um raro olhar sobre a geografia histórica remota de Brusque.

No campo da imigração, três artigos marcam a importância dos fluxos migratórios: Aloisius Lauth apresenta “A grande imigração italiana: 150 anos da imigração em Brusque”, seguido de Rosemari Glatz, que aprofunda a contribuição dos tirolezes em “150 anos da imigração tiroleza de língua italiana e italiana em Brusque”; e Emilia Rosenbrock, com duas contribuições valiosas: “Um Mar, um Porto, um Lar”, sobre os 200 anos da imigração dos povos de língua alemã no Brasil, e “Falar ou aprender alemão ainda tem relevância na cidade?”, em alusão aos 165 anos da Colônia Itajahy-Brusque.

Na sequência, Saulo Adami revive um episódio marcante da vida urbana com “Pelotão Renaux e o Combate ao incêndio na Casa do

Rádio”, enquanto Luciana Pasa Tomasi resgata registros oficiais no artigo “Documentos oficiais de 1871”, e Elivelton Reichert explora os elementos simbólicos da identidade guabirubense com “Símbolos e identidade cultural no Vale do Itajaí-Mirim”.

Destacamos ainda os perfis biográficos que integram esta edição: Julie Francine Ricardo apresenta “Antônio ‘Neco’ Heil: o homem além da rodovia”, e Francisco Daniel Imhof compartilha a trajetória de um pioneiro em “Pioneirismo de Daniel Xavier Imhof”. Já Maria do Carmo Ramos Krieger nos convida a uma reflexão nostálgica e crítica com “Entre lajotas, pavers e paralelepípedos: ruas de Brusque por onde andei”.

Celebramos também os 90 anos do colecionismo em Brusque com o artigo “Clube Filatélico Brusquense – 90 anos de História”, assinado por Jorge Paulo Krieger Filho. Por fim, trago minha própria contribuição com o artigo “Inovação e Patrimônio”, onde apresento a nova exposição de longa duração do Museu Casa de Brusque, um projeto museológico inédito em Santa Catarina, inaugurado em 4 de agosto de 2025, com a presença de grande público e do governador do estado. Finalizamos a publicação com o Relatório da SAB/Casa de Brusque – Exercício 2024, elaborado pela coordenadora geral do Museu, Luciana Pasa Tomasi, que registra as ações da Sociedade Amigos de Brusque em prol da preservação da nossa história.

Gostaríamos de manifestar nosso sincero agradecimento ao ex-presidente do Conselho Editorial, Jorge Paulo Krieger Filho, por sua dedicação incansável, seu exemplo de compromisso com a história local e sua contribuição intelectual e institucional ao longo dos anos em que esteve à frente deste Conselho Editorial.

Agradecemos ainda à diretoria da Sociedade Amigos de Brusque (SAB), à equipe do Museu Casa de Brusque e à Editora Unifebe, bem como aos patrocinadores do Anuário, que com suas contribuições tornaram este projeto editorial possível, com profissionalismo, empenho e cuidado técnico na edição desta publicação.

Nosso reconhecimento especial vai também aos membros do Conselho Editorial, nomeados para o exercício de 2025: Presidente: Celso Deucher; Membros: Jorge Paulo Krieger Filho, Roque Luiz

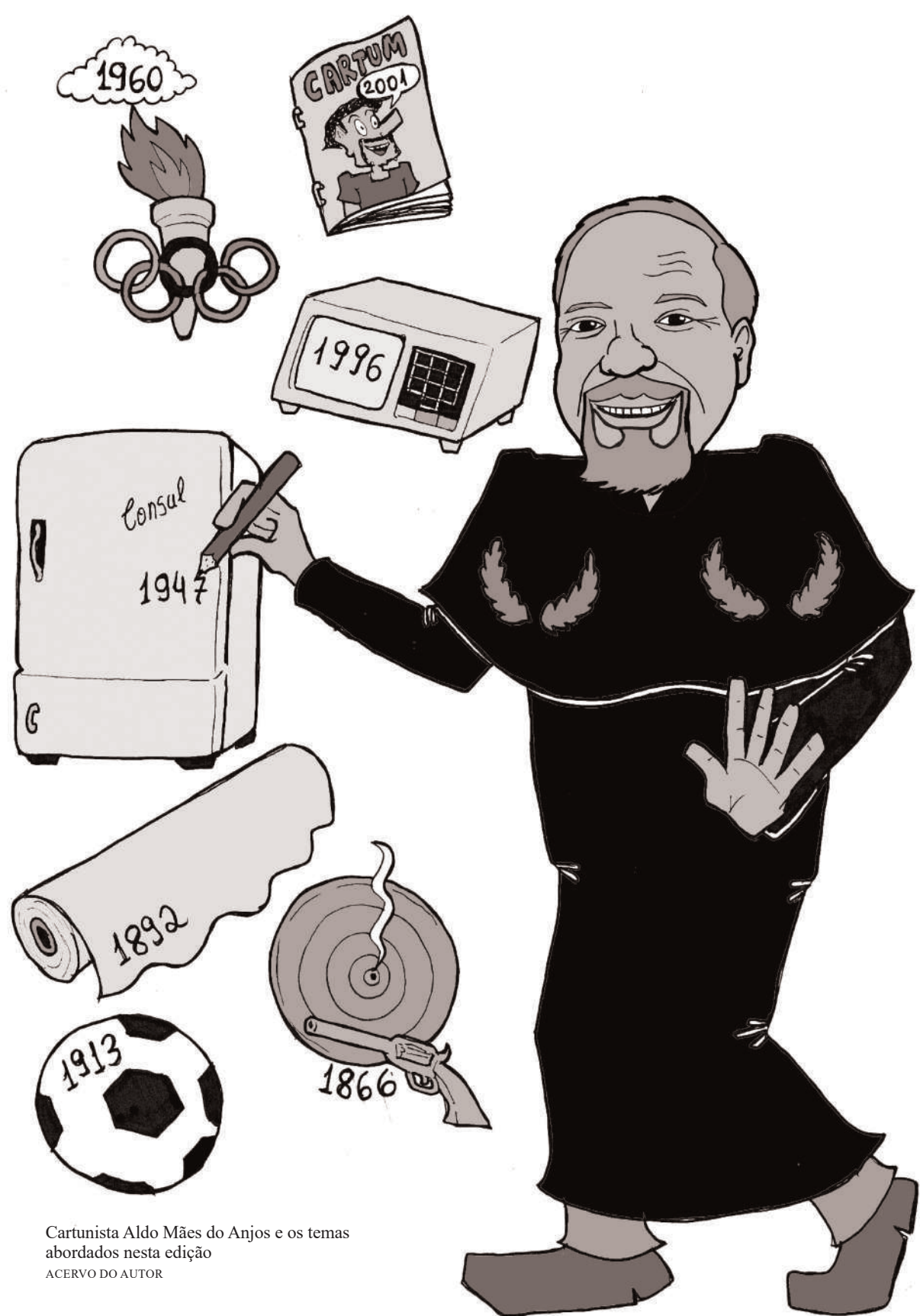
Dirschnabel, Francisco Daniel Imhof, Luciana Pasa Tomasi, Ricardo José Engel, Rosemari Glatz, Jaqueline Kühn, Saulo Adami e Maria do Carmo Ramos Krieger.

Por fim, registramos nossa gratidão aos autores que compõem esta edição. Seu trabalho de pesquisa, escrita e reflexão é o que confere valor histórico e densidade intelectual ao Anuário Notícias de Vicente Só. São eles que perpetuam, com palavras, os vínculos entre o passado e o presente, contribuindo para uma compreensão mais ampla da sociedade em que vivemos.

Que esta edição inspire novas pesquisas, valorize nosso patrimônio e fortaleça a memória coletiva de Brusque e de toda a região do Vale do Itajaí-Mirim.

Celso Deucher

Presidente do Conselho Editorial



Cartunista Aldo Mães do Anjos e os temas
abordados nesta edição
ACERVO DO AUTOR



Pioneirismo Brusquense

Aldo Maes dos Anjos

Escritor, desenhista e editor da Revista em quadrinhos
“Cartum Interativa”, que circula em Brusque e região
desde junho de 2001.

E-mail: revistascartum@gmail.com

Assim como a capital grega, Atenas, foi o palco da primeira Olimpíada, em 1896, e a capital uruguaia Montevideú sediou a primeira Copa do Mundo, em 1930, muitas outras cidades foram precursoras em algum assunto. A cidade catarinense de Brusque pode se orgulhar de sete acontecimentos nos quais foi pioneira na sua realização: em 1866 ergueu a primeira Sociedade de Caça e Tiro da América Latina; em 1892 viu surgir a primeira indústria têxtil catarinense; em 1913 fundou o primeiro clube de futebol catarinense; em 1947 fabricou a primeira geladeira em solo brasileiro; em 1960 foi palco da primeira edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina; em 1996 colocou em funcionamento a primeira urna eletrônica do planeta e mais tarde, em 2001 lançou a primeira revista em quadrinhos que apresenta os fatos históricos de sua cidade e a utiliza como cenário das histórias.

Tal índole inovadora se deve ao espírito desbravador e empreendedor que sempre existiu em sua gente, desde os primórdios da Colônia Itajahy-Brusque.

1866 – Fundação da Schützen-Verein Brusque, considerada a primeira Sociedade de Caça e Tiro da América Latina

Nos reinos germânicos da Europa Medieval já havia organizações com o objetivo de treinar os defensores dos castelos contra os ataques inimigos. Nas colônias, sua finalidade era calibrar a pontaria dos caçadores de alimentos, tornando este hábito uma rotina necessária para a sua própria sobrevivência, além de servir para a confraternização entre os praticantes, criando vínculos culturais e fortalecendo os laços de afeto e amizade entre os conterrâneos. Sociedades assim foram comuns ao longo dos anos, nos locais colonizados por alemães. Era uma forma de preservar as tradições, os costumes e a própria identidade de um povo, fortalecendo sua cultura e aperfeiçoando a sua habilidade em acertar o alvo.

Fundada em 14 de julho de 1866, com o nome de “Schützen-Verein Brusque”, tornou-se um local de convivência e confraternização dos imigrantes alemães que se estabeleceram em solo brusquense, fortalecendo a cultura germânica com a prática do tiro, da dança, do canto, da música, do teatro, da degustação de cerveja e outras práticas comuns em seu país de origem. Seu principal evento era a Festa do Rei do Tiro, a “Schützenfest”, realizada em todos os anos no período da Páscoa, a partir de 1867. Nessa festa eram feitas competições de tiro ao alvo móvel e fixo, bolão e skat (popular jogo de baralho entre imigrantes alemães). Além disso, era montada uma grande feira de produtos coloniais nas imediações do clube. Durante o ano, o clube realizava vários eventos sociais, culturais e esportivos, tais como: bailes, festas, apresentações teatrais, musicais e competições variadas, contribuindo para o fortalecimento das amizades entre os munícipes, fornecendo uma opção de lazer e melhorando a pontaria dos “puxadores de gatilho”.

A Sociedade, que fica na Rua Hercílio Luz, nº 190, no centro de Brusque, teve suas atividades suspensas por oito anos, a partir de abril de 1941, e precisou alterar o seu nome, para “Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque”, numa época em que os idiomas alemão e italiano foram proibidos de falar em nossa região e todas as instituições tiveram

que modificar seus nomes para o idioma português. O motivo era a Segunda Guerra Mundial, que fez o presidente Getúlio Vargas declarar guerra à Alemanha nazista e à Itália fascista.

Hoje em dia os esportes praticados no clube são: tiro de carabina (apoiado e olímpico), tiro de pressão, tiro desportivo, bolão e bocha.

Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:



1892 – Fundação da Primeira Indústria Têxtil de Santa Catarina, de Carlos Renaux

Na Brusque colonial, do final do século XIX, os proprietários das casas de comércio, ou “vendeiros”, como eram chamados, adquiriam a produção agrícola dos colonos, pagando com utensílios, mantimentos, remédios e outros produtos, conseguindo assim obter generosos lucros, os quais possibilitaram investimentos paralelos, alavancando o progresso da região. Os vendeiros foram os responsáveis pela força da indústria têxtil brusquense.

De 1889 a 1991 chegaram a Brusque os “auslandsdeutche”, ou alemães que residiam em território polonês, os quais ficaram conhecidos como “Tecelões de Łódź”, por serem conhecedores da arte de fiar e oriundos desta localidade polonesa. Com o seu conhecimento, construíram teares rústicos e ensinaram os colonos a tecer. Os primeiros aprendizes foram os agricultores que já estavam cansados das imensas dificuldades em manter uma roça e aceitaram se tornar operários.

Em 1890, o vendeiro João Bauer montou uma fábrica de tecidos em Brusque, mas não obteve os resultados almejados, desistindo da ideia. Porém, lançou a semente.

No dia 11 de março de 1892, dia de seu aniversário de 30 anos, o também comerciante Carlos Cristiano Renaux fundou a primeira indústria têxtil de Brusque, que também é considerada a primeira do Brasil.

Carlos Renaux veio de Blumenau para Brusque para ser gerente da venda que pertencia a Germano Willerding, vindo a comprá-la no ano seguinte. Como vendeiro, juntou recursos que o possibilitaram investir no segmento têxtil na cidade.

Cerca de oito teares começaram a trabalhar ruidosamente no armazém de Carlos Renaux, na rua principal (onde fica a atual Praça Barão von Schneeberg), que servia de depósito para as mercadorias comercializadas na Vila. Os tecidos de algodão eram produtos difíceis de encontrar e, até então, trazidos de longe.

Tempos depois, a fábrica foi transferida para novas instalações na Rua dos Pomeranos (atual avenida 1º de maio), assim chamada em homenagem aos imigrantes pomeranos que ali se instalaram. O local foi escolhido por possuir um ribeirão que poderia gerar a energia necessária para a fábrica. Ali, em novas instalações a empresa prosperou.

Em 1900, Carlos Renaux instalou a primeira fiação de algodão catarinense, a qual motivou a nomeação da cidade de Brusque de “Berço da Fiação Catarinense”.

Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:



1913 – Fundação do Sport Club Brusquense, o primeiro clube do futebol catarinense

O brusquense Arthur Olinger, aos 20 anos, tinha viajado para o Rio Grande do Sul a fim de fazer um estágio e ampliar seus conhecimentos sobre a produção de couro. Lá conheceu e se apaixonou por um novo esporte: o futebol, e chegou a jogar no time daquela cidade, o Novo Hamburgo. Voltou a Brusque em maio de 1913, trazendo consigo a primeira bola de couro da cidade. Junto com seu amigo, Guilherme Diegoli, organizou uma partida em frente ao Schützen-Verein Brusque (atual Caça e Tiro Araújo Brusque).

Terminadas as cerimônias protocolares, as corridas de cavalo e as apresentações do Clube Ginástico, os jovens brusquenses formaram

um campo, em meio aos presentes, e improvisaram uma partida do esporte exótico. Montaram as traves e deram início ao jogo. Os espectadores assistiam a uma correria maluca tentando chutar uma bola, mas ninguém estava entendendo nada. Quando os atletas ultrapassam a defesa e fazem a bola passar por dentro da trave, sua vibrante comemoração chama a atenção de todos que começam a compreender o objetivo do futebol.

A empolgação é tamanha, que surge a ideia de se fundar um clube para a prática do esporte na cidade. Foi agendada uma reunião no salão do Hotel de Shoenen Wilhelm. Em 14 de setembro de 1913, Olinger e Diegoli fundam oficialmente o Sport-Club Brusquense: primeiro time de futebol profissional catarinense, o qual mais tarde daria origem ao Clube Atlético Carlos Renaux. Daí o apelido de “Vovô do Futebol Catarinense”.

O Primeiro presidente foi Guilherme Fernandes. Sua primeira partida oficial foi um 0x0 contra o Tijuquense em 22 de agosto de 1914. O primeiro gol surgiu na vitória de 1 a 0 sobre o Itajaí FC, marcado por Willie Rish. Em 07 de junho de 1931 foi inaugurado o Estádio Augusto Bauer.

Em 19 de março de 1944, O S.C. Brusquense alterou seu nome em decorrência de um decreto-lei federal que proibia qualquer agremiação a utilizar em sua denominação o nome da cidade, estado, território ou do país. A partir de então, ficou Clube Atlético Carlos Renaux, homenageando o patrono do clube.

O Carlos Renaux sagrou-se bi-campeão catarinense nos certames de 1950 e 1953, sendo o segundo título, de forma invicta. A grande enchente de 1984 causou transtornos que fizeram o clube se licenciar das disputas, retornando ao futebol profissional somente em 2018. Em 2025 o vovô foi campeão da Série B e retorna à elite catarinense, depois de 42 anos.

**Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:**



1947 – Fabricação da primeira geladeira no Brasil (em Brusque), por Guilherme Holderegger e Rudolf Stutzer

Muita gente não sabe, mas a primeira geladeira do Brasil foi fabricada em Brusque. Ela funcionava a querosene, o que revolucionou a vida de muitas pessoas que antes precisavam resfriar seus alimentos e bebidas na água do poço, em porões, buracos na terra, ou mesmo em geladeiras sem motor, que mantinham a temperatura baixa através de uma barra de gelo colocada em seu interior. A obra-prima, no Brasil, foi criação de Guilherme Holderegger e Rudolf Stutzer, com o auxílio financeiro de Cônsul Carlos Renaux.

Os dois possuíam uma oficina que contornava as dificuldades de importação de matéria-prima impostas pela guerra, fabricando e consertando bicicletas, anzóis e outros artigos.

Em 1947, Holderegger e Stutzer depararam-se com uma geladeira movida a querosene importada, levada por um cliente para conserto. Desmontaram todas as peças e montaram outra geladeira adaptando o modelo de funcionamento. Stutzer era muito inteligente e autodidata, sempre criando coisas novas. Ele não sossegou enquanto não decifrou o desafio da geladeira importada, movida a querosene.

A oficina onde foi produzida a primeira geladeira brasileira foi montada com recursos da Fundação Cultural e Beneficente Cônsul Carlos Renaux, a qual também beneficiou generosamente diversas outras instituições, como igrejas, escolas e hospitais.

O resultado foi a fabricação de “uma geladeira a querosene totalmente artesanal” que proporcionou muitas encomendas. Logo a notícia de que uma geladeira a gás havia sido fabricada em Brusque se espalhou, chegando até Joinville. Lá, o empresário Wittich Freitag, das Lojas Freitag, se interessou pelo negócio e decidiu vir a Brusque ver de perto o feito de Stutzer.

Os inventores associaram-se ao comerciante Wittich Freitag e inauguraram em 1950 a fábrica de Joinville com o nome Indústria e Refrigeração Consul. Em um ano a Consul já embarcava refrigeradores diretamente da fábrica de Joinville para o Rio de Janeiro.

Foi assim então que surgiu a primeira fábrica de geladeiras do Brasil: a Consul. O nome da indústria foi um pedido do próprio Stutzer, como forma de homenagear o seu amigo Carlos Renaux. Stutzer ficou na empresa até o fim dos anos 1950. Reza a lenda que a grafia de Consul sem acento se deu pela dificuldade em talhar o acento circunflexo no logotipo.

Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:



1960 – Realização da primeira edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina

Por ocasião das comemorações do Centenário de Brusque, foram realizados os Primeiros Jogos Abertos de Santa Catarina nas dependências da Sociedade Esportiva Bandeirante, na cidade de Brusque, entre 7 e 12 de agosto de 1960.

A primeira edição dos JASC contou com a participação de 444 atletas representando os municípios de Brusque, Florianópolis, Blumenau, Criciúma, Joinville, Itajaí, Mafra, São Bento do Sul, Corupá, Joaçaba, Lages, Rio do Sul, Concórdia e Indaial. Na primeira edição, Florianópolis ficou com o primeiro lugar em número de medalhas e Brusque na segunda posição.

Depois disso, Brusque já sediou o evento mais quatro vezes: em 1965, 1985, 2000 e em 2010 (na quinquagésima edição dos jogos). Até a edição de 2024, Blumenau já havia vencido 42 das 63 competições seguida de Florianópolis com 8 títulos, Joinville e Itajaí com 4 conquistas cada.

O “Pai dos Jogos Abertos de Santa Catarina”, Arthur Schlösser, nasceu em Brusque no dia 26 de maio de 1916. Era formado em Fiação e Tecelagem e trabalhava na empresa têxtil de sua família, a Cia. Industrial Schlösser. Integrava a equipe da diretoria, da qual chegou a tornar-se superintendente.

Arthur havia sido jogador de futebol, no Sport Clube Brusquense, e atleta da Sociedade Esportiva Bandeirante (tornando-se presidente), competindo nas modalidades de ginástica, punhobol, tênis, voleibol e basquetebol. Seu Arthur e Dona Regina tiveram três filhos (Roberto, Elisa e Virginia Rose). Foi o criador do maior evento esportivo em Santa Catarina, o qual foi inspirado nos Jogos Abertos do Interior de São Paulo.

Arthur enviou uma comitiva de atletas para competir e aprender o sistema de funcionamento da competição. Quem chefiou a delegação foi Rubens Facchini. “Eu quero fazer uma competição esportiva parecida com os Jogos Abertos do Interior de São Paulo”, disse Arthur, lançando a Rubens um desafio. Os Jogos Abertos do Interior de São Paulo, em 1957, foram realizados no município de São Carlos. Rubens foi incumbido de acompanhar a delegação e preparar um relatório com todos os detalhes, além de conseguir formulários e outros materiais dos jogos. “Eu vou”, respondeu Rubens, sem pestanejar. Rubens e os atletas estiveram ainda nas edições seguintes dos Jogos Paulistas, em 1958 e 1959. Ele preparou relatórios e colecionou formulários e outros materiais referentes ao evento.

Em 1960 começou a ser organizado o evento. Numa época em que as comunicações ainda eram precárias, Rubens viajou centenas de quilômetros a bordo de um fusca, comendo poeira em estradas de chão e atolando nas chuvas. Tudo isso para divulgar os jogos entre as prefeituras e recrutar delegações de atletas.

O sonho do seu Arthur se tornou realidade no dia 7 de agosto de 1960, nas pistas e quadras da Sociedade Bandeirante, em Brusque! Com certeza Arthur Schlösser e Rubens Facchini levaram medalha de ouro nas modalidades “incentivo ao esporte” e “cordialidade intermunicipal”.

O estádio de esportes do Bandeirante, construído para os VI Jogos Abertos, também recebeu ajuda do próprio bolso de “Seu Arthur” para ficar pronto, e por conta disso receberia o nome de Estádio Arthur Schlösser. Mas ele, num gesto de humildade, recusou a homenagem.

Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:



1996 – Primeira eleição realizada com a urna eletrônica, criada em Brusque

O voto é a maneira mais importante de exercermos a cidadania e a primeira “confirmada”, a gente nunca esquece. Através do voto, escolhemos os políticos que nos representarão no poder legislativo, elaborando e aprovando leis e, também os do poder executivo, que irão administrar o país, os estados e as cidades.

Desenvolvida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para tornar o processo eleitoral ainda mais seguro e transparente – eliminando a intervenção humana dos procedimentos de apuração e totalização final –, a máquina informatizada de votar tornou-se um símbolo de credibilidade e de democracia.

A informatização do sistema eleitoral buscava uma imparcialidade no seu processo e o sigilo do voto para o eleitor, acompanhando a evolução tecnológica mundial. A criação de um aparelho desta natureza é um desejo antigo no país. O primeiro Código Eleitoral, de 1932, previa em seu artigo 57 o “uso das máquinas de votar, regulado oportunamente pelo Tribunal Superior (Eleitoral)”, devendo ser assegurado o sigilo do voto. Desde então vários projetos de máquinas analógicas foram apresentados à Justiça eleitoral, sem sucesso.

Para que as urnas eletrônicas pudessem funcionar, foi necessária a substituição do cadastro eleitoral que era em fichas de papel, por outro informatizado. Este complexo processo foi realizado entre 1985 e 86, quando o Brasil contava com cerca de 70 milhões de eleitores. Antes disso, não havia um registro nacional, o que facilitava a ocorrência de fraudes na votação.

A iniciativa da urna eletrônica foi do Juiz Carlos Prudêncio, que há tempo trabalhava, juntamente com outros parceiros, neste objetivo de elaborar um sistema que tornasse o feito possível. O sucesso do novo equipamento foi instantâneo e a mídia do Brasil inteiro estampava o nome da cidade de Brusque. O voto eletrônico foi revolucionário, mas era preciso elaborar a ideia de Prudêncio. Em 1995, o TSE forma uma equipe de técnicos responsáveis por elaborar uma Urna Eletrônica, mais segura que o computador.

Em 1996, os votos de mais de 32 milhões de brasileiros, um terço do eleitorado da época, foram coletados e totalizados por meio das mais de 70 mil urnas eletrônicas produzidas para aquelas eleições. Participaram 57 cidades com mais de 200 mil eleitores, entre elas, 26 capitais (o Distrito Federal não participou por não eleger prefeito). A cidade de Brusque também participou, de maneira exclusiva, não pela população numerosa (pois contava com cerca de apenas 50 mil eleitores na época), mas por ter sido a cidade que originou este projeto. Em 2000 o Brasil possui o voto totalmente informatizado, sendo na atualidade um dos países com o sistema eleitoral mais desenvolvido do mundo.

Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:



2001 – Lançamento da primeira edição da Revista em Quadrinhos que usa cenários da cidade de Brusque

Quem circulou pelo comércio brusquense de junho de 2001 pra cá, com certeza já se deparou com alguma das tiragens de capas coloridas de uma divertida revista em quadrinhos, empilhadas nos balcões de atendimento. Esta publicação tem por objetivo estimular o hábito de leitura em todas as idades, através da disponibilização de gibis gratuitos por toda a cidade. Em seu texto, quase não existem erros de gramática, ortografia ou concordância. Seu conteúdo não possui

palavrões ou teor impróprio. Pelo contrário: além de humor a revista apresenta temas educativos, para aumentar os conhecimentos dos seus leitores, especialmente sobre o passado local.

Trata-se da primeira revista em quadrinhos brasileira que conta os fatos da pouco difundida história regional para os seus leitores, além de representar locais contemporâneos como cenário das histórias. Pode até ter havido outra publicação semelhante, em algum lugar que eu desconheça, mas perdurar ao longo de 24 anos é um pouco difícil.

Seu autor, Aldo Maes dos Anjos, sempre teve uma ligação forte com a nona arte, pois se alfabetizou através dos quadrinhos lidos pela sua mãe antes de dormir. Ele já escrevia e desenhava quadrinhos com personagens próprios desde os 7 anos de idade e nunca mais parou. A ideia de criar uma revista para a leitura pública surgiu com o nascimento do seu filho Igor, em outubro de 2000, quando foi necessário buscar uma fonte de renda extra para dar conta desta nova fase da vida.

Tudo começou em junho de 2001, no lançamento da primeira edição, com três exemplares distribuídos gratuitamente em 90 estabelecimentos comerciais brusquenses, em vários bairros da cidade. A revista possui anúncios publicitários que viabilizam o seu custo, sendo distribuída pelos próprios patrocinadores a seus clientes, que se divertem com a leitura. Enquanto isso, o nome da empresa que patrocinou se prolifera nas residências destes leitores, estampado nas páginas, para ser visto e lembrado quando for necessário.

A revista tem o diferencial de ser desfrutada ao longo dos anos pelos leitores que apreciam um conteúdo divertido, dinâmico e pedagógico, sendo colecionada por muitos deles. A partir de novembro de 2019, começaram a ser publicados os QR Codes que conectam a revista impressa com o meio virtual, possibilitando a ampliação do seu próprio conteúdo, oferecendo uma leitura adicional através do celular dos seus apreciadores!

Até dezembro de 2024, a CARTUM já havia lançado 404 edições diferentes. Todas essas tiragens somam 9.446 páginas, contendo 1.347 histórias em quadrinhos e 964 tiras, sem contar as

republicações. As 404 tiragens somadas resultam em uma expressiva quantidade de 1.007.700 exemplares disponibilizados gratuitamente para o incentivo do hábito de leitura em geral.

Leia uma História em
Quadrinhos sobre este
tema, virando o celular
na posição horizontal e
acessando o QR Code:



Fontes de pesquisa:

Sites:

<https://cacaetirobrusque.com.br/historia.php>

<https://omunicipio.com.br/geladeira-brasileira-nasceu-embrusque/>

<https://tse.jusbrasil.com.br/noticias/124332120/conheca-a-historiada-urna-eletronica-brasileira-que-completa-18-anos>

Livros e periódicos:

GLATZ, Rosemari. Brusque: os 60 e o 160 – elementos da nossa história. Brusque: editora Unifebe, 2018. p. 143–149; 191–192.

ADAMI, Saulo; ROSA, Tina. Brusque Cidade Schneeberg. Blumenau: S&T Editores, 2005. p. 362–370; 449–452.

ADAMI, Saulo. Arthur Schlösser e a criação dos JASCs. Blumenau: S&T Editores, 2010.

ADAMI, Saulo; ZAMBIAZZI, Giselle. Com a bola toda: 100 anos do Clube Atlético Carlos Renaux. Notícias de Vicente Só, Brusque, n. 60, p. 10–18, 2013.

APPEL, Valdir. Carlos Renaux e Botafogo 5 x 5: o jogo do século. Notícias de Vicente Só, Brusque, n. 60, p. 37–41, 2013.

RICARDO, Julie Francine. Fios da história. Notícias de Vicente Só, Brusque, n. 71, p. 91–94, editora Unifebe, 2024.

Outras fontes:

Pesquisas feitas por Robson Gallassini e Carlos Eduardo Michel para a Revista Brusque Ontem, entre 2011 e 2015.



Margem do rio Itajaí-Mirim, em Brusque
ACERVO ALESSANDRA HODECKER DIETRICH



Evento Meteorológico Extremo no Holoceno:

Estudo de Caso no Município de
Brusque (SC), Vale do Itajaí

Alessandra Hodecker Dietrich¹

¹Doutora em Desenvolvimento Regional pela FURB,
Bióloga e professora de Biologia e Ciências.
E-mail: alessandrahodecker@gmail.com.br

Juarês José Aumond²

²Doutor em Engenharia Civil, Geólogo, professor
convidado no PPGDR, FURB.
E-mail: juares.aumond@gmail.com.br

Edevilson Paulino Cugiki³

³Coordenador de Proteção e Defesa Civil na Defesa Civil
de Brusque-SC, Tecnólogo em Gestão Ambiental.
E-mail: e_devilson@hotmail.com.br

Este estudo teve como objetivo analisar um evento de deslizamento de massa datado do período Holoceno, ocorrido na área urbana de Brusque (SC), por meio da integração de métodos paleoambientais e geotécnicos. A motivação para este estudo surgiu a partir da observação do Professor Juarês Aumond, que identificou troncos de árvores com aspecto antigo emergindo na margem esquerda do Rio Itajaí-Mirim, expostos em decorrência do processo erosivo causado pela erosão das águas fluviais. A investigação incluiu datação por radiocarbono (¹⁴C), fotointerpretação, análise estratigráfica,

identificação de macrofósseis vegetais e consulta a registros da Defesa Civil, entre os anos de 2017 a 2020. As amostras coletadas em um deslizamento de massa datado entre 1.332 e 1.442 anos AP, período correspondente a flutuações climáticas significativas no sul do Brasil. A análise de macrofósseis revelou a presença de espécies pioneiras. A fotointerpretação revelou alterações relevantes no uso do solo ao longo do século XX, com substituição da vegetação nativa por áreas urbanizadas e pastagens. A correlação com registros paleoambientais de outras localidades do sul e sudeste do Brasil sugere que o evento integrou um ciclo regional de intensificação da umidade que causou a instabilidade de encostas. Os dados obtidos reforçam a importância da abordagem interdisciplinar para a compreensão de eventos naturais pretéritos e suas implicações na gestão de riscos geológicos atuais. Dessa forma, destaca-se a relevância dos registros paleoambientais como subsídios ao planejamento urbano e à formulação de políticas públicas resilientes.

Palavras chaves: evento extremo; movimento de massa; deslizamento; paleobotânica; paleoambiente.

Contextualização e objetivo

As mudanças climáticas sempre fizeram parte da história da Terra. Ao longo do tempo geológico, o planeta passou por diversos períodos de aquecimento e resfriamento que moldaram o ambiente como conhecemos hoje (SALGADO-LABOURIAU, 1994; SANT'ANA NETO; NERY, 2005; EEROLA, 2010). Essas alterações naturais no clima influenciaram diretamente a formação de paisagens, modificando a biodiversidade, a geografia e a própria ocupação dos territórios pelos seres humanos.

O Quaternário, período que se estende pelos últimos 2,6 milhões de anos, é especialmente importante para entendermos essas transformações. Ele é dividido em duas fases principais: o Pleistoceno e o Holoceno. O Holoceno, iniciado há cerca de 11 mil anos, corresponde ao tempo mais recente da história do planeta e abrange o desenvolvimento das civilizações humanas, o surgimento

da agricultura e a ocupação de grandes áreas pelo ser humano (SALGADO-LABOURIAU, 1994; SOUZA et al., 2005; SOUZA, R. L. et al., 2018).

Durante o Quaternário, mudanças ambientais e fenômenos naturais como deslizamentos de terra provocaram modificações significativas na paisagem (CONSTANTINO et al., 2003). Esses processos influenciaram ecossistemas inteiros e contribuíram para a diversidade biológica e geográfica observada atualmente. Eventos como os deslizamentos de terra têm grande impacto sobre a forma do relevo e os ecossistemas. Eles podem modificar vales, montanhas, rios e florestas, criando novos ambientes ou destruindo os já existentes (AUMOND; BACCA, 2018; HIGHLAND; BOBROWSKY, 2011). Em áreas tropicais, por exemplo, esses deslizamentos interferem diretamente na sucessão das florestas e na estrutura da vegetação (RICHTER, 2009).

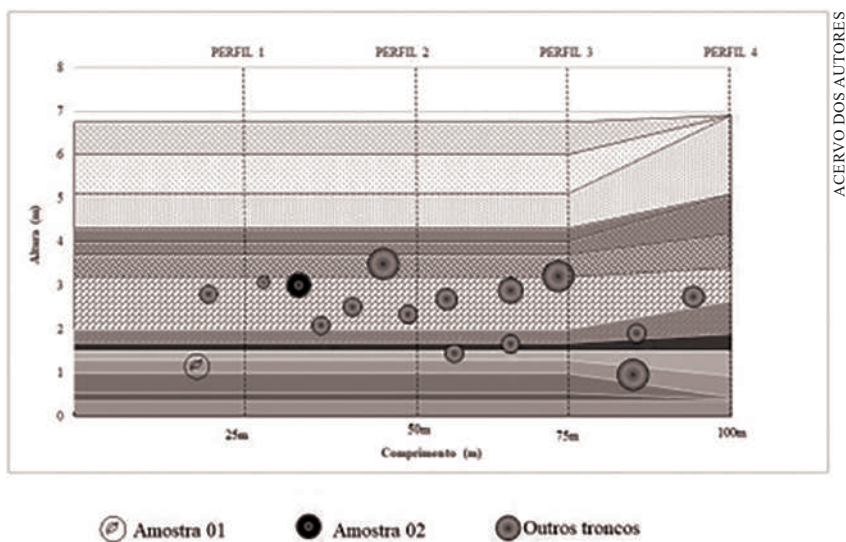
Com base nesses estudos, este artigo teve como objetivo apresentar um estudo sobre um evento meteorológico extremo que ocorreu em Brusque, Santa Catarina, durante o Holoceno. A análise busca compreender como esse evento contribuiu para a formação da paisagem atual e refletir de que forma ele pode servir como alerta para os riscos associados às mudanças climáticas e ao crescimento desordenado das cidades (SIEBERT, 2018).

Desenvolvimento

A metodologia adotada neste estudo fundamentou-se em três eixos principais: 1) a elaboração de perfil estratigráfico; 2) a coleta de amostras para datação por radiocarbono (^{14}C) e 3) a fotointerpretação da paisagem. Durante o trabalho de campo, foi estabelecido um perfil estratigráfico, figura 1, da área de estudo, com a identificação criteriosa e escolha dos pontos de coleta. A partir da elaboração desse perfil estratigráfico, foram selecionadas duas amostras vegetais para a datação: uma composta por folhas carbonizadas (amostra 01, figura 2a) e outra por um disco de um tronco fossilizado (amostra 02, figura 2b). As amostras foram coletadas seguindo rigorosos protocolos para evitar contaminações, e a análise dos isótopos de carbono presentes

na matéria orgânica permitiu estimar a idade do evento geológico em investigação, que foram enviadas para a datação por radiocarbono no Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA) do laboratório da Universidade de São Paulo (USP).

A identificação do perfil estratigráfico representou as características físicas dos intervalos de sedimentos da área na qual se encontram os fósseis, e pode ser observado na figura 1. Foram encontrados e coletados muitos troncos depositados, cujas espessuras variaram entre 10 a 50 cm. Os fósseis estão envolvidos em areia de granulometria média a grossa com seixos de quartzo e xisto, outros troncos envoltos por areia bege clara com granulometria média a grosseira. As camadas do perfil demonstram os sedimentos que foram sendo depositados durante e após o deslizamento que alterou a morfologia da paisagem na área de estudo.



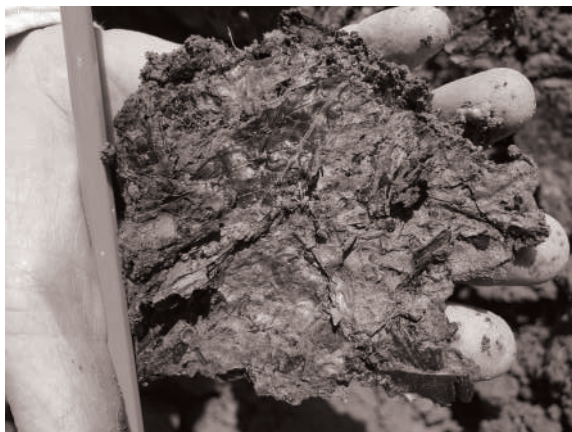
Perfil estratigráfico da área analisada na qual se encontram as folhas (amostra 01) e os troncos fossilizados (amostra 02). Cada camada representada neste perfil é um diferente tipo de sedimento que compõe a margem do Rio Itajaí-Mirim

O resultado da análise de radiocarbono que forneceu a datação das amostras permitiu datar que este evento ocorreu aproximadamente entre 1.222 anos antes da Presente data (AP) e 1.406 anos antes da Presente data (AP). Sendo que a amostra 1, as folhas carbonizadas, com datação de 1.406 AP, são mais antigas, pois estão na parte mais baixa do perfil (margem do rio). A amostra 2, um disco de tronco retirado a 13 metros de profundidade na margem do rio, com datação de 1.222 AP. Outro disco do mesmo tronco (amostra 02) foi identificada como *Ocotea porosa*, da família da Lauraceae, conhecida popularmente como Imbuia. De acordo com Reitz; Klein e Reis (1979), Vibrans et al. (2008), a ocorrência atual desta espécie é tipicamente em Florestas Ombrófilas Mistas. Essas áreas geralmente se localizam em altitudes entre 500 e 1.200 m nos planaltos do Sul do Brasil. Conforme os resultados desta pesquisa, o evento analisado ocorreu durante a Idade Média, enquanto ocorria a “Pequena Idade do Gelo”, quando a temperatura média global caiu cerca de 1°C. Estes resultados podem confirmar que na área de estudo a temperatura também era menor, o que explica a presença de espécimes de Imbuia.

Ao comparar os dados obtidos em Brusque com outros estudos paleoambientais realizados no Planalto Meridional e na Serra do Mar, observam-se padrões semelhantes de instabilidade datados do mesmo período, especialmente entre 1.000 e 1.500 anos AP. Em regiões como Paranaguá (PR), Camboriú (SC) e Torres (RS), foram identificados registros palinológicos e geomorfológicos que indicam aumento da umidade e maior frequência de movimentos de massa. Estes dados sugerem que o evento de Brusque pode ter ocorrido em um período de maior vulnerabilidade climática regional (SANT’ANA e NERY, 2005; TOLENTINO e BITTENCOURT, 2017; SOUZA, et al., 2018).

A terceira etapa do estudo, a fotointerpretação da paisagem, permitiu identificar os movimentos de massa na natureza que têm efeitos sobre o ambiente natural e na morfologia da superfície. Neste estudo de caso, a mobilidade do movimento de massa deslocou um grande volume de material detrítico e vegetais de grande porte bloqueando e represando o rio Itajaí-Mirim. O mega escorregamento ao atingir um meandro do rio Itajaí-Mirim que serpenteava adjacente ao morro de

onde partiu o escorregamento, represou o rio e formou uma lagoa. A formação desta lagoa reteve o material detrítico e o material orgânico. Esse movimento de massa alterou dramaticamente a paisagem local. A distribuição espacial dos troncos, paralelizados, indica a direção e o sentido do escorregamento de massa do oeste para leste.



ACERVO DOS AUTORES

Nesta imagem, é possível observar os detalhes das folhas carbonizadas no local de coleta, com datação de 1.406 Anos antes do Presente (AP)



ACERVO DOS AUTORES

Troncos de árvores milenares soterradas a 13 metros de profundidade na margem do rio, com datação de 1.222 Anos antes do Presente (AP)

Em seguida, foi realizada uma análise paleoecológica detalhada por meio da fotointerpretação tridimensional (3D) de fotografias aéreas em infravermelho e em preto e branco, com o uso de estereoscópios de mesa e de bolso. Essa abordagem foi enriquecida com levantamentos geológicos e sedimentológicos, coletados no campo. A área analisada do movimento de massa é condicionada por um denso sistema de falhas geológicas cujas direções predominantes são NE/SW e NW/SE. Estes sistemas de falhas geológicas condicionam a morfologia do terreno, especialmente o sistema de drenagem cuja direção é predominantemente NW/SE. O mesmo sistema que corta a montanha localizada a leste propiciou e favoreceu a ocorrência do mega escorregamento (figura 3). A fotointerpretação histórica recente revelou que a encosta em questão sofreu intensa modificação ao longo do século XX, com substituição da vegetação nativa por áreas urbanizadas e zonas de pastagem. Essa transformação antrópica recente pode ter acentuado uma instabilidade já preexistente, dada a fragilidade geomorfológica do local. Além disso, o contexto topográfico com declividade acentuada e solos argilosos intensamente intemperizados favorece o acúmulo de água e a ruptura de encostas.

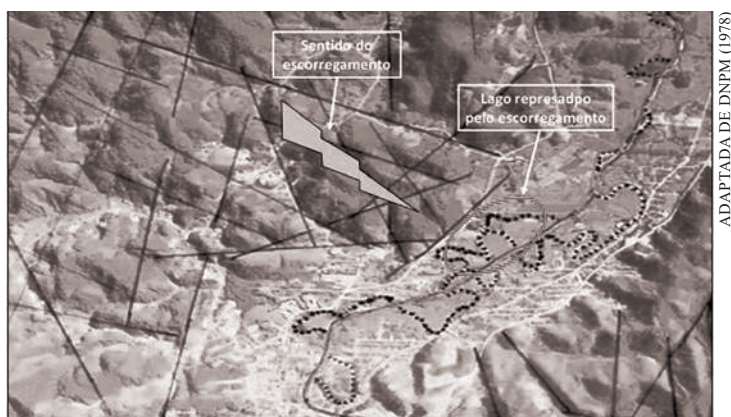


Imagem foto-interpretada em 3D em estereoscópio de mesa modelo, os traços representam as falhas geológicas. É possível identificar o sentido do escorregamento e o local onde formou o lago. Nas linhas pontilhadas é possível observar os antigos meandros do Rio Itajaí-Mirim

Além das forças naturais, a ação humana passou a contribuir significativamente para as mudanças no ambiente, especialmente a partir do Holoceno. Povos indígenas e, mais tarde, imigrantes europeus alteraram a paisagem com práticas como agricultura, desmatamento e ocupação urbana. Em Santa Catarina, a história de uso do solo mostra uma transformação intensa, com destaque para a ocupação dos vales e encostas, muitas vezes em áreas suscetíveis a desastres naturais (CABRAL, 1958).

A colaboração com a Defesa Civil municipal forneceu dados complementares sobre o histórico de ocorrências modernas na região. Os relatórios indicam que o mesmo setor da encosta apresentou reincidências de escorregamento nas chuvas intensas de 2008 e 2011, o que reforça a hipótese de uma instabilidade crônica condicionada pela geomorfologia e fraturamento. Tais evidências apontam para a importância da integração entre estudos históricos, ambientais e geotécnicos na gestão de riscos.

Por fim, destaca-se que os estudos de datação por ^{14}C , aliados à análise botânica e à observação de campo, constituem metodologias eficazes na reconstituição de eventos paleoambientais. A abordagem interdisciplinar adotada permite avanços significativos na compreensão dos processos de instabilidade e na elaboração de modelos preditivos de risco para regiões urbanas com características semelhantes.

Conclusão

A partir da análise integrada de datação por radiocarbono, interpretação paleoecológica, fotointerpretação e estudos geomorfológicos, foi possível identificar e caracterizar um evento de deslizamento de massa ocorrido na área urbana de Brusque (SC), durante o Holoceno Tardio, com datação calibrada entre 1.332 e 1.442 anos AP. Este evento destaca-se por reunir um conjunto de evidências que apontam para a influência de anomalias climáticas regionais e alterações ambientais prévias, como a ocorrência de queimadas, possivelmente associadas à ocupação humana da paisagem.

Os resultados obtidos contribuem para o entendimento da dinâmica paleoambiental da região do Vale do Itajaí, evidenciando que os

movimentos de massa não são fenômenos exclusivamente modernos, mas sim recorrentes ao longo da história natural da paisagem. A correlação temporal entre o episódio analisado e outros registros de instabilidade em diferentes localidades do sul e sudeste do Brasil fortalece a hipótese de que houve, no período, um ciclo de intensificação da umidade climática, o que favoreceu a deflagração de escorregamentos em encostas com solos intemperizados e elevada declividade.

Dessa forma, o presente estudo reforça a importância de integrar múltiplas fontes de dados na investigação de processos geoambientais pretéritos, como forma de aprimorar a compreensão sobre os fatores condicionantes e deflagradores de desastres naturais. Além de seu valor científico, tais análises possuem implicações práticas relevantes, especialmente no planejamento urbano e na prevenção de riscos em áreas sujeitas a movimentos de massa. A preservação de registros paleoambientais, aliada ao monitoramento climático atual, pode constituir uma ferramenta estratégica na formulação de políticas públicas mais eficazes e resilientes frente às mudanças ambientais em curso.

Referências bibliográficas

AUMOND, J.J. SEVEGNANI, L. TACHINI, M.; BACCA, L. E. **Condições naturais da paisagem da bacia do Itajaí.** In: Desastre de 2008 no Vale do Itajaí. Água, gente e política. [Org.] FRANK, B.; SEVEGNANI, L. Colaboração: Tomaselli, C. C. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

AUMOND, J. J. **Geologia e Paleoambiente.** In: Atlas Ambiental do Vale do Itajaí: formação, recursos naturais e ecossistemas. Orgs. [AUMOND, J. J.; SEVEGNANI, L.; FRANK, B.]. Blumenau: Edifurb, 2018. Disponível em <https://bu.furb.br/docs/LD/2018/364494_1_1.pdf> Acesso em: 16 set. 2020.

CABRAL, O. R. (Oswaldo Rodrigues). **Brusque:** subsídios para a história de uma colônia nos tempos do império. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1958. 327 p, il.

CONSTANTINO, R.; SILVA, J. M. C.; FONSECA, G. A. B.; RYLANDS, A. B. (2003). Deslizamentos e fragmentação florestal na região serrana do estado do Rio de Janeiro. **Revista Ciência Florestal**, 13(1), 65-76.

EEROLA, T. T. Mudanças climáticas globais: passado, presente e futuro. In: FÓRUM SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS, 2010, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Instituto de Ecologia Política, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2010.

HIGHLAND, L. M.; BOBROWSKY, P. **O manual de deslizamento: um guia para a compreensão de deslizamentos**. Contribuição, tradução e adaptação para o Brasil por: ROGÉRIO, P. R. G.; AUMOND, J. J.; [tradução: CORDEIRO, R. de C. da S.]. -2.ed. - Blumenau : Edifurb, 2011. - xviii, 166 p. :il.

SIEBERT, C. **2008+10 no Vale do Itajaí: Resiliência Reativa ou Evolutiva?** In: MATTEDI, Marcos; LUDWIG, Leandro; AVILA, Maria Roseli Rossi. (Org.). Desastre de 2008+10 Vale do Itajaí: Água, **Gente e Política - Aprendizados**. 1ª ed. Blumenau: EDIFURB, 2018, v. p. 323-339.

SOUZA, C.R.G.; SUGUIO, K.; OLIVEIRA, M.A.S.; OLIVEIRA, P.E. (Eds.). **Quaternário do Brasil**. Rio Claro: Holos Editora, 2005.

SOUZA, R. L. et al. Paleoinundações e eventos extremos no sul do Brasil: evidências a partir de registros sedimentares e datações por 14C. **Quaternary International**, v. 468, p. 162-174, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2017.10.017>

SALGADO-LABOURIAU, M. L. **História ecológica da Terra**. 2ª ed. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 1994. 307 p.

SANT'ANA NETO, J. L. S.; NERY, J. T. Variabilidade e mudanças climáticas no Brasil e seus impactos regionais. In: SOUZA, C. R. G.; SUGUIO, K.; OLIVEIRA, A. M. S.; OLIVEIRA, P. E. (Ed.). **Quaternário do Brasil**. Ribeirão Preto: Holos, 2005. p. 28-51.

REITZ, R.; KLEIN, R. M., REIS, A. **Projeto Madeira Santa Catarina**. Florianópolis, Lunardelli. 1979.

RICHTER, M. To what extent do natural disturbances contribute to Andean plant diversity? A theoretical outline from the wettest and driest parts of the tropical Andes. 2009. **Advances in Geosciences** 22:95–105.

TOLENTINO, M.; BITTENCOURT, A. C. S. Padrões climáticos e movimentos de massa no Holoceno: estudo de caso em Camboriú (SC). **Revista Geografia**, v. 36, n. 3, p. 71-90, 2017.

VIBRANS, A. C.; UHLMANN, A.; SEVEGNANI, L.; MARCOLIN, M.; NAKAJIMA, N.; GRIPPA, C. R.; BROGNI, E.; GODOY, M. B. Ordenação dos dados de estrutura da Floresta Ombrófila Mista partindo de informações do Inventário Florístico-Florestal de Santa Catarina: resultados de estudo-piloto. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 18, n. 4, p. 511-523, out.-dez., 2008. ISSN 0103-9954.



Recorte fotográfico mostrando a Ermida e 1ª capela à Nossa Senhora de Caravaggio em 1927

ACERVO PE. RAULINO REITZ



A Religiosidade do Imigrante Italiano na Valata Azambuja

Aloisius Carlos Lauth¹

¹Formado em Estudos Sociais. Graduado em Administração de Marketing. Mestrado em Administração Moderna de Negócios.

Sócio do IHGSC desde 1986.

Contato: aloisius12345@gmail. com

O estudo da Colônia Itajahy e Príncipe Dom Pedro, na bacia do Rio Itajaí-Mirim, revela a prática da política de imigração europeia no Império Brasileiro, os impactos na ocupação territorial e na economia de pequena propriedade, especificamente em Brusque. O Capitão Maximilian von Schneeberg fundou a Colônia Itajahy-Brusque em 1860, retirando-se em 1867, quando voltou à então Áustria. Nesse tempo, o Império autorizou a fundação da Colônia Príncipe D. Pedro, fundada por Dr. Barzillar Cottle com 98 imigrantes de língua inglesa, reemigrados de New Orleans, EUA, que foram assentados à margem direita, na confluência do Ribeirão Águas Claras com o Rio Itajaí-Mirim, em 1867. Mas a Príncipe D. Pedro faliu e o Ministério da Agricultura (LAUTH, p. 111) apontou a localização inadequada da sede, que sofreria duro golpe na enchente de 1868, ao destruir as plantações e matar por afogamento uma família inteira. A Província em nada fomentou sua recuperação, resultando o êxodo dos habitantes.

Assim, os lotes demarcados, as vias de acesso, o porto fluvial e os barracões ficaram abandonados à sorte. Foi quando o Império assinou o Contrato Caetano Pinto Jr. de importação de italianos, em 1874, e milhares aportaram no antigo território da Colônia Príncipe Dom Pedro, cujo novo assentamento² permaneceu ainda mais desordenado, feito agora em grande escala, sem condições de atendimento aos imigrantes.

A imigração italiana para os lotes abandonados iniciou em 1875, com levadas originárias de Valsugana e de Monza, que “*fugiam às misérias da pátria*”, na linguagem do Pe. Arcângelo Ganarini, e irão se assentar em Cedro Grande e Ribeirão Alferes. Um punhado foi assentado na linha colonial Ribeirão Caminho do Meio, medido pelo agrimensor Bernardes Nascentes de Azambuja, na zona urbana da colônia alemã de Brusque. Eram famílias dos arredores de Milão, na Itália, gente católica, que portavam a devoção à Senhora de Caravaggio. A devoção criou uma sociedade civil para construir uma ermida de tijolos cozidos nas terras de Pietro Colzani. Anos depois, Pe. Antônio Eising, vigário de Brusque, construirá a capelinha e os primeiros festejos de devoção à Virgem Maria. Essa união foi redigida num manuscrito, em língua italiana, contendo quatro folhas avulsas. A primeira foi escrita por Angelo Bosco e, as seguintes, por seus sucessivos secretários. Os originais foram expostos na Sala Azambuja do Museu Azambuja, permanecendo até sua reforma em 1994. Atualmente, são considerados desaparecidos do arquivo. Transcrevo o texto de uma cópia fotográfica das 4 folhas originais, do Arquivo D. Jaime, acrescida de transcrição livre, em homenagem ao sesquicentenário da imigração italiana no Brasil, e da qual eu sou descendente na quarta geração da família Padoani.

² LEDRA, Victório. Um documento histórico. NVS ano 4, n. 16, p. 82.

MEMORIA

Le famiglie partite dal Distretto di Treviglio il 22.8bre 1875 Per migrare al Brasile, dopo che furono imbarcate at Havre Faccero consilio tra di loro che (...) potevano stare unite tutte. Faccerano una piccola Chiesetta o Capella in onnore a la Madona di Caravaggio.

Dunque arivatti al Brasile andarono nella provincia di S. Catarina e fecero limpossibile per potere restare unitti ma non vi fu il mezo per il motivo che alcuni non li peaceva unna Valatta e alcuni non li piaceva laltra e poi non viera il mezo da comodarsi tutti in una sol Valatta e per questo furono costretti a comodarsi secondo la comodita e ci dispartirono quasi tutti parte per l'argentina e parte tornarono in patria e parte per le altre provincie del Brasile e quelli che ristarono furano quelli de la Valatta Azambuja ma questi erano pochi per fare una capella ma com la jutto di alcuni altri socci che in tutti furano 9 nove Famiglie fecero la dessideratta Capella de la grandezza de trentasei metri e ... centimetri quadrata e la fecero de matuni perche la stimarono più sicura e 'di meno' spesa per il mutivo che fecero tutto (...) cioè 'Matuni' Tiglie e 'legno'.

As famílias vindas do distrito de Treviglio (na Itália), no dia 22 de outubro de 1875, para emigrarem para o Brasil, assim que embarcaram em Le Havre (na França), combinaram que ficariam sempre unidas. Para isso, levantariam uma ermida, ou capela, em honra da Madona de Caravaggio. Quando chegaram ao Brasil, tendo vindo para a Província de Santa Catarina, fizeram o impossível para permanecerem unidas, mas não houve meio. Isso, porque alguns não se agradavam da Valata, outros queriam outro lugar e, depois, não foi possível acomodar a todos num só vale. Assim foram impelidos a se instalar segundo os próprios interesses e se separaram quase todos: uns foram para a Argentina; outros voltaram à pátria; e demais se espalharam em diferentes províncias do Brasil. Restaram só os que tinham ficado na valata Azambuja, os quais eram poucos para fazer uma ermida. As famílias queriam que a igrejinha medisse 36 metros quadrados e a construíram em 'barro batido', considerando ser mais segura e barata, e terem feito eles próprios.

Relazione dei Coloni de la Valatta Azambuja che in Aprile maggio del 1885 d'accordo tra di loro fecero la piccola Chiesa nella su detta Valatta dedicatta alla B.V. m. di Caravaggio.

1° Colzani Pietro li fece dono del fondo gratis per la su detta Chiesa con la piccola Piazzetta davanti e il luogo per fare la Sacrestia e un metro tutto all'intorno al difuora. E di piu fù socio in lavoro e spese come i sotto scritti. Tutto a gratis.

<i>2 Tomasini Girolamo</i>	<i>Lavoro e spese gratis</i>
<i>3 Colzani Angelo</i>	<i>Lavoro e spese id</i>
<i>4 Benaglio Pablo</i>	<i>Lavoro e spese id</i>
<i>5 Bosco Angelo</i>	<i>Lavoro e spese id</i>
<i>6 Leoni Francesco</i>	<i>Lavoro e spese id</i>
<i>7 Franciosi Carlo</i>	<i>Lavoro e spese id</i>
<i>8 Dalmazio Paoli</i>	<i>Lavoro e spese id</i>
<i>9 Fù Vanolli Antonio</i>	<i>Lavoro e spese id</i>

Relação de colonos da Valata Azambuja que, em abril e maio de 1885, em comum acordo, construíram uma ermida dedicada à bem-aventurada Virgem de Caravaggio: Pietro Colzani: que concedeu gratuitamente o terreno para a igreja, com pequena praça à frente e sacristia, e um metro em seu entorno. Ele participou de trabalhos e despesas grátis. Também Girolamo Tomasini; Pablo Benaglio; Angelo Bosco; Francisco Leoni; Carlo Franciosi; Paulo Dalmazio e Antônio Vanolli, com trabalhos e despesas.

I sotto scritti coloni de la linea Azambuja Colzani Pietro, Benaglio Paolo, Tomasini Girolamo, Bosco Angelo, Leoni Francesco, Colzani Angelo, Vanolli Antonio, Franciosi Carlo e Paoli Damasio Fin dal 1876 consiliarono tra di loro da fare una Capella nella Colonia di Colzani Pietro che lui chiedava il fundo a gratis per la Capella con il patto che se la Capella viene distrutta di qualche sinistro avvenimento la Tera resta ancora sua o dai aredi come dava il caso cioè il detto Fundo restara ancora da Colzani Pietro o suoi aredi. I sú detti Coloni l'anno 1876 Principiarono a fare lo spazzio per la Capella e poi in un momento Tutto fu nulla sollo che quando si poteva fare.

Tutti li anni si fara un consilio ma sempre si conchiudeva niente, ma la prima domenicha di Novembre dell'anno 1884 fu fatto un nuovo consilio dai sú detti Coloni e determinarono da farla di matuni como ogi si vede dunque a li ultimi di novembre 1884 diedero mano li matuni e tiglie e in Meno de due mesi furano fatti e in marzo dell'anno 1885 furanno cotti nella furnacce e ai primi Maggio la Capella era terminatta sollo maneava lo smatto e di stabelirta e al 20 Maggio 1886 la Capella era smaltatta e sbiancata e anche Fatto il Tabernacolo e la nicce sopra laltare como ogi si vede e piú tarde poi Colzani Pietro Fece altre quatro nichie due nei Fianchi a destra e sinistra e due lateralle contenente il sacro cuore di Gesù, e di Maria e nella nichia sopra laltar cie il quadro de La Madonna di Caravaggio con la Beatta Giovanetta che fû regalatta di Dna Bianca Brambilla Maritata al Conte Melzi di Milano. E Fatta di sue proprie manno.

Os colonos da linha Azambuja inscritos: Colzani Pietro, Benaglio Paolo, Tomasini Girolamo, Bosco Angelo, Leoni Francesco, Colzani Angelo, Vanolli Antonio, Franciosi Carlo e Paoli Damasio, desde 1876, conversavam entre si para constuir uma igrejinha na terra de Pietro Colzani, que a doou, gratuitamente, em acordo que, se acontecesse alguma coisa diferente, a terra continuaria sua, ou de seus herdeiros. Em 1876, os colonos começaram a planejar a igrejinha, mas a obra não ia à frente. Todos os anos tinha conselho de construção e no primeiro domingo de novembro de 1884, os colonos decidiram fazer o serviço pela manhã e, em menos de dois meses, no final de novembro de 1884, a obra estava adiantada. Em março de 1885, foram cozidos os tijolos de barro amassado, em fornos de pão das famílias, e a igrejinha foi levantada em maio, e logo rebocada. Em 20 de maio de 1886, recebeu uma pintura a cal. Foram feitos o tabernáculo e o nicho do altar-mor para colocar o quadro de Nossa Senhora de Caravaggio com a Beata Giovaneta, presenteada por Bianca Brambilla Maritata, esposa do Conde Melzi de Milão. Mais tarde, Pietro Colzani fez outros quatro nichos de próprio punho, dois para cada lateral, um ao Sagrado Coração de Jesus e outro a Maria.

Relazione dei Coloni de la Valatta Azambuja che D'acordo tra di loro Feccero la piccola chiesa Nella sù detta Vallata dedichata alla B.V. di Caravaggio. I sotto scritti coloni de la Valatta Azambuja (...) dalla sua partenza D'italia pensarono di fare unna piccola chiesa dedichata alla Madona di Caravaggio, subito dopo stabiliti nelle sue Colonie, ma di 35 famiglie che partirono restarono 5 unite e com la giund... di altre 4 famiglie adempirono al suo votto cié voluto, più lungo tempo ma il suo Desiderio e dovere e compiuto e il Giorno 24 Aprile 1887.

Fù Benedetta dal R. Padre Marcello Rocchi SJ con Aggiunto il R. Padre Giovanni Fritzen Parocho. Il Coloni sono i seguenti tutti com lavoro:

1° Colzani Pietro li fecece dono del fondo a gratis per la sù detta Chiesa com la piccola piazza davanti e il luogo per fare la sacrestia e un metro tutto all'intorno al di fuoro della Chiesa con patto ce se il Governo vuole in Padronirsi o altri sinistri avvenimenti la terra e sempre di Colzani Pietro o suoi aredi.

2 Tomasini Girolamo

3 Benaglio Paolo

4 Colzani Angelo

5 Bosco Angelo

6 Leoni Francesco

7 Franciosi Carlo

8 Paoli Dalmazio

9 Vanolli Giovanni, fù Antonio

Brusque, il 30 Maggio 1887

Relação de colonos da Valata Azambuja que, de comum acordo, construíram na valata a igrejinha dedicada a Nossa Senhora de Caravaggio. Os colonos subscritos [que vieram] da Itália planejavam construir uma pequena igreja dedicada a Nossa Senhora de Caravaggio, ao se instalarem nas suas colônias, mas, das 35 famílias, 5 permaneceram unidas, e com a chegada de outras 4 concretizaram o anseio, que demorou tempo, mas foi cumprido a 24 de abril de 1887. A igrejinha foi abençoada pelo Revmo. Pe. Marcelo Rocchi SJ, coadjuvado pelo pároco, Revmo. Pe. Joao Fritzen. Os colonos são os seguintes:

- 1- Pietro Colzani, que doou, gratuitamente, o terreno da igreja, com a pequena praça e sacristia, e um metro de entorno, acordando que, se o Governo tentasse se apropriar, ou qualquer risco, a propriedade seria sempre de Pietro Colzani, e de seus herdeiros.
- 2- Girolamo Tomasini
- 3- Paulo Benaglio
- 4- Ângelo Colzani
- 5- Francisco Leoni
- 6- Carlo Franciosi
- 7- Paulo Dalmazio
- 8- E falecido Giovanni Vanolli, Antônio.

Brusque, em 30 de maio de 1887.

Alguns pontos devem ser considerados nesta apresentação. Dr. Victório Ledra, ex-Juiz do Trabalho, afirmou que sua cópia (LEDRA, 1980, p. 82) teria o título ‘Ave Maria’, procedente de estampa no livro de Pe. José Artulino Besen, e cujos originais estariam no Arquivo D. Jaime. Eu localizei os originais em 4 folhas, que estavam afixadas na antiga Sala Azambuja, do Museu. Nota-se que o manuscrito leva a data da cidade ‘Brusque’, ainda não oficializada, e não a de Freguesia São Luís Gonzaga, cuja alteração se dará por intervenção municipal da Revolução Federalista de 1892. É bem verdade que ‘Brusque’ já era denominação popular. ‘Ainda, a folha 3 cita no original, provavelmente datado de 1886, o risco de eventual governo assumir a propriedade, garantindo a posse ao doador, ou a seus herdeiros. Se pela colonização germânica aprendemos a engenhosidade dos ofícios industriais, a da colonização italiana vai nos inserir a prática da cultura religiosa.

Referências

- BESEN, José Artulino. **Azambuja**: 100 anos. Brusque: Gráfica Mercúrio Ltda, 1977.
- BESEN, José Artulino. Os mais antigos documentos de Azambuja. **Notícias de Vicente Só**, ano 1, n. 3, abr. a jun., 1877, p. 46.
- CABRAL, Oswaldo R. **Brusque**: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1958.
- GANARINI, D. Arcângelo. Notícias de Brusque e Nova Trento. **Blumenau em Cadernos 2** (1): 15-18, jan. 1959.
- LAUTH, Aloisius Carlos. **Colonos ingleses em Águas Claras**. Blumenau: Gráfica e Editora 3 de maio, 2014.
- LEDRA, Victorio. Um documento histórico. **Notícias de Vicente Só**, ano 4, n. 16, out. a dez. 1980, p. 82.
- MARZANO, Pe. Luigi. **Coloni missionari nelle foreste del Brasile**. Firenze: Tipografia Barbera, 1904.
- MARZANO, Pe. Luigi. **Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil**. Urussanga: Ed. UFSC. Coedição Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.
- MUNICÍPIOS DE SANTA CATARINA. **Brusque e Gaspar**. São Paulo: 1956.
- PROVINCIA AUTONOMA DI TRENTO. **Gli ultimi duecento anni**. Trento: Casa Editrice Panorama, s/d.
- SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. **A colonização italiana no vale do Itajaí-Mirim**. Florianópolis: Edeme, 1981.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE. **Álbum do 1º centenário de Brusque.** Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense, 1960.

VICENZI, Pe. Jacomo. **Uma viagem ao Estado de Santa Catharina.** Petrópolis: Edição do autor, 1905.

ACERVO PE. RAULINO REITZ, 2016



Ermida e 1ª capela à Nossa Senhora de Caravaggio em 1927



Uniforme e capacete dos bombeiros voluntários da Renaux, que faz parte do acervo do Museu Casa de Brusque
FOTO: SAULO ADAMI

Brigada Renaux

Saulo Adami¹

¹ Escritor e editor de livros e roteirista de filmes documentários. Mora em Curitiba (PR) desde 2011, onde mantém a editora Estrada de Papel, criada em 2019 com sua mulher psicóloga Jeanine Wandratsch Adami.
E-mail: saulo.adami@yahoo.com.br

A iniciativa de organizar um grupamento de bombeiros – *brigadistas ou homens do fogo*, como eram também conhecidos – surgiu da iniciativa do industrial Erich Büeckmann, um dos diretores da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux. O pelotão do Corpo de Bombeiros Renaux foi implantado em 21 de abril de 1952. Porém, a guarnição não atuou apenas na área da empresa, realizou várias intervenções no âmbito do município, combatendo desde incêndios de pequenas proporções em residências até o mais conhecido de todos: o incêndio na Casa do Rádio, no centro urbano de Brusque.

FOTO: SAULO ADAMI



Uniforme e capacete dos bombeiros voluntários da Renaux no acervo da Casa de Brusque

Foram integrantes do *Pelotão Renaux* os operários: Arlindo A. da Silva, Bruno Hartke, Eberhardt Orthmann, Félix Seibert, Herbert Orthmann, Erico Ristow, Eugênio Hartke, Gerhard Nelson Appel, Heinz Besser, Hilário Limas, Ivo Wilke, José Rosin, José Soares, Manfredo Cernucki, Mario Valle, Neri Nicolau de Farias, Norberto Hartke, Otávio Carneiro, Otto Ristow, Paulo Limas, Pedro Roslindo, Pedro Wanka, Raul Moritz, Reinoldo Veigner (Wegner?), Ricardo Hartke, Rolando Haacke, Rudolfo Orthmann, Waldemar Mafra e Waldemiro Boni.²



FOTOGRAFIA DE SAULO ADAMI

Parte da equipe dos bombeiros voluntários da Renaux em duas fotografias no acervo da Casa de Brusque

Mais do que uma corporação, os bombeiros da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux tinham sua própria *casa para utensílios* e abrigo para sua viatura construída junto à indústria. O projeto foi elaborado pelo engenheiro arquiteto Paul Helmuth Keller, da Keller & Cia. Ltda. – Sociedade Técnica, de Joinville, tendo como diretor responsável George Keller. A planta das instalações foi aprovada em 25 de junho de 1954.

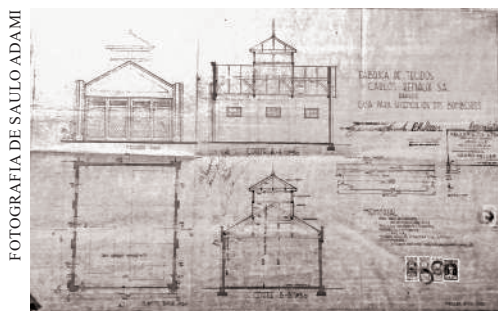


Flâmula dos bombeiros voluntários da Renaux no acervo da Casa de Brusque

FOTOGRAFIA DE SAULO ADAMI

² ADAMI, Saulo. *Cidade Schneeberg – Crônica Histórica de Brusque*. Curitiba: Estrada de Papel, 2023.

A sede abrigava os equipamentos de combate a incêndio e os carros da guarnição. A construção tinha sete metros de frente e 8,5 metros de fundos. Seu fundamento tinha base de concreto, construída em alvenaria de tijolos, piso de concreto cimentado e paredes de alvenaria de tijolos, torre com telhado com armação de madeira coberta com telhas francesas.



FOTOGRAFIA DE SAULO ADAMI

Planta baixa e projeto arquitetônico da sede do Corpo de Bombeiros da Fábrica Renault

O INCÊNDIO NA CASA DO RÁDIO

Em 5 de março de 1958, a atuação do *Pelotão Renault* foi providencial no combate ao incêndio que espalhou pânico entre os moradores do centro urbano. As chamas se alastraram rapidamente pelo interior da loja Casa do Rádio, que comercializava eletrodomésticos e bicicletas, e atingiu o estabelecimento comercial vizinho, a Loja Strecker.



ACERVO AUGUSTO SCHLINDWEIN

Populares se aglomeraram ao longo da avenida Cônsul Carlos Renaux para acompanhar o combate ao incêndio na Casa do Rádio



ACERVO DO PORTAL BRUSQUE MEMÓRIA

O incêndio de grandes proporções na Casa do Rádio também atraiu testemunhas que acompanhara o combate ao fogo na pela rua dos fundos da loja



ACERVO DO PORTAL BRUSQUE MEMÓRIA

Bombeiros da Fábrica Renaux uniram-se a outras guarnições para combater o incêndio da Casa do Rádio a partir da avenida Cônsul Carlos Renaux

O semanário *O Município*, em sua edição de 8 de março, narrou os esforços de suas guarnições de bombeiros voluntários no combate a este incêndio ocorrido na quarta-feira, dia 5 de março, com início às 17h30min, na Avenida Cônsul Carlos Renaux, num dos horários de maior movimentação.

O fogo começou no prédio da viúva Boettger, onde está instalada a Casa do Rádio Ltda., estabelecimento comercial dos mais movimentados da cidade, com grande estoque de aparelhos elétricos, bicicletas, rádios, geladeiras etc., propriedade dos senhores Norberto Schlindwein, Nelson Gevaerd e Ademar Schlindwein.³

Em fila contínua, de um lado estão o prédio dos Irmãos Strecker, com loja de ferragens e fazendas, o edifício de apartamento do Sr. Otto Niebuhr, onde funciona a Farmácia Avenida, a loja de ferragens dos Irmãos Krieger e, em seguida, o edifício Luiz Albani, onde residem várias famílias e na parte térrea localizam-se o Café Pigalle e a loja dos Irmãos Barni. Do outro lado, onde teve início o sinistro, está o edifício do Sr. Érico Appel e instalada no pavimento térreo a Relojoaria Gracher.

Era a hora de maior movimento na Avenida Cônsul Carlos Renaux quando foi dado o alarme pelos proprietários da casa. Imediatamente acorreram ao local os populares que por ali passavam, iniciando-se um corre-corre desordenado em busca de bombas de extinção de incêndio, pois a princípio parecia que o fogo pudesse ser dominado no nascedouro.

Resultantes do incêndio, grandes nuvens de fumaça tomaram conta das áreas de exposição da Casa do Rádio, enquanto as chamas aumentavam de volume:

As labaredas imensas, alimentadas por material de alto poder de combustão, avançavam em todas as direções, com fúria dantesca, reduzindo a cinzas um estoque de mercadorias avaliado em muitos milhões de cruzeiros.⁴

³ *Pavoroso incêndio destrói completamente a Casa do Rádio.* In: *O Município*, 08/03/1958.

⁴ *Pavoroso incêndio destrói completamente a Casa do Rádio.* In: *O Município*, 08/03/1958.

A impressão geral da grande massa que procurou salvar o que pudesse das casas ameaçadas, esvaziando em poucos instantes os edifícios em perigo, era de que o fogo acabava por destruir o quarteirão inteiro, tal a violência do incêndio.

As chamas já estavam alcançando o prédio dos Irmãos Strecker quando foram ouvidas as sirenes da guarnição dos bombeiros

voluntários sob o comando de Erich Bueckman e Arthur Schlösser, que imediatamente entraram em ação no combate ao fogo.⁵

Foi verdadeiramente emocionante a luta dos homens do fogo contra a fogueira imensa e destruidora. Pelos fundos, onde o incêndio começou e alastrava-se com mais violência, atacaram os bombeiros da firma Schlösser, e pela frente do prédio sinistrado foram lutar os bombeiros da Fábrica Renaux. Só quem presenciou o desenrolar da grande batalha que assumiu aspectos dramáticos pode avaliar o serviço imenso que os bombeiros de Brusque prestaram à nossa cidade.

O redator de *O Rebate*, editado por Alvino Graf, mencionou outro apoio importante no combate às chamas:

Os corpos de bombeiros da Companhia Industrial Schlösser, Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S.A. e o carro de irrigação da Prefeitura Municipal de Brusque conseguiram deter as chamas em seu foco ainda inicial. Os prejuízos sofridos foram enormes. Se não fosse a imediata intervenção dos bombeiros, o fogo teria destruído o quarteirão inteiro e, quem sabe, talvez a principal avenida da cidade.⁶

FOTOGRAFIA DE SAULO ADAMI



O semanário *O Rebate* também noticiou o incêndio na Casa do Rádio. Exemplar do acervo Museu Casa de Brusque

⁵ Pavoroso incêndio destrói completamente a Casa do Rádio. In: *O Município*, 08/03/1958.

⁶ Grande incêndio em Brusque. In: *O Rebate*: 15/03/1958.

Na época, estava em plena atividade o Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, originário da antiga Força Pública – implantada no final da década de 1910, em Florianópolis. Distante demais para ser acionado pela comunidade brusquense.

NOTAS

O Município publicou em 15 de março duas notas de agradecimento referentes ao incêndio na Casa do Rádio. A primeira nota, de 10 de março, foi assinada pelo advogado Júlio Paulo Tietzmann:

Por motivo do incêndio que irrompeu no prédio de minha propriedade, à Av. Cônsul Carlos Renaux, nesta cidade, no dia 5 do corrente mês, alugado à Casa do Rádio Ltda., quero, de público, expressar o meu mais profundo agradecimento aos valorosos corpos de bombeiros da firma Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A, comandados pelo Sr. Dr. Erich Bueckmann, e da firma Companhia Industrial Schlösser, sob o comando do Sr. Arthur Schlösser, os quais, com invulgar bravura, eficiência e heroísmo, dominaram o fogo, evitando que toda uma quadra de nossa querida cidade fosse devorada e houvesse maiores incalculáveis prejuízos.

Mais uma vez ficou evidenciada a importância capital dessas corporações de “homens de fogo” que, embora pertencentes a empresas particulares e sem qualquer auxílio governamental, tanto servem a toda uma coletividade, num gesto nobre de altruísmo e solidariedade humana.

⁷ TIETZMANN, Júlio Paulo. *Agradecimento*. In: *O Município*, 15/03/1958.

Outrossim, não posso deixar de agradecer, também, ao corpo de bombeiros da Empresa Industrial Garcia, da vizinha cidade de Blumenau, o qual atendendo de pronto a chamado que lhe fora feito, e embora não chegasse a entrar em função, esteve, entretanto, de prontidão nas imediações do prédio sinistrado, para qualquer eventualidade, até que cessasse todo o perigo, bem como a todos quantos prestaram sua cooperação pondo a salvo os móveis, livros e documentos do meu escritório de advocacia instalado no mesmo prédio.⁷

A segunda nota foi emitida pela empresa Strecker Irmãos:

Strecker e Irmãos vêm por nosso intermédio externar sua gratidão aos dedicados bombeiros da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, Companhia Industrial Schlösser e Empresa Industrial Garcia, de Blumenau, alunos do Tiro de Guerra 170, bem assim a todas as pessoas que, imbuídas de verdadeiro espírito de solidariedade humana, tanto se destacaram na extinção do incêndio ocorrido dia 5 do corrente e que consumiu parte de seu prédio, colaborando também nos trabalhos de salvamento de mercados. A todos, seu reiterado e profundo reconhecimento.⁸

A tradição de manter brigadas de combate a incêndio, iniciada na extinta Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, é mantida há mais de 60 anos por outra empresa do mesmo grupo, Indústrias Têxteis Renaux S/A, antiga Iresa, atualmente denominada Têxtil RenauxView. Em 2019, cerca de 10% de seus colaboradores eram brigadistas voluntários, passando por capacitação e constante aprimoramento.

Tais brigadas formadas nas empresas com funcionários treinados para prestar o primeiro atendimento a emergências contribuem com o trabalho do Corpo de Bombeiros Militar. Empresas com área superior a 750 m² são consideradas de alta complexidade e obrigadas por lei a terem brigada de incêndio constituída, destacou a jornalista Bárbara Sales, na edição de 13 de maio de 2019, do diário *O Município*. “Esses grupos são formados por brigadistas voluntários e particulares, cujas finalidades são realizar atividades de combate a princípio de incêndio, primeiros socorros, implementação do plano de emergência das empresas, entre outros”.⁹

Já o Corpo de Bombeiros Militar de Brusque foi criado em 9 de novembro de 1982, através do Decreto 7.743, de 31 de maio de 1979, denominado 6ª Seção de Combate a Incêndios do 2º Grupamento de Incêndios, e teve como primeiro comandante o subtenente Mário Marquardt. Era integrado por cinco sargentos, cinco cabos e 23 soldados. Hoje, o Corpo de Bombeiros local é denominado 3ª Companhia

⁸ STRECKER E IRMÃOS. *Agradecimento*. In: *O Município*, 15/03/1958.

⁹ In: ADAMI, Saulo. *Cidade Schneeburg – Crônica Histórica de Brusque*. Curitiba: Estrada de Papel, 2023.

do 3º Batalhão de Bombeiros Militar, que atende aos municípios de Brusque, Guabiruba e Botuverá.

Bibliografia consultada

ADAMI, Saulo. *Cidade Schneeberg – Crônica Histórica de Brusque*. Curitiba: Estrada de Papel, 2023.

Grande incêndio em Brusque. In: O Rebate: 15/03/1958.

Pavoroso incêndio destrói completamente a Casa do Rádio. In: O Município, 08/03/1958.

TIETZMANN, Júlio Paulo. *Agradecimento. In: O Município*, 15/03/1958.

STRECKER E IRMÃOS. *Agradecimento. In: O Município*, 15/03/1958.

Acervos consultados

Acervo Augusto Schlindwein – Brusque – SC.

Acervo Saulo Adami – Curitiba – PR.

Museu Casa de Brusque – SC.

Portal Memória Brusque – SC.

V^{to} Sr. Director das Colônias, Itapahy e
 Principe Dom Pedro, em 13 de Dezembro de 1871.
 Almoço Com^o - Tenho a honra passar as
 mãos de V^{to} Sr. e incluo offereço que me di-
 rigio a Elbedico destas Colônias, ultima-
 menti nomeado, pedindo esclarecimentos
 sobre o fornecimento de medicamentos
 aos esclavos: e se ha annos estabelecidos
 para as mesmas vantagens, como as mais
 meras.

Este não se tem regulado esta questão, ten-
 do os co-medicos a sua vontade ou fornecido
 gratuitamente os medicamentos aos esclavos
 mais pobres, ou vendido os que se achavam
 em circumstancias mais favoraveis.

Sem duvida é impossivel de fornecer pela
 quantia de \$ 400.000 annuos os necessa-
 rios medicamentos para mais de tres mil
 individuos e parece-me conveniente que
 só os esclavos novos nos primeiros tres an-
 nos de seu estabelecimento podem gozar
 desta vantagem, applicando assim a
 dita quantia, devendo os demais com
 gratuito tratamento medico pagar, con-
 forme a taxa usual, os respectivos medica-
 mentos.

Reço a V^{to} Sr. e chighe dar as ordens
 a respeito, a fim de que os medicos muito
 esempulso no exercicio de suas funções,
 possa com regularidade cumprir com
 seus deveres. Deus Guarde a V^{to} Sr.
 Almoço Com^o Dom D. Joaquim Bandeira
 de Gouveia, O. Presidente da Commissão



Documentos Oficiais 1872

Respeitada a ortografia original

Transcrição:

Luciana Pasa Tomasi

Historiadora e coordenadora
do Museu Casa de Brusque

Nº 102 Directoria das Colonias Principe D. Pedro e Itajahy em 13 de Dezembro de 1871.

Ilmo e Exmo Snr.

Tenho a honra de passar ás mãos de V^a Excia. o incluso offício que me dirigio o Medico destas colonias ultimamente nomeado pedindo esclarecimentos sobre o fornecimento de medicamentos aos colonos: se os há annos estabelecidos gosão as mesmas vantagens como os mais novos.

Até não se tem regulado esta questão tendo os ex-medicos a sua vontade ou fornecido gratuitamente os medicamentos aos colonos mais pobres ou vendido aos que se achavão em circumstancias mais favoraveis.

Sem duvida é impossível de fornecer pela quantia de \$400,000 annuais os necessarios medicamentos para mais de tres mil indivíduos e parece-me conveniente que só os colonos novos nas primeiros três annos de seu estabelecimento podem gozar desta vantagem, applicando assim a dita quantia, devendo os demais com gratuito tratamento medico pagar, conforme a taxa usual, os respectivos medicamentos.

Rogo a V^a Excia. se digne dar as ordens a respeito, afim de que o medico muito escrupuloso no exercício de suas funções, possa com regularidade cumprir com seus deveres.

Deos Guarde á V^a Excia.

Ilmo. e Exmo Snr. Dr. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente da Provincia de Santa Catharina

Maximiliano von Borowsky

Director interino



Cópia

Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da Província

Despacho: (Incompreensível) o Suppte. Aos Tribunaes competentes. Palacio do Governo da Provincia de Santa Catharina em 30 de Abril de 1972. Ass. Guilherme Cintra.

Diz Carlos Erbst, morador na Colonia de Itajahy, que tendo estabelecido um engenho para moer milho no lugar denominado rio Tavares, confluyente do rio da Limeira, e achando-se este estabelecimento muito longe da povoação dos ditos rios, aconteceu que os moradores destes lugares, reunindo-se, lhe pedião, para que mudasse o dito engenho mais para baixo em lugar mais comodo para os moradores, visto não existir outro engenho p^a moer milho neste districto e obrigando-se lhes para ajudar o Suppate na mudança. O Suppte entendendo este pedido, intencionou mudar o seu engenho para o desejado lugar e comprou para este fim um pedaço de terra,

aonde pediu colocar o engenho. Aconteceu porem, que pelo tapume que o Suppte era obrigado a fazer, colocar-se alguma agua tanto na terra d'elle como também na dos vizinhos. O Suppte., pelo seu officio, que é construtor de engenhos, logo reconhecendo isto, tratava para se entender com os seus dois vizinhos, que lhe declara, que como era na maior interesse para a povoação ali toda, como interesse d'elle, para ter aqui um engenho para moer milho, que podia bem construir ali o engenho pois erão elles até agora obrigado fazer uma viagem de perto 3 horas até na Sede da Colonia e ainda pagar passagem sobre a via Itajahy, para achar um engenho aonde podião moer o seu milho, passagem a qual lhes as vezes os faltava, por serem pobres e que não apposserão em maneira nenhuma por tal pequeno prejuízo, tanto mais que a agua que (incompreensível) a insignificante parte dos seus terrenos ficava em lugares pouco próprio para plantação, por serem pantanoso. Visto destas declinações feitas, antes que o Suppte. tinha principiado na construção do nosso engenho e persuadido mais ainda pelo próprio auxilio dado, perante semanas, por estes mesmos dois vizinhos, o Suppte. então colocou o seu engenho no mencionado lugar, (incompreensível) hoje porem depois que o engenho já se achava em trabalho há mais de seis mezes ao contente de toda povoação que estes dois vizinhos retirão a sua sagrada promessa dada em (incompreensível) de muito povo que vão que muda o engenho que com a ajuda d'elles ali foi colocado por outro lugar e nem queirão aceitar qualquer pagamento por indenização do prejuízo avaliado por arbitros. Exmo. Srs., o Suppte. que com muita despesa construiu aqui o seu engenho, persuadido pelo pedido de toda povoação, pois e este o único estabelecimento d'este ramo n'este districto e que se dava trabalhando bastante tempo sem a menor reclamação, pede por isso a V. Excia, respeitosamente que como foi dada a declaração desde dois vizinhos que aqui podia colocar o seu engenho, tanto mais que forem elles em especial que ajudavão o Suppte. na collocação deste, sendo elles os únicos que se conhecem, que pode o Suppte. ficar com o seu estabelecimento, obrigando-se a pagar aos seus dois vizinhos que se achão prejudicados, uma quantia em dinheiro que seja avaliado

pela Directoria desta Colonia ou por qualquer autoridade que acha V^a Excia. por bem a nomear. Nestes termos.

E. R. Colonia de Itajahy 14 de Dezembro de 1871. Carlos Erbs.
Conforme Maxm Borowsky



Nº 103. Directoria das Colonias Principe Dom Pedro e Itajahy, em 16 de Dezembro de 1871.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Tenho a honra de submeter á deliberação de V^a Excia. o requerimento junto do colono Carlos Erbs, em que pede de poder continuar com o moinho de fubá, por elle construído no Districto de Limeira, offerecendo-se de indennizaar dois visinhos prejudicados pela represa das aguas.

Cumpre-me informar á V^a Excia. que em vista da queixa dos mencionados visinhos do suppte, fui ver o terreno innundado, que ehe de pouca extenção, porem em redor das casas, prejudicando deste modo não só as plantações como tambem a saude de seus familiares.

Procurei de regularizar a questão por meio de accordo amigável, pagando o dono do moinho uma indenisação correspondente ao prejuizo causado, os visinhos porem não aceitarão esta proposta, querem ver livre de agua os seus lotes; e em consequencia mandei abrir o açude, franqueando assim o ribeirão, mas impedindo o trabalho do moinho, que he um grande beneficio para todo o Districto.

V^a. Excia, em vista do exposto e das declarações do suppte., determinará como por conveniente julgar.

Deos Guarde á V^a Excia.

Ilmo. e Exmo. Srr. Dir. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente dca Provincia de Santa Catharina

Max. von Borowsky

Director Interino



Telegramma.

Estação Desterro 20 de Dezembro de 1871

Nº 90 Nº de Ordem 143.

Do Director Interino das Colonias Itajahy e principe D. Pedro

A I. Exmo. Snr. Presidente da Provincia

Procedente da Estação de Itajahy

Attendendo a repetidas reclamações dos colonos, cujos nomes de achão incluídos nas contas destas colonias, dos mezes de Setembro e Outubro do corrente anno, rogo a V. Excia. se digne de mandar participar-me com o pagamento destas contas, será realizado em breve.

Se houver mais demora peço a auttorozação de poder emitir vales das respectivas quantias dos colonos mais necessitados.

Assig. Maximiliano Von Borowsky

(Incompreensível)

Nº 104 Directoria das Colonias Itajahy e Principe Dom Pedro, em 23 de Dezembro de 1871.

Ilmo. e Exmo Snr.

Tenho a honra de passar ás mãos de V^a Excia. o requerimento incluso dirigido á I. Excia. o Snr. Ministro d'Agricultura, Comercio e Obras Publicas, em que peço ser nomeado Director efetivo destas Colonias e rogo respeitosamente á V^a Excia. se digne de mandar fazer chegar-o á seu destino, acompanhado pela recta e valiosa informação de V^a Excia.

Deos Guarde á V^a Excia.

Ilmo. e Exmo. Srr. Dir. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente dca Provincia de Santa Catharina

Max. von Borowsky

Director Interino



Nº 105 Directoria das Colonias Itajahy e Principe Dom Pedro, em 24 de Dezembro de 1871.

Ilmo. e Exmo Snr.

Tenho a honra de submeter á deliberação de V^a Excia. o requerimento de Christovão Brand, ex-Professor do Districto “Limeira” em que pede o pagamento de \$45\$000, seus vencimentos de 1º de Janeiro á 1º de Abril do corrente anno, data em que foi suspenso pelo ex-Director João Detsi.

Incontestavelmente foi acto de necessidade a dita suspensão, sendo notório a incapacidade do suplicante, julgo porem de toda equidade a sua pretensão, tendo elle exercido o cargo, que lhe foi confiado, com approvação da Exma. Presidencia, pelo ex-Director Klitizing, até a referida data.

V^a Excia. determinará como por justo julgar.

Deos Guarde á V^a Excia.

Ilmo. e Exmo. Srr. Dir. Joaquim Bandeira de Gouvêa

D. Presidente dca Provincia de Santa Catharina

Max. von Borowsky

Director Interino



Pelznickel em desfile natalino de Guabiruba-SC
ACERVO ELIVELTON REICHERT- PREFEITURA DE GUABIRUBA



Símbolos e Identidade Cultural no Vale do Itajaí-Mirim:

A Marca de Guabiruba/SC

Elivelton Reichert

Tecnólogo em Marketing pela Universidade Regional de
Blumenau - FURB; Acadêmico de Ciências Econômicas
na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

E-mail: eliveltonr@outlook.com

INTRODUÇÃO

O espaço, segundo Milton Santos (1994), é uma construção simbólica moldada pela história, cultura e práticas sociais de seus habitantes. Em contextos urbanos de pequeno porte, como Guabiruba (SC), no Vale do Itajaí-Mirim, essa construção assume um papel ainda mais visível: o território se torna acervo da memória coletiva e da identidade cultural, marcada por elementos singulares e duradouros.

Este artigo propõe uma reflexão sobre o conceito de marca territorial sob uma ótica simbólica e interpretativa, partindo da hipótese de que a identidade cultural e os símbolos locais constituem um ativo fundamental para o desenvolvimento econômico e social, sem recorrer à lógica publicitária. Em vez de logotipos e slogans, interessa-nos aqui a marca como percepção coletiva enraizada nas experiências culturais vividas, como propõem Kavaratzis (2005) e Anholt (2007).

MARCA COMO PERCEPÇÃO CULTURAL

O conceito de marca territorial vem sendo progressivamente ressignificado. De uma abordagem centrada em estratégias de marketing, passou-se a compreender a marca como um fenômeno cultural e social, ligado à reputação construída pela coletividade ao longo do tempo (ANHOLT, 2007). Assim, a gestão da marca de uma cidade se aproxima mais da gestão simbólica da identidade coletiva do que de campanhas promocionais.

Kavaratzis (2005) argumenta que o processo de gestão de marca de uma cidade deve emergir da interpretação dos seus significados culturais e valores compartilhados. A marca territorial, nesse sentido, é um campo simbólico em disputa, onde convergem representações, afetos e tradições locais. Essa perspectiva é compatível com a visão de Stuart Hall (2005), para quem a identidade cultural é sempre relacional, construída no tempo e atravessada por múltiplas referências. Portanto, refletir sobre a marca de uma cidade como Guabiruba, implica identificar e valorizar seus símbolos latentes, aqueles que, com ou sem institucionalização formal, estruturam a percepção da comunidade sobre si mesma.

HERANÇA E SÍMBOLO VIVO

A cidade de Guabiruba se insere num contexto regional fortemente marcado pela imigração germânica, que deixou traços permanentes em diversas dimensões do cotidiano. Desde a arquitetura enxaimel até as festas religiosas e a gastronomia, nota-se uma presença simbólica densa e repleta de significados.

Um dos exemplos mais emblemáticos dessa simbologia é o personagem Pelznickel, uma figura folclórica trazida pelos imigrantes germânicos e que ainda hoje se manifesta na cultura local, especialmente no período natalino. Trata-se de uma figura mascarada, com vestes rústicas e folhagens, que visita as famílias para avaliar o comportamento das crianças. Sua permanência no imaginário coletivo revela não apenas a continuidade da tradição, mas também a maneira como a cultura local ressignifica suas heranças para manter um senso de pertencimento.

Outros símbolos também compõem a marca cultural da cidade: a religiosidade (predominantemente católica), as paisagens naturais e a forte união comunitária. Tais elementos não são apenas estéticos, pois estruturam modos de vida, definem prioridades e constituem uma narrativa compartilhada sobre “quem somos”, e o que Charles Taylor (1997) chamaria de marcos significativos do self coletivo.

Esses símbolos podem, portanto, ser considerados vetores de desenvolvimento quando articulados a políticas públicas de valorização do patrimônio imaterial, turismo cultural e planejamento urbano com identidade. Como ressalta Canclini (2008), a cultura não deve ser vista apenas como herança, mas como um campo estratégico para a produção de sentido e de valor social.



Pórtico na entrada do município de Guabiruba-SC, com arquitetura inspirada em traços germânicos e estátua do Pelznickel ao lado

IDENTIDADE CULTURAL E DESENVOLVIMENTO

A percepção que os habitantes têm de sua cidade influencia diretamente a forma como ela se projeta no mundo. Quando valores como tranquilidade, fé, respeito às tradições e conexão com a natureza estão integrados ao modo como os moradores vivem e falam de seu território, cria-se uma base sólida para uma marca territorial genuína, algo que Anholt (2007) identifica como *competitive identity* construída de dentro para fora.

No caso de Guabiruba, essa identidade está profundamente ancorada nos laços comunitários e na continuidade cultural. Há, portanto, um potencial ainda pouco explorado de transformar essa percepção simbólica em vetor de desenvolvimento local, por meio do fortalecimento do turismo de memória, da educação patrimonial e de políticas públicas baseadas em escuta ativa e pertencimento.

Como salienta Milton Santos (1994), o território só adquire sentido quando é apropriado por seus sujeitos. Isso implica reconhecer que símbolos como o Pelznickel, as festas típicas, os ritos religiosos e a própria paisagem não são meras referências culturais, mas estruturas vivas de identidade e coesão social e, por isso, devem ser vistos como ativos no planejamento do futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou refletir sobre a marca territorial como um campo simbólico e cultural, com base no exemplo de Guabiruba. Ao invés de se apoiar em estratégias de marketing e identidade visual, propõe-se que a marca de uma cidade seja compreendida como uma percepção socialmente construída, ancorada em símbolos culturais duradouros.

A trajetória cultural da cidade expressa em figuras como o Pelznickel, na religiosidade e na relação com a natureza, mostra que a identidade local é simultaneamente herança e projeto. Valorizá-la não significa engessá-la, mas ativá-la como força de coesão, de memória e de inovação.

Com base em autores como Hall (2005), Taylor (1997), Canclini (2008) e Kavaratzis (2005), argumenta-se que a construção simbólica do território é essencial para qualquer política de desenvolvimento sustentável. Em Guabiruba, essa construção já existe: o desafio está em reconhecê-la e potencializá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANHOLT, Simon. *Competitive Identity: The New Brand Management for Nations, Cities and Regions*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.


KAVARATZIS, Mihalis. City branding: A critical analysis of practice. *Journal of Brand Management*, v. 12, n. 1, p. 5–14, 2005.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Edusp, 1994.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.



Antônio "Néco" Heil
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE



Antônio “Neco” Heil (1928-1971):

O homem além da rodovia

Julie Francine Ricardo¹

¹Historiadora e pesquisadora do Museu Casa de Brusque.

E-mail: juliefricardo@gmail.com

Milhares de pessoas, todos os dias, trafegam pela Rodovia SC-486. Com seus aproximadamente 107,8 km de extensão, ela liga o município de Itajaí, a partir da BR-101, até Presidente Nereu, cruzando as cidades de Brusque, Botuverá e Vidal Ramos, que estão localizadas na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Do km 0 ao km 65,4, esta rodovia é conhecida pelo nome de Antônio Heil, cuja vida e obra são tema do presente artigo.

Vida privada

Antônio Heil, conhecido pelo apelido Neco, nasceu em 13 de julho de 1928, na cidade de Brusque, Santa Catarina. Filho de Frederico Heil e de Maria Erbs Heil, recebeu o nome em homenagem a Santo Antônio, cujo dia fora celebrado um mês antes do seu nascimento, em 13 de junho.

Aos 22 anos, casou-se com a primeira namorada, Dorys Bianchini, em 31 de março de 1950. Juntos, o casal construiu uma bela família e teve quatro filhos: Suzete, Joceline, Frederico e Paulo Francisco.

Segundo depoimentos da família, Neco era um homem simpático, prestativo e honesto. Vaidoso com a aparência, usava brilhantina nos cabelos e tinha o hábito de não sair de casa sem antes lustrar os sapatos. Suas grandes paixões eram a família, o trabalho e o futebol.

Antônio Heil, Dorys
Bianchini Heil, Suzete Heil
Martins, Joceline Heil,
Frederico Heil,
Paulo Francisco Heil.
Brusque, 1969-1970



ACERVO FAMÍLIA HEIL

Formação e carreira profissional

No que se refere à sua formação, Antônio Heil possuía os estudos primários e secundários, este último equivalente ao atual Ensino Médio, realizados em Brusque. Foi na cidade natal que cresceu e iniciou a sua trajetória empreendedora. Trabalhou no Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (INCO), com sede em Itajaí, e também atuou como tesoureiro na Caixa Econômica Federal. Paralelamente, prestava serviços de contabilidade para algumas empresas de Brusque.

Em 19 de julho de 1945, Francisco Olegário e Antônio Heil fundaram a empresa Casa Avenida de Irmãos Heil. Ela pode ser considerada a primeira loja de departamentos de Brusque, e estava localizada no centro da cidade, mais especificamente na avenida Cônsul Carlos Renaux, onde hoje funcionam as lojas “Aqui é 10” e “Koerich”. No início, o estabelecimento comercializava principalmente artigos para presentes e máquinas de costura. Com o tempo, expandiu sua atuação para a venda de tecidos, confecções, eletrodomésticos, lambretas e motos. Era administrada pelos irmãos Francisco e Antônio que, em parceria, transformaram a Casa Avenida em um comércio próspero. O período das festas de final de ano era

um dos mais movimentados na loja, que fez parte da vida de muitos brusquenses. A Casa Avenida permaneceu ativa até o começo dos anos 2000 e marcou toda uma geração.

Na sociedade brusquense, Antônio Heil teve atuação destacada em diversas instituições, como o Rotary Club de Brusque, do qual exerceu a presidência. Ele também foi um dos sócios-fundadores da Sociedade Amigos de Brusque (SAB), em 1953, participando da diretoria da referida entidade por 18 anos no cargo de tesoureiro, o que evidencia o compromisso de Heil com a preservação da história de Brusque e região.

A fotografia apresentada abaixo faz parte do acervo do Museu Casa de Brusque e retrata autoridades reunidas na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da sede da SAB, em 4 de agosto de 1968, no terreno que hoje abriga o museu. No canto esquerdo, Heil e Ayres Gevaerd — presidente da sociedade durante décadas e um dos seus principais idealizadores — aparecem abraçados, o que demonstra a amizade da dupla. O verso da fotografia conta com uma dedicatória escrita à mão por Antônio Heil, com os seguintes dizeres: *“Ao amigo Ayres, recordação do lançamento da pedra fundamental da ‘Casa de Brusque’, com a presença do Governador Ivo Silveira e de Dom Afonso. Brusque, 4/8/1968. Um abraço, Neco”*.



Lançamento da pedra fundamental da Sociedade Amigos de Brusque. 4 de agosto de 1968. Estão presentes Antônio Heil, Ayres Gevaerd, Ivo Silveira, Dom Afonso Niehues e outros

A paixão pelo futebol

Além da família e do trabalho, Antônio Heil nutria uma verdadeira paixão pelo futebol. Seus times do coração eram o Clube Atlético Carlos Renaux, de sua cidade natal, e o Botafogo, do Rio de Janeiro. Embora a miopia e os óculos de grau o impedissem de praticar o esporte com frequência, Heil encontrou outras formas de se envolver profundamente com o futebol.

No Clube Atlético Carlos Renaux, atuou como presidente, tesoureiro e até técnico. Seu envolvimento com o clube foi tão intenso que, em parceria com o amigo Pe. Eloy Dorvalino Koch, escreveu um livro, intitulado “Clube Atlético Carlos Renaux (ex-Sport Club Brusquense): o vovô do futebol catarinense”, lançado em 1960, durante as comemorações do centenário da cidade. A obra conta a história do primeiro time de futebol de Brusque, fundado em 1913, que também é um dos mais antigos de Santa Catarina.

Em 30 de março de 1958, Brusque viveu um dos momentos mais marcantes da sua história esportiva: o amistoso entre o Clube Atlético Carlos Renaux e o Botafogo. A partida, realizada no Estádio Augusto Bauer, ficou conhecida por muitos como o “jogo do século” no contexto do futebol catarinense. Antônio Heil, então presidente do Carlos Renaux, foi um dos principais articuladores da vinda do time carioca a Brusque. Ele, inclusive, foi o responsável por buscar e acompanhar o técnico João Saldanha durante o percurso entre o aeroporto de Itajaí e o local da partida.

Diante de um estádio lotado, o time da casa, formado em sua maioria por operários locais e com nomes como Júlio Camargo, Esnel, Petrusky e Teixeira, surpreendeu ao terminar o primeiro tempo vencendo por 4 a 1 a equipe do Botafogo, recheada de craques como Nilton Santos, Didi e Garrincha — que, poucos meses depois, se consagrariam campeões mundiais na Suécia. No final do segundo tempo, o placar ficou em 5x5. Apesar do empate, os torcedores brusquenses saíram em festa pelas ruas da cidade.

Um detalhe especial sobre o amistoso é que Nilton Santos recebeu a notícia de sua convocação para defender a Seleção Brasileira na Copa

do Mundo de 1958 enquanto estava em Brusque. No dia seguinte à partida contra o Carlos Renaux, Antônio Heil propôs ao jogador que, se o Brasil conquistasse o título na Suécia, ele retornaria à cidade. A vitória se concretizou e, como prometido, o craque voltou a Brusque, participando de uma confraternização realizada na famosa Granja Fala-Fala, de Cyro Gevaerd, localizada no bairro Bateas.

ACERVO PARTICULAR ÉRICO
ZENDRON/BRUSQUE MEMÓRIA



Registro do churrasco realizado para receber o jogador Nilton Santos, em 1958. Na imagem, estão Adherbal Schaefer, Rubinho Diegoli, Nilton Santos, Antônio Heil e Francisco Heil

Além de sua destacada atuação no Clube Atlético Carlos Renaux, Antônio Heil, ainda jovem, esteve envolvido na criação do Independente F.C., cuja fundação data de 10 de março de 1946. Na equipe, exerceu os cargos de presidente e diretor técnico.

A dedicação de Heil ao esporte não se limitou ao futebol. Em 1960, ele foi um dos membros da Comissão Central Organizadora (CCO) da primeira edição dos Jogos Abertos de Santa Catarina, realizada em Brusque. Sua função era na secretaria executiva.

Carreira política

A trajetória política de Antônio Heil teve início com a candidatura ao cargo de vereador na Câmara Municipal de Brusque. Filiado ao Partido Social Democrático (PSD), ele concorreu nas eleições realizadas em 7 de outubro de 1962, e foi eleito com 639 votos. Permaneceu na função até o fim do mandato, em 1965.

Na época, Brusque vinha sendo governada pela União Democrática Nacional (UDN) havia pelo menos três mandatos, com os prefeitos Mário Olinger (1951-1954) e seu substituto Aníbal Diegoli (1954-1956), Dr. Carlos Moritz (1956-1961) e Cyro Gevaerd (1961-1966). O então vereador Antônio Heil foi a figura escolhida pelo PSD para concorrer nas eleições à chefia do Executivo de 1965, devido ao seu carisma e simpatia. Ele era conhecido pelo povo brusquense desde seus tempos como funcionário da Caixa Econômica Federal e através da Casa Avenida Irmãos Heil.

No discurso de lançamento de sua candidatura, Heil se apresentou como democrata e cristão, destacando seu compromisso com a liberdade, a fraternidade, os direitos e a segurança dos brusquenses. Ele afirmou repudiar a injustiça e a perseguição, e que estava se submetendo ao voto popular com honestidade e transparência. Além disso, Neco fez um convite à união do povo de Brusque para que, juntos, pudessem construir um governo tranquilo, progressista e justo. Em sua mensagem, salientou que seu foco estaria em planejar e, principalmente, em realizar as mudanças necessárias para a cidade.²

As propagandas eleitorais de Neco adotavam uma temática futebolística, como é o caso da apresentada a seguir:

“A torcida está firme, o PSD é maioral.
NECO comanda o time, para a vitória final.
Começou o segundo tempo, a torcida
pede olé.
Não existe contra tempo, pois NECO é o
rei pelé.
Não adianta espernear, muito menos,
quero, quero.
O jogo vai terminar e será de seis a zero.
O árbitro a 3 de outubro, dá o jogo por
terminado.
Pessedista está rubro, é NECO por todo
o lado³”.

² MORITZ, Danilo;
WESTRUPP, Celso;
IMHOF, Ciro Francisco.
Eleições em Brusque:
bastidores, personagens,
resultados. Brusque: Ed.
UNIFEBE, 2020.

³ MORITZ, Danilo;
WESTRUPP, Celso;
IMHOF, Ciro Francisco.
Eleições em Brusque:
bastidores, personagens,
resultados. Brusque: Ed.
UNIFEBE, 2020. p. 147.

Nas eleições municipais de 1965, Antônio Heil teve como adversários Alexandre Merico, da UDN, e Hilário Bernardi, do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). A eleição foi altamente competitiva. No pleito realizado em 3 de outubro, Heil saiu vitorioso, conquistando 4.850 votos, o que representou 48,78% do total. A diferença para o segundo colocado, Alexandre Merico, foi de apenas 20 votos, o que evidencia a acirrada disputa nas urnas.

Antes da posse de Antônio Heil como prefeito de Brusque, o Brasil passou por um importante marco político: o Ato Institucional nº 2, em 27 de outubro de 1965, que extinguiu o pluripartidarismo. Com isso, o PSD, partido ao qual Heil era filiado, deixou de existir. Diante dessa mudança, ele migrou para a Aliança Renovadora Nacional (ARENA).

Em meio a esse novo cenário político, Neco assumiu o cargo de prefeito de Brusque em 31 de janeiro de 1966, dando início a uma gestão marcada por importantes realizações para o município. Durante seu mandato, Heil se destacou pelas melhorias na infraestrutura urbana, com a inauguração de praças, reformas e abertura de novas escolas. A modernização do tráfego urbano igualmente se apresentou como prioridade, através do calçamento de diversas ruas da cidade, incluindo importantes vias como as ruas Paes Leme, Barão do Rio Branco, 7 de Setembro, Azambuja, Felipe Schmidt e a Avenida Otto Renaux, além da construção de novas pontes.

Nesse período, Brusque recebeu diversas visitas do então governador de Santa Catarina, Ivo Silveira (1918-2007), que esteve presente em muitas das inaugurações promovidas pela administração municipal. Heil e Silveira mantinham uma relação de amizade próxima e, segundo relatos dos filhos de Neco, a família do governador chegou a se hospedar na residência do prefeito em mais de uma ocasião.

Durante sua gestão, Antônio Heil precisou se ausentar temporariamente do cargo devido a uma viagem à Alemanha, em 1967. Nesse período, a administração municipal ficou sob responsabilidade do então presidente da Câmara de Vereadores, Kurt Schlösser, que assumiu interinamente a prefeitura por vinte dias.

Um dos grandes feitos da gestão de Antônio Heil foi a inauguração do novo prédio da Prefeitura Municipal de Brusque, realizada em 4 de agosto de 1968. As obras de construção tiveram início em julho de 1965 e foram concluídas durante seu mandato como prefeito. Localizado na Avenida Monte Castelo, no centro da cidade, o edifício foi sede do Executivo municipal até 1992. Atualmente, abriga uma agência do Banco Itaú. Outro espaço importante entregue à comunidade foi o Pavilhão Antônio Heil, popularmente conhecido como Pavilhão da FIDEB, inaugurado em 23 de janeiro de 1970. A cerimônia de inauguração contou com a presença do governador Ivo Silveira e a realização da IV Feira do Tecido. Por um longo período, o pavilhão serviu de palco para a Feira de Tecidos da cidade, daí o nome FIDEB. Hoje, o local abriga a Praça da Cidadania, o Camelódromo e a Policlínica, no centro de Brusque.

No que se refere à vida política, um fator de destaque foi a instituição da Cimenvale (Cimento e Mineração Vale do Itajaí S.A.), em 19 de fevereiro de 1968. A companhia de economia mista foi criada com o objetivo de instalar uma fábrica de cimento em Brusque, a partir de uma jazida de calcário já adquirida no município de Vidal Ramos. A criação da empresa contou com a liderança de Antônio Heil, que presidiu a iniciativa, e teve a colaboração de Cyro Gevaerd e Alcides Abreu. O projeto também contou com o apoio e a participação do Governo do Estado de Santa Catarina. Durante alguns anos, a Cimenvale manteve um escritório em Brusque, mas, apesar dos esforços iniciais e do entusiasmo em torno do empreendimento, a fábrica de cimento nunca chegou a ser concretizada. Com o tempo, o projeto foi descontinuado e a empresa acabou sendo adquirida por outra companhia do setor.

Antônio Heil permaneceu no cargo de prefeito de Brusque até o fim de seu mandato, em 31 de janeiro de 1970. No mesmo ano, decidiu dar continuidade à carreira política com uma candidatura a deputado estadual pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Nas eleições, realizadas em 15 de novembro de 1970, Heil conquistou uma votação expressiva e surpreendente, obtendo 14.631 votos, sendo o sétimo mais votado em todo o estado. Ele teve votos em todos os 142 municípios

catarinenses, o que demonstrou um significativo reconhecimento em diferentes regiões de Santa Catarina. Na comarca local, que abrangia Brusque, Guabiruba, Botuverá e Vidal Ramos, somou 9.602 votos. Desse número, 7.305 foram em Brusque.

Eleito para compor a 7ª Legislatura da Assembleia Legislativa de Santa Catarina (1971–1975), Antônio Heil iniciou seu mandato em 1971. No entanto, sua atuação parlamentar foi interrompida de maneira precoce. Ainda no primeiro ano de legislatura, em 1971, faleceu vítima de um grave câncer de pâncreas, encerrando de forma abrupta uma trajetória política marcada por forte atuação local e crescente projeção estadual.

O legado

Em 11 de junho de 1971, aos 42 anos, Antônio Heil faleceu no Hospital de Caridade, na capital catarinense, Florianópolis. Sua partida causou grande comoção em Brusque. O velório aconteceu no Salão Nobre da Prefeitura Municipal e reuniu familiares, amigos, autoridades e populares. O caixão foi carregado pelas mãos de pessoas próximas em um cortejo solene que seguiu até o cemitério católico, localizado à época atrás da Igreja Matriz, e foi acompanhado pela Banda Araújo Brusque. Em sinal de luto, o comércio local fechou as portas no dia do enterro. A cerimônia contou ainda com a presença do então governador do estado, Colombo Salles, além de inúmeras homenagens, inclusive na Assembleia Legislativa.

O jornal “O Município”, em sua edição de 18 de junho de 1971, dedicou ampla cobertura à despedida de Antônio Heil. O editorial destacou sua liderança, integridade e profundo amor por Brusque, e reproduziu um poema em sua homenagem que dizia: “Uma coisa há de servir de consolo. Tiveste uma vida gloriosa que será lembrada pelos tempos em fora⁴.”

Durante a missa de sepultamento, o Monsenhor Valentim Loch definiu a trajetória de Antônio Heil ao afirmar que ele era um

⁴DA SILVA, Bruno. **Após 50 anos da morte, relembre a trajetória do ex-prefeito Antônio Heil.** O Município, 2021. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/apos-50-anos-de-morte-relembre-trajetoria-do-ex-prefeito-antonio-heil/>>. Acesso em: 02 jun. 2025.

homem que fazia da política um meio, e não um fim. Essa visão se reflete até hoje em seu legado, que vai além das ações políticas e administrativas. Ele é lembrado como uma figura generosa e profundamente comprometida com o bem comum, como o “alemãozinho querido dos brusquenses”.

Entre as marcas mais duradouras de sua vida pública, está a Rodovia Antônio Heil. A estrada de ligação entre Brusque e Itajaí era uma demanda antiga da população e começou a ganhar forma no fim da década de 1960, quando Antônio Heil iniciou os esforços para viabilizar a obra. As tratativas com o governo federal avançaram e, durante a gestão de Heil na prefeitura, o então Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, visitou Brusque e assinou uma licitação para o início da construção, que aconteceu em 1969.

A rodovia foi oficialmente inaugurada em 25 de outubro de 1974, com a presença do governador Colombo Salles e da viúva de Heil, Dorys Bianchini Heil, responsável por cortar a fita na solenidade. A estrada recebeu o nome de Antônio Heil em sua homenagem e tornou-se uma das vias mais importantes e movimentadas do estado de Santa Catarina.



ACERVO PARTICULAR ÉRICO
ZENDRON/BRUSQUE MEMÓRIA

Inauguração da Rodovia Antônio Heil, em 1974

Além da rodovia, o nome de Antônio Heil também está presente em diversos espaços públicos, como a Arena Multiuso Antônio Neco Heil, em Brusque; a Rua Antônio Heil, em Florianópolis; e a Rua Deputado Antônio Heil, em Criciúma e Blumenau.

Fato é que o legado de Antônio Heil permanece vivo não apenas através da rodovia, mas sobretudo na memória dos familiares, antigos moradores brusquenses e de todos aqueles que reconhecem em sua trajetória um exemplo de dedicação e amor por Brusque. Apesar de sua partida prematura, ele continua presente em cada lembrança deixada, homenagem recebida e obra pela qual tanto batalhou para construir.

Agradecimentos especiais à Família Heil e a Aurinho Silveira de Souza pelo apoio na escrita deste artigo.

Referências consultadas

DA SILVA, Bruno. **Após 50 anos da morte, relembre a trajetória do ex-prefeito Antônio Heil.** O Município, 2021. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/apos-50-anos-de-morte-relembre-trajetoria-do-ex-prefeito-antonio-heil/>>. Acesso em: 02 jun. 2025.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Antônio Heil.** 2022. Disponível em: <https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/86-Antonio_Heil>. Acesso em: 06 jun. 2025.

MORITZ, Danilo; WESTRUPP, Celso; IMHOF, Ciro Francisco. **Eleições em Brusque:** bastidores, personagens, resultados. Brusque: Ed. UNIFEBE, 2020.

Pioneiros: as histórias daqueles que abriram caminho para transformar Brusque na cidade que hoje conhecemos. Prisma Cultural. Disponível em: <<https://controle.omunicipio.com.br/wp-content/uploads/2020/10/minha-santa-catarina-minha-santa-catarina-pioneiros-ok.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2025.



Casa da família Ramos Krieger, número 77 da rua Felipe Schmidt.
Observa-se o pavimento em paralelepípedo referenciado no texto
ACERVO MARIA DO CARMO RAMOS KRIEGER



Entre lajotas, pavers e paralelepípedos:

Ruas de Brusque por onde andei

Maria do Carmo Ramos Krieger

A autora é natural de Brusque, pesquisa sobre a imigração polonesa em sua cidade, com vários livros e artigos publicados sobre o tema.
E-mail: maria-carmo@hotmail.com

**“Nessas ruas que são bem mais que caminhos:
São parte de quem somos.” (SANTOS, 2025)**

Em 1982, impelida pela curiosidade dos porquês das denominações de ruas, praças, pontes, avenidas e demais logradouros públicos de minha cidade natal, Brusque/SC, entusiasmei-me e fui em busca de quem estava por trás de tais homenagens. Afinal, queria saber quem eram eles e elas na “ordem do dia”, seus feitos, suas participações nos contextos histórico, geográfico, social, econômico e cultural no cenário não só local, mas extrapolando limites da cidade.

Como resultado de minhas buscas, publiquei o livro Brusque: essas ruas que eu amo. Com capa de Lotar Krieger, o livro listou 50 logradouros. Não lembro como se deu a escolha, porém ex-governadores, ex-prefeitos, ex-diretores da então Colônia Itajahy – depois conhecida como Brusque –, santos, gente da comunidade, datas históricas e religiosas fizeram parte da edição.

Como brusquense, quis apresentar a importância de tais agentes para uma sociedade que vivia antes (e veio depois) de 8 de agosto de 1980, quando ocorreu a queda da Ponte Irineu Bornhausen, que impactou a cidade. Irineu foi um dos nomes lembrados no livro.



Reprodução capa do livro Brusque: essas ruas que eu amo

Ponte Irineu Bornhausen

Nascido em Itajaí a 25 de março de 1896, Irineu Bornhausen foi um dos homens públicos mais importantes de Santa Catarina. Sua participação efetiva na vida política teve início em sua cidade natal, onde foi vereador e prefeito. Durante essa atuação, a comunidade ganhou obras expressivas no setor urbano e o seu nome tomou projeção regional quando, na qualidade de um dos maiores acionistas do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A – INCO, incrementou recursos que impulsionaram atividades de diversas empresas no Vale do Itajaí.



Travessia do rio Itajaí-Mirim, centro de Brusque, 1865. Local da balsa onde, posteriormente, foi erguida uma ponte

Como governador, ele foi um realizador incansável, com obras de grande vulto. Dedicou atenção maior às realizações voltadas para a criação da ACARESC – Associação de Crédito de Assistência Rural de Santa Catarina –, da Secretaria da Agricultura, e ao funcionamento da FARESC – Federação das Associações Rurais do Estado de Santa Catarina. Tais ações levaram o nome de Irineu a ser conhecido como governador voltado às causas do campo e aos direitos dos trabalhadores rurais, mediante uma assistência técnica e orientação, imprescindíveis para que o agricultor tivesse, além da garantia de uma boa colheita, a orientação certa para sua produção agrícola.

Ele também incentivou a criação de escolas dedicadas ao ensino específico de iniciação agrícola e agrotécnica.

A reforma no TAC – Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, e a construção do então Palácio da Agrônômica, residência oficial dos governadores de Santa Catarina (hoje Casa d'Agrônômica), aconteceram no período de seu governo, pela extinta UDN – União Democrática Nacional, no quadriênio 1951-1956.

Após esse período, Irineu Bornhausen foi senador pelo Estado, dando continuidade ao seu plano de auxílio a Santa Catarina. Ele foi considerado um dos melhores administradores estaduais.

Governante querido e simpático, era muito benquisto e conhecido como *Bom velhinho*.

Foi casado com Marieta Konder Bornhausen. Eles tiveram três filhos, um dos quais, Jorge, também governou o Estado.

Irineu Bornhausen é o nome da principal ponte de Brusque, reconstruída em 1981, após a queda da primeira, que havia sido construída em 1954 e inaugurada por ele, enquanto Governador do Estado.

Como se vê, Irineu foi uma figura tão importante na política catarinense, que teve seu nome rebatizado a cada nova ponte, no mesmo lugar; inclusive a de 1980, a qual foi substituída por outra, a Ponte Estaiada, inaugurada em 20 de abril de 2004.

Duas décadas antes, em 1960 a cidade havia comemorado 100 anos de sua fundação, e os festejos prolongaram-se por todo aquele ano. Retratando a época, Bárbara SALLES (2020) escreveu:

“O interior de Brusque, que até os anos 60 era formado pelas áreas que hoje correspondem a Guabiruba, Botuverá, Vidal Ramos e Presidente Nereu (...) foi colonizado com base na agricultura familiar. (...) Com o passar dos anos, a agricultura já não bastava para o sustento das famílias, que cresciam. (...) Como nessas localidades não havia emprego, filhos e netos começaram a sair do interior, em busca de uma vida melhor. (...) A região de Brusque era o destino dessas famílias, pois as indústrias Renaux, Schlösser e Büettner estavam em pleno crescimento”.

Não por acaso nomes das famílias ligadas às indústrias foram honradas em diversos logradouros, como o do Cônsul Carlos Renaux, cujo nome foi dado à principal avenida da cidade.

Avenida Cônsul Carlos Renaux

A 11 de março de 1862 nascia Carlos Renaux, em Loerrach, antigo Grão-Ducado de Baden/Alemanha.

Ele foi aprendiz no Banco Hipotecário de Loerrach, em cujo estabelecimento teve os primeiros contatos com o mundo financeiro, permanecendo cerca de três anos no local. Vislumbrando a possibilidade de emigrar para o Brasil, assim o fez, aqui chegando em 1882, aos vinte anos de idade.

Em solo catarinense, Carlos Renaux conseguiu emprego na firma Germano Willerding, em Blumenau. Pouco tempo depois foi enviado a Brusque, para administrar a filial da firma, tendo se saído muito bem nos negócios. Tão bem que seu trabalho exemplar e seus anos de dedicação profissional possibilitaram-lhe a aquisição do estabelecimento comercial.

Alguns anos mais tarde deu continuidade às suas atividades relacionadas ao comércio, instalando em Brusque um novo ramo: o da indústria têxtil. Era a resposta ao anseio de imigrantes de origem polonesa que haviam imigrado para o município, já que eles não se haviam adaptado ao trabalho agrícola, e alguns tinham conhecimentos no setor têxtil.

Se o pioneirismo de Carlos Renaux lhe valeu o respeito equivalente a um nome de empreendedor, com destaque na indústria têxtil, foi ele também o responsável pela sigla que tornaria Brusque conhecida como Berço da Fiação Catarinense, pois colocou a cidade à frente de outras, no setor. Apesar das dificuldades iniciais impostas pelo meio, a tenacidade e perseverança de Carlos Renaux venceram e ele acabou tornando-se um nome de sucesso, de uma indústria que deu certo. Carlos foi a grande personalidade responsável em levar adiante um projeto considerado arrojado então (1892), impondo um novo estilo à cidade, com o barulho das máquinas e teares soando nos ares de uma Brusque pacata, mas transformando-a em uma cidade industrial por excelência. Isso, sem contar o vaivém das bicicletas, meio de locomoção utilizado pelos operários, cujo movimento pelas ruas de Brusque, principalmente nos horários de entrada e saída das indústrias, transformava a paisagem. Sim, porque logo o parque da indústria têxtil brusquense se ampliaria em proporção gigantesca, trazendo significativo aumento para a economia local.

Carlos Renaux não foi só capitão da indústria. Atuou na política, ocupando cargos de destaque, tendo sido Superintendente de Brusque por alguns meses. Quando da Revolução Federalista em 1893, tomou o partido do Marechal Floriano Peixoto.

Afastado de seus negócios no Brasil, o empresário passou a residir em Baden-Baden, na Alemanha, onde ocupou posto de representação diplomática. Daí o prenome Cônsul.

Casado em primeiras núpcias com d. Selma Wagner, em segundas núpcias com d. Johanna Maria von Scheememberger e, em terceiras, com d. Maria Luiza Auguste Linaerts, Carlos Renaux deixou descendentes, um dos quais, Otto Renaux, posteriormente administrou as indústrias Renaux.

A principal e mais central Avenida de Brusque leva seu nome, em uma homenagem ao cidadão que implementou na cidade uma verdadeira reforma econômica, a partir da instalação da indústria têxtil.

Carlos Renaux faleceu a 28 de janeiro de 1945, aos 83 anos de idade. Segundo DEUCHER, da página Brusque Memória (2018) reproduzindo o relato do Pastor Lindolfo Weingaertner, responsável pela cerimônia fúnebre: “O enterro do cônsul foi um evento espetacular. Fora declarado feriado na cidade. Calculava-se que umas dez mil pessoas participaram de alguma maneira do sepultamento, alinhando-se ao longo das ruas pelos quais o féretro deveria passar”. Foi sepultado no Cemitério Luterano Bom Pastor, em Brusque, ao lado da primeira-esposa, Selma Wagner.

Ao estabelecer um panorama dos tempos vividos em Brusque, em lugares pelos quais caminhei durante boa parte da minha infância e adolescência, deparei com um texto significativo de uma pessoa que “adotaria” o lugar, nele estabelecendo sua residência: Dr. João José LEAL (2022), que declarou: “Quando cheguei a Brusque, em novembro de 1971, para exercer o cargo de Promotor Público, não imaginava que por aqui ficaria. (...) Encontrei uma Brusque ainda pequena, pouco mais de 30 mil habitantes, na qual havia as tradicionais famílias de origem alemã, italiana e polonesa. (...) Brusque ainda se orgulhava de ser chamada Berço da Fiação Catarinense”.

O slogan tem tudo a ver com alguns imigrantes de origem polonesa, os quais foram lembrados na Rua Tecelões de Łódź.

Rua Tecelões de Łódź

A história da imigração polonesa em Brusque registra o ano de 1889 como o da chegada de uma leva de imigrantes poloneses de Łódź. Apesar de a atividade econômica da então Colônia Itajahy ser a agricultura, muitos poloneses não se adaptaram a ela. Alguns deles colocaram seus conhecimentos no setor da indústria têxtil a serviço de Carlos Renaux, que havia iniciado uma indústria nesse ramo. Com seu apoio financeiro e orientação, os poloneses construíram os primeiros teares de madeira. Rústicos, estes serviriam por algum tempo. Porém era o início de uma atividade têxtil que se aperfeiçoaria cada vez mais, com teares mecânicos que o industrial importaria da Inglaterra, proporcionando um novo impulso econômico à atividade, tornando Brusque Berço da Fiação Catarinense.

Segundo Marcos BORGES (2019):

“Hoje, Łódź fica em um território polonês, mas no século 18 ela estava sob domínio do Império Russo, já que a Polônia ainda não existia como Estado soberano. Foi nessa cidade – hoje com mais de 700 mil habitantes – que ocorreram acontecimentos que entrelaçaram as histórias de Brusque e da Europa. A revolução industrial causou transformações e o império russo, percebendo o potencial da atividade, resolveu investir no desenvolvimento têxtil na região de Łódź, ao final do século 18. Com vários incentivos ofertados, muitos trabalhadores se instalaram no local, transformando Łódź em um grande polo têxtil da Europa, onde os teares, as tinturarias e as máquinas não paravam de trabalhar para dar conta da demanda.”

Acontecimentos políticos e sociais levaram à diminuição da oferta dos produtos e prejudicando a prosperidade do lugar, colocando muitas fábricas de Łódź no vermelho, fato que motivou várias indústrias a fecharem, levando operários com alguma qualificação a emigrarem: “essas pessoas recém-desempregadas já não eram mais aqueles velhos imigrantes: (como os chegados a Brusque em agosto de 1869, quando a primeira leva chegou a Brusque. Nota da autora), trabalhadores,

mas sem qualificação industrial. Muitos tinham estudos técnicos e buscavam novas oportunidades”, segundo BORGES.

Em meio aos emigrantes poloneses estavam os pioneiros tecelões de Łódź “cuja presença impactaria a história de Brusque e região (...). Eles pertenciam às famílias: Franz, Haacke, Hartcke, Kreibich, Pettermann, Wilke, Tielzmann, Yescke e Jackowski”, prossegue o autor, que complementa: “Os tecelões, com sua força de vontade e expertise, promoveram dali em diante uma revolução industrial em Brusque. Até aquele momento, a Colônia era muito dependente da lavoura, da exploração de madeira, da produção de açúcar, charutos, banha e cachaça”.

Os tecelões de Łódź estabeleceram em seu novo lar um novo modo de vida, impulsionando um outro ritmo de trabalho na cidade.

Atualmente Łódź é a terceira cidade da Polônia em termos populacionais e quarta, em termos de área geográfica. É um grande centro acadêmico, com várias faculdades e possui a maior cobertura florestal do país – algo que deve ter deixado os imigrantes poloneses “em casa”, pois ao chegarem à então Colônia Itajahy encontrariam uma vasta extensão da Mata Atlântica.

Cidade origem dos imigrantes chegados em 1890 em Brusque, Łódź com gratidão é lembrada no nome de uma rua: Rua Tecelões de Łódź.

Se para alguns, como Dr. LEAL, chegado em 1971, foi natural viver a cidade como sendo sua (haja vista seu depoimento em 2022, cinquenta anos depois), para uma mulher chegada em 1936 a celebração de um passaporte de cidadania brusquense, por conta de seus também mais de 50 anos na cidade, rendeu-lhe o engrandecimento do nome emprestado a uma rua. Por acaso, minha mãe Olga.

Rua Olga Teresa de Carvalho Ramos Krieger

Assinando sobrenomes Carvalho e Ramos, de tradicionais famílias do Estado de Santa Catarina (seu pai era primo de Nereu Ramos), Olga Teresa era filha de Manoel de Oliveira Ramos e de Antônia Carvalho Ramos. Nasceu em São José/SC, a 18/11/1910.

Leccionou no Grupo Escolar Francisco Tolentino, em sua cidade natal, tendo assumido a função no dia 24 de abril de 1933.

Como professora, foi transferida para Brusque e passou a trabalhar no Grupo Escolar Feliciano Pires, chegando a ocupar o cargo de diretora desse estabelecimento escolar (por concurso público, o último realizado no Estado para essa função).

Foi em Brusque que conheceu Oscar Gustavo Krieger, com quem casou em 12 de janeiro de 1935. Tiveram nove filhos, todos formados em ensino superior, em municípios próximos – um feito para a ocasião, dada a ausência de cursos superiores na cidade. Assim, Olga e Oscar tiveram a alegria de verem os filhos concluindo os mais diversos cursos: Direito, em Florianópolis (Marco Aurélio e Marcílio Cesar), Pedagogia, em Itajaí, (Maria Teresinha), Administração, em Florianópolis (Magali Margarida), Letras, em Blumenau (Maria de Lourdes), Bioquímica, em Florianópolis (Milton Roque), Geografia e Estudos Sociais, em Florianópolis (eu, Maria do Carmo), Ciências, em Blumenau (Maria Antônia), sendo que Murilo Sebastião seguiu a vida religiosa, e chegou a ocupar a função de Arcebispo Primaz do Brasil em Salvador da Bahia, de 2011 a 2020.

A escolaridade alcançada pelos filhos refletiu o projeto de educação de Oscar e Olga, haja vista os próprios caminhos que trilharam: ela, como professora e ele como Inspetor Escolar Municipal, cargo que ocupou por mais de 35 anos em Brusque.

Olga foi ecologicamente correta muito antes do termo ter sido amplamente usado; isso porque “tínhamos uma espécie de rancho, no fundo do terreno de nossa casa, que abrigava sacos e mais sacos com produtos que mamãe guardava para entregar a um carroceiro, com jornais e revistas velhas, com latas vazias de leite Ninho, com garrafas vazias. Havia também vidros com rolhas e com tampinhas de creme dental. Isso tudo nas décadas de 60 e 70!”, segundo a filha Maria de Lourdes LOCKS (2010).

Como pôde Olga ser tão ecologicamente correta, em um tempo em que poucos se preocupavam com isso?

Some-se a tais atividades outras, de cunho social, como sua relevante participação na Ação Social da Paróquia São Luiz Gonzaga.

Olga gostava de política partidária e a família tinha a então UDN - União Democrática Nacional, como sigla oficial. Lembro-me do

comício do candidato a Presidente da República Jânio da Silva Quadros, em 1960. Ela fez com que todos lá em casa se arrumassem com traje de domingo, aquele mesmo de ir à Missa, e lá fomos nós, rumo à praça central. Um mar de gente e eu, sem entender muita coisa (ou coisa nenhuma, no alto de meus 11 anos de idade), mas orgulhosa de participar de um ato tão grandioso. De quebra, exibindo um distintivo (hoje conhecido como botton) em forma de vassoura – símbolo da campanha de Jânio, que iria “*limpar o país*”.

Olga era assim; em época de eleições escrevia artigos e mais artigos em defesa dos candidatos da família – que os filhos liam em um programa da Rádio Araguaia.

Como se vê, são diversas as razões para designar com o nome de Olga uma rua do Jardim Maluche, tornando-se essa escolha um fato ainda mais relevante, considerando-se que esse logradouro abriga um Colégio.

Olga faleceu em Brusque, no dia 31 de janeiro de 1993, deixando como legado o exemplo de uma vida dedicada também a orações, acompanhada de seu testemunho de fé e vivência da doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana.



Rua batizada com o nome de Olga Teresa de Carvalho Ramos Krieger.
Localizada no Jardim Maluche. CEP: 88354-315

Desde os anos 1980, quando publiquei o livro acima mencionado, até os dias atuais muito mudou no espaço geográfico da cidade. Por exemplo, a população, que em 1980 era de 41.224 habitantes, em 2022 era de 141.385 moradores. Já em julho de 2024, a população, medida

pelo IBGE, alcançou 151.949 habitantes. O bioma predominante continua sendo o da Mata Atlântica. O rio que trouxe os imigrantes e é responsável pelas cheias que assolaram (e ainda assolam) a cidade é o Itajaí-Mirim. Na cidade há 34 bairros, com suas respectivas ruas e, segundo o código-postal.org, “A cidade de Brusque, no estado de Santa Catarina, é codificada por logradouros.” Isso quer dizer que cada rua nessa cidade possui um CEP – Código de Endereçamento Postal diferente. Por muitos anos, só houve um.

O que é uma rua? Segundo o Mini Dicionário Aurélio (2012): ‘nas cidades, caminho público, ladeado de casas’ e avenida é um: ‘logradouro mais largo e importante que a rua’.

Os nomes das ruas são definidos por lei aprovada pela Câmara de Vereadores, embora as sugestões possam partir de quaisquer outros membros da comunidade.

“As ruas pavimentadas com paralelepípedos, pavers e lajotas são comuns em áreas urbanas e residenciais de Brusque, destacando-se por sua durabilidade e estética“ (<https://brusque.portaldacidade.com>). Como elas são projetadas? Data de 1904 o diagrama com a projeção de uma rua no centro de Brusque. A planta original mostra como eram medidos os ângulos para o desenho, cuja rua em questão não existe mais com esse nome: Barão de Invinheima. O que demonstra que na Brusque de outros tempos, minhas velhas amigas, as ruas, guardam fatos que hoje habitam a memória afetiva de quem busca eternizar lembranças muito queridas.



Diagrama da Rua B. de Invinheima com a Matriz. Francisco Pereira Pinto (1817-1911), militar brasileiro, foi o primeiro e único Barão de Ivinhema – grafia correta para o título. Em 1839 esteve em Santa Catarina, comandando a força naval contra os rebeldes que invadiram a Villa de Laguna (Guerra dos Farrapos). Agraciado com diversas condecorações, tinha 87 anos de idade quando recebeu a homenagem em Brusque. Dedução feita a partir da data no diagrama.

Entre tantos logradouros de minha cidade natal, não há dúvida de que um ocupa lugar de destaque no meu coração: a Rua Felipe Schmidt, que se estende para o centro da cidade, logo adota o nome de Avenida Cônsul Carlos Renaux e abrigou a residência da família Ramos Krieger por muitas décadas. Era bem ali, no número 77, esquina com a Rua João Bauer, que a palavra pertencimento tomou forma e representa para sempre a epígrafe: “*Nessas ruas que são bem mais que caminhos: são parte de quem somos* (SANTOS, 2025)”, testemunhando os passos pelas ruas de Brusque que eu amo...

Rua Felipe Schmidt

Lageano, filho de Felipe e Felisbina Schmidt, Felipe Schmidt herdou o primeiro nome do pai. Nasceu a 4 de maio de 1860.

Iniciou cedo a carreira militar. Em 1876, aos 16 anos de idade, ingressou voluntariamente no Exército Nacional, como praça do 2º. Regimento de Artilharia Montada. Aos 22 anos chegava a 2º. Tenente e, em 1883, matriculou-se na Escola Militar, onde cursou Engenharia Militar.

O Tenente de Engenharia Felipe Schmidt trabalhou na estrada-de-ferro Madeira/Mamoré, no Estado do Amazonas, exercendo tal atividade com dedicação.

A 20 de junho de 1885 assumiu as funções de Ajudante de Ordens do Visconde de Taunay, Presidente da Província do Paraná, permanecendo no cargo até março de 1888. Na ocasião, passou a fazer parte da Comissão de Construção da estrada-de-ferro Porto União e Palmas. Porém permaneceu pouco tempo no cargo, pois foi nomeado Diretor da Colônia Militar de Chapecó/SC.

Recebeu diversas promoções de carreira: Capitão, em 1890; Major, em 1892; Tenente-Coronel, em 1900; Coronel, em 1909 e General, em 1918. Mesmo exercendo funções na vida militar, sua vida pública era igualmente bem agitada.

Sua carreira política iniciou-se em 1890, aos 30 anos de idade, ao ser eleito Deputado Federal, como Constituinte. Nessa época, recente à Proclamação da República, os militares no poder tomavam

as lideranças. Os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, mais Benjamim Constant, de quem Felipe Schmidt havia sido aluno na Escola Militar do Rio de Janeiro, eram personagens centrais dos acontecimentos. Os ideais republicanos soaram forte em Felipe, que acabaria se destacando pela sua atuação frente aos acontecimentos. Assim é que na Revolução de 1893 Felipe combateu ao lado das forças legais na Lapa/PR, no célebre cerco feito em território paranaense às tropas de Gumerindo Saraiva. Por sua destacada atuação, recebeu muitos elogios, ao lado de Lauro Muller, companheiro de luta.

Por duas ocasiões foi eleito Governador do Estado de Santa Catarina: 1898/1902 e 1914/1918 – sendo nesse último mandato substituído por Hercílio Luz. Como Governador, Felipe Schmidt deu ênfase aos interesses do transporte viário, do ensino público e dos problemas de imigração, ocorrendo, também no seu governo, a questão limítrofe com o Estado do Paraná.

Foi Senador da República em 1908, 1909, 1918 e 1924. Exerceu atividades junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC –, como um de seus sócios-fundadores, além de ter sido proprietário do jornal O Dia, em Florianópolis.

Faleceu no Rio de Janeiro em 1926, ainda no exercício do seu mandato.

No Estado de Santa Catarina o seu nome é lembrado em ruas, avenidas e praças, como também o é em Brusque, que se associou às homenagens gerais.

Se houvesse convidados para caminharem, hoje, pelas ruas de Brusque, eu lhes mostraria como a serenidade do *Bom velhinho*, o olhar visionário do *Cônsul*, os *tecelões* desbravadores, a *precursora* da ecologia, a nobreza de um *político* ou mesmo o envolvimento dos demais nomes que ficaram de fora desse texto, preenchem uma relação de respeito e consideração nos porquês das homenagens listadas nos logradouros de Brusque. Sejam eles de lajotas, pavers ou paralelepípedos. Ou, em tempos modernos, logradouros revestidos de asfalto...

Referências texto

BORGES, Marcos. Brusque: Lar polonês. **Caderno Especial jornal O Município**, 23 de agosto de 2019. Edição 6833, ano 65. Brusque. SC.

DEUCHER, Celso. **Página internet Brusque Memória**. Acessado em 21.2.2025.

----- **O enterro do Cônsul Carlos Renaux**. Blog História de Brusque, SC. 2018. Acessado em 16.2.2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio**. 8ª. edição, fevereiro 2012. Editora Positivo. Curitiba PR.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Brusque**: essas ruas que eu amo. Fundação Casa Dr. Blumenau, coedição com a autora. Blumenau. SC. 1982.

----- **A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe D. Pedro**. Fundação Casa Dr. Blumenau. 1984. Edição da autora. Blumenau. SC.

----- **Raízes polonesas em Brusque**. Imprensa Universitária da UFSC. Edição da autora. 1989. Florianópolis. SC.

----- **Álbum de Família: Um ramo da família RAMOS**. Edição da autora. Editograf. Florianópolis. SC. 14.3.1993.

KRIEGER, Maria do Carmo Ramos. **Uma Geografia (e outras histórias) para os polacos**. Edição da autora em coparticipação da Fundação José Walendowsky. Oficina Birô de Criação. 2019. Balneário Piçarras. SC.

KRIEGER, Oscar Gustavo. **Guia da Cidade de Brusque**. Edição do autor. 1957. Brusque. SC.

LEAL, João José. **Jornal O Município**. Brusque. SC. 20.11.2022.

LOCKS, Maria de Lourdes Ramos Krieger. **Fragmentos da vida de Olguinha**. Edição de família, fotocopiada. Depoimento à autora. Brusque. SC. 18.11.2010.

PEREIRA, Carlos da Costa. **Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina**. Governo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 1976.

RICHARD, Neto Gustav. **Homens Ilustres de Santa Catarina**. Empresa Publicitária Catarinense. Florianópolis. SC. 1959.

SALLES, Bárbara. Escassez no campo, êxodo e retorno. Caderno especial Brusque: 160 anos de superação. **Jornal O Município**. Brusque. SC. 4.8.2020.

SANTOS, Karin Romanó. **Minhas amigas, as ruas de Curitiba**. Página do Facebook Curitiba de outros tempos. Curitiba. PR. Acessado em 13.2.2025.

Páginas Facebook:

Brusque Memória. <https://www.brusquememoria.com> acessado em 15.2.2025.

Sites consultados:

Portal da Cidade de Brusque. <https://brusque.portaldacidade.com> acessado em 15.2.2025.

Barão de Ivinhema. www.naval.com.br acessado em 15.02.2025.



Contação de histórias em alemão com os alunos do Colégio Cônsul, durante a exposição dos 200 anos da imigração alemã no Brasil
ACERVO CCCR



Um Mar, um Porto, um Lar:

Uma exposição escolar alusiva aos
200 anos da imigração dos povos de
língua alemã no Brasil (1824-2024)

Emilia Rosenbrock

Mestre em Educação, Professora de Língua Alemã.

E-mail: emiliarosenbrock@gmail.com

O Bicentenário da Imigração Alemã marca os duzentos anos da vinda dos imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul. Em 25 de julho de 1824, um grupo de 39 falantes de língua alemã chegou ao atual município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. A data é acordada como o marco zero do início da imigração alemã ao Brasil. Mas não houve alemães antes desta data no Brasil? Certamente os houve. Desde o século XVI há registros de alemães em terras brasileiras, por exemplo Hans Staden, Francisco A. de Varnhagen, Johann M. von Nassau-Siegen. E de que alemães estamos falando, já que a Alemanha unificada somente vai existir a partir de 1871? Estamos falando de falantes da língua alemã e de seus diferentes dialetos. Se olharmos as relações de imigrantes “alemães”, veremos que muitos deles nasceram na Suíça, na Holanda, na Hungria, na França (Alsácia-Lorena), em Luxemburgo. No caso de Brusque e Guabiruba, famílias vindas da região do Grão-Ducado de Baden, como os Schäfer de Neuthard, os Wippel de Weiher, os Habitzreuter de Karlsdorf, todas de uma mesma região, mas com seus dialetos distintos. E não podemos esquecer dos tirolese-trentinos de língua alemã.

A imigração e a colonização alemã no Brasil trouxeram complexos impactos históricos, sociais, linguísticos, geográficos e deixaram, sem dúvida, vastos legados culturais. Um oceano os separava da nova pátria (Neue Heimat), mudava o continente, mudava o hemisfério, mas a fuga da exploração e da miséria continuou recorrente. E o recomeço e a reinvenção do cotidiano não foram fáceis. Recomeçar não era esquecer, mas (re)aprender a viver apesar das ausências e transformações.

Exposição temática

O Colégio Cônsul Carlos Renaux realizou de 07/10/2024 a 29/10/2024 dentro da sua anual Semana Alemã a exposição temática “Um Mar, Um Porto, Um Lar”: a trajetória da imigração alemã em alusão aos 200 anos da imigração alemã no Brasil. Trata-se de um projeto pedagógico-cultural que visou através da contação de história em língua alemã incentivar o contato com a língua alemã aos estudantes que ainda não têm contato com o idioma e um fortalecimento dos laços linguístico-culturais para os estudantes que já conhecem a língua alemã. A contação de história foi realizada pela bibliotecária da escola e pelos alunos de alemão sob a orientação da professora de língua alemã. A exposição foi incluída na Agenda Brasil, uma plataforma on-line criada pelo Instituto Martius-Staden e pela Embaixada da República Federal da Alemanha no Brasil, divulgando eventos alusivos ao Bicentenário da Imigração dos povos de língua alemã no Brasil.



Sala de Contação de História e cenário de materiais reciclados

A exposição temática ofereceu à comunidade escolar uma oportunidade de imersão na história da imigração dos povos de língua alemã que em 1824 buscaram uma nova vida em terras brasileiras. Tudo foi feito com muito zelo, mas também com o propósito de aproximar os estudantes da rica história da colonização alemã nas cidades de Brusque e Guabiruba. A Escola Padre Germano Brandt, a mais antiga escola de Guabiruba, foi recepcionada no Colégio Cônsul para visita à exposição temática, para a participação na contação de história em alemão e numa atividade prática no laboratório de química.



Escolas municipais de Guabiruba visitam a exposição

Distribuída em três andares da escola em seu primeiro espaço, a exposição apresentou “Um Mar”, no segundo “Um Porto” e em seu terceiro espaço “Um Lar”.

“Um Mar” que simboliza a travessia dos imigrantes através do oceano em direção ao Brasil. O destaque é o Sr. Cavalo Marinho, que em um cenário lúdico cercado por peixes, corais, baleias e águas-vivas, é o espaço onde aconteceu a contação de história em língua alemã. A contação de história foi baseada no livro *Herr Seepferdchen*, do autor Eric Carle. Como o Colégio Cônsul é signatário do Movimento ODS, nesta seção foi priorizada a confecção da decoração com materiais recicláveis. O trabalho de confecção dos itens de decoração dos três andares da escola levou cinco meses para ficar pronto.



Nos corredores da escola: o fundo do mar representando a travessia do oceano

No segundo espaço é apresentado “Um Porto” que retrata a partida dos imigrantes no porto europeu, destacando o navio que os transportou, com ricos detalhes como as camas-beliche de madeira onde dormiam e os objetos que trouxeram consigo. Nesta seção os estudantes puderam vivenciar de forma única o interior de um navio de passageiros do séc. XIX. Muitos objetos antigos foram gentilmente emprestados por particulares para enriquecer a exposição. Ainda nesta seção o desembarque e a chegada ao Brasil são representados através da exuberante vegetação da Mata Atlântica, com seu verde exuberante, o canto de seus pássaros e os animais silvestres.



Visitação guiada aberta à comunidade escolar



ACERVO CCCR

O porto de partida dos imigrantes



ACERVO CCCR

O navio e seu interior



ACERVO CCCR

Desembarque em meio à Mata Atlântica

A terceira seção chamada “Um Lar” celebra o legado cultural e as tradições arquitetônicas deixadas pelos imigrantes alemães. Casas típicas enxaimel com seus jardins floridos nos remetem a algumas das mais conhecidas tradições alemãs. O espaço contou com a exposição de dioramas de casas enxaimel de Guabiruba, obras de um artista local. As flores de papel foram confeccionadas pelos estudantes do quinto ano do ensino fundamental I do colégio, bem como os brasões de família que emolduraram a terceira seção.



A herança arquitetônica alemã nas casas enxaimel e os jardins floridos e os pomares das casas na colônia

A produção de *slime*, uma geleca bastante maleável superdivertida para as crianças e que virou uma febre graças às suas cores, brilhos e texturas possíveis, encerrou a visita da Escola Padre Germano Brandt de Guabiruba à exposição alusiva aos 200 anos da imigração alemã no Brasil. Foram produzidas gelecas nas cores preta, vermelha e amarela para simbolizar as cores da bandeira da Alemanha. Cada aluno levou para casa seu pote com as três cores.



Atividade no Laboratório de Química do Colégio Cônsul Carlos Renaux

As festividades em comemoração aos 200 anos do processo migratório de povos de língua alemã no Brasil, mais especificamente da chegada do primeiro grupo representativo de alemães na atual cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, chegaram ao fim. Contudo, iniciamos agora a contagem para os 200 anos da chegada de alemães em Santa Catarina. Em 1829 se estabeleceram em São Pedro de Alcântara, na Grande Florianópolis, os primeiros imigrantes alemães destinados diretamente ao solo catarinense. Seus costumes, seus dialetos e valores culturais integram, hoje, a pluralidade da identidade catarinense, ao lado de outras etnias que ajudaram a povoar e formar nosso estado. Viva o Bicentenário da Imigração Alemã em Santa Catarina: 1829-2029!

so wie es uns ergangen ist. Ich werde mich bei
Besuchern erkundigen. Noch immer sind die 2
Besuche bei Euch für mich das schönste was ich
als Urlaub erleben durfte. Niemand weiß ob
wir uns wiedersehen werden aber die Hoffn



Gemeinde
Karsdorf-Neuthard

Karsdorf-Neuthard - Altenburg-Halle

Nun zum Schluß
nochmals alles
Gute an Euch
und alle Bekannten
die wir kennen.
Verbleiben wir
mit den
besten Grüßen

Sermann
Hildegard u.
Kinder

Carta Rec
88350-000 BRUSQUE
S.C. Brasil

Infonso, 5
Bretschland, 1200, 200000



165 anos da fundação da Colônia Itajahy-Brusque 1860-2025:

Falar ou aprender alemão ainda tem
relevância na cidade?

Emília Rosenbrock

Mestre em Educação, Professora de Língua Alemã.

E-mail: emiliarosenbrock@gmail.com

¹ Reconhecemos a presença de outros grupos étnicos, como italianos, franceses, poloneses e grupos indígenas no Vale do Itajaí, mas, neste artigo de opinião, nos referimos, em especial, ao grupo teuto-brasileiro. Vale ressaltar que na década de 1980 as cidades de Brusque e Guabiruba receberam grande fluxo de migrantes oriundos do estado do Paraná. Já na primeira década do século XXI se iniciou um intenso fluxo migratório do Nordeste brasileiro, em especial do estado da Bahia.

² Guabiruba teve sua emancipação política de Brusque em 10 de junho de 1962.

O Vale do Itajaí, região localizada no Estado de Santa Catarina, é uma antiga zona de imigração que, baseada na colonização alemã¹, constitui-se num rico cenário multicultural e plurilinguístico. Nesse contexto estão situadas as cidades de Brusque e Guabiruba² que inicialmente eram um só território formando o núcleo colonial denominado “Colônia Itajahy”, fundado em 1860, pelo Governo Imperial.

Com o intuito de legitimar o português como língua nacional e hegemônica, as campanhas de nacionalização do ensino brasileiro (1938-1945) aboliram o ensino e o uso da língua alemã das escolas, levando os descendentes de imigrantes a utilizarem o alemão restritamente no âmbito familiar. Como as línguas estrangeiras foram proibidas de maneira geral, as pessoas que continuaram a

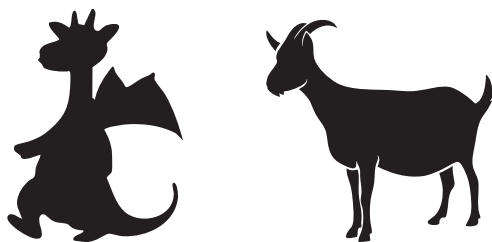
usar a língua sofriam severas penas por parte do governo local quando denunciados pelo seu uso. A língua alemã foi assim se deslocando do contexto urbano público e se concentrando em áreas mais rurais onde perdeu significativamente o contato com a modalidade escrita. Nas áreas rurais seus falantes eram, na maioria, trabalhadores da lavoura e falar o alemão passou ao longo do tempo a carregar uma conotação pejorativa por ser relacionado à “língua de colono”.

Existem algumas iniciativas nas cidades de Brusque e Guabiruba que trabalham com o incentivo à manutenção da língua alemã, como grupos de dança (*Alle tanzen zusammen*), grupos de canto (Alemão em Canto) em Guabiruba e em Brusque os grupos *Deutscher Sängerverein* e Amigo de Canto Alemão. Contudo neste artigo de opinião apresentamos a iniciativa privada “*Deutsch am Mittwoch*” de Guabiruba e algumas de suas ações em prol da promoção da língua alemã na cidade. E discorreremos sucintamente acerca da atual situação do ensino e uso da língua alemã nas duas cidades.

Lernergruppe: A iniciativa “*Grupo Deutsch am Mittwoch*” em Guabiruba

A história do grupo “*Deutsch am Mittwoch*” (Alemão nas Quartas-feiras, em português) começou com o grupo de alunos que em 1º de março de 2011 frequentavam a oficina de língua alemã que era ofertada gratuitamente pela Fundação Cultural de Guabiruba aos moradores do município nas dependências da Escola Básica Municipal Prof. Arthur Wippel, situada à Rua 10 de Junho. O ano de 2018 foi um ano decisivo para o início de uma nova fase desse grupo, que até então era vinculado à oficina de alemão da Fundação Cultural de Guabiruba. Com o desligamento da professora de alemão das atividades das oficinas se encerra também a oferta de língua alemã na forma de oficinas na cidade. Contudo, os alunos adultos que frequentavam a oficina à noite se mobilizaram para a criação de uma iniciativa privada, a criação em 2019 do curso de língua alemã e a contratação particular da professora de alemão. Devido à pandemia da Covid-19 e às restrições sanitárias impostas no início do ano de 2020, as aulas iniciaram, mas acabaram sendo suspensas pouco depois. Em 5 de maio de 2021 as

aulas presenciais foram retomadas e agora com outra professora de alemão. Desde 2021 o grupo adotou o nome “*Deutsch am Mittwoch*” e dois símbolos como logotipo: o “*Drachen*” (dragão, em português) e o “*Bockweddel*” (bode, no dialeto alemão de Karlsdorf-Neuthard). Ambos os desenhos são figuras culturais folclóricas das cidades de Guabiruba e de Karlsdorf-Neuthard.



Os logotipos do grupo *Deutsch am Mittwoch*

O grupo tem como objetivo principal promover o alemão como língua de imigração junto às comunidades de Brusque e de Guabiruba. Sua linha de atuação junto à comunidade é no âmbito da oferta de curso de língua alemã para adultos, além de promover e apoiar a produção de conhecimento e a documentação sobre a presença da língua alemã no município, assim como, a execução de ações de valorização e promoção da língua alemã através de ações pedagógicas com a cidade coirmã de Guabiruba, Karlsdorf-Neuthard, na Alemanha.



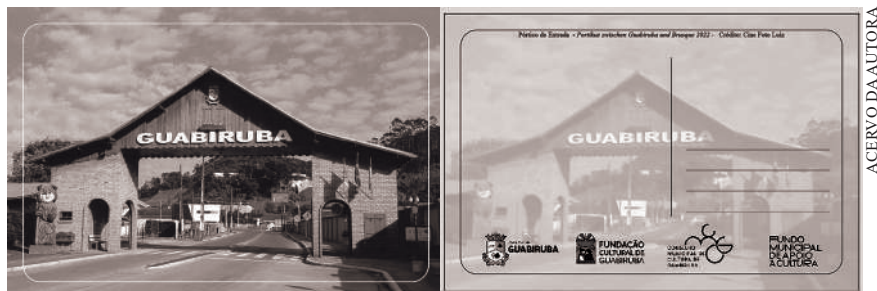
Grupo *Deutsch am Mittwoch*, 2023 e 2024

ACERVO DA AUTORA

Projeto Postkarten: Projeto Cartões-Postais: a escrita de cartões postais em alemão

Uma ação cultural do grupo que teve grande repercussão foi o projeto “Schreib mal wieder Postkarten” realizado em 2022. O projeto cultural foi aprovado e recebeu apoio financeiro do X Fundo Municipal de Apoio à Cultura do Município de Guabiruba, Concurso N° 001/2022 – FCG, Edital de Chamamento Público N° 001/2022 – FCG. A ideia para o projeto nasceu em conversas durante as aulas de alemão do curso “*Deutsch am Mittwoch*” que relatavam suas experiências vividas em viagens. Quase todos falaram dos “cartões-postais” que encontramos à venda na Alemanha, onde a cultura do cartão postal é ainda muito forte e que sentiam falta de algo assim na cidade de Guabiruba. Assim, os objetivos com o projeto dos postais foram elaborar e produzir cartões postais em alusão aos 60 anos de emancipação política de Guabiruba (10 de junho de 1962), resgatar e fomentar a cultura da escrita em postais (alemão-português), incentivar o interesse pelo aprendizado formal da língua alemã e envolver, ativamente, toda a comunidade no projeto cultural.

No lançamento do projeto contamos com a presença da comunidade, lideranças políticas do município e representantes do Grupo Filatélico de Brusque. Foram preenchidos mais de 120 postais em língua alemã e enviados pelo Correio para Karlsdorf-Neuthard. O projeto teve grande repercussão local, regional e até em outros estados. Foi um projeto cultural que deu visibilidade ao município e à língua alemã.



Um dos modelos de cartão postal do projeto Postkarten

Projekt Brieffreunde: Projeto Amigos por Correspondência

Desenvolvido desde 2023, o projeto “Brieffreunde” é uma parceria do grupo *Deutsch am Mittwoch* com o Curso de Português para Adultos da *Badisch-Südbrasilianische Gesellschaft em Karlsdorf-Neuthard*. O objetivo do projeto é a troca de correspondências entre os alunos, visto que eles podem praticar a leitura e a escrita, usar o alemão e o português para se comunicarem, aprender sobre a cultura do outro, entre outros aspectos. Além disso, a troca de correspondências favorece aprendizagem da língua fora do espaço da escola; a criação de um contexto para uma comunicação real e uma interação autêntica; expansão dos tópicos para além da sala de aula; aprendizagem da língua centrada no aluno; encorajamento à participação. Outro fator positivo importante de ser mencionado é a aprendizagem ativa. Ao participar de um projeto de troca de correspondências, os alunos terão diferentes assuntos para escrever e diferentes ideias. E mais do que a aprendizagem, a correspondência entre alunos poderá proporcionar novas amizades e estes poderão manter contato, mesmo após o término do projeto.

Denkstöße: Impulsos para reflexões acerca da presença e uso da língua alemã entre a população em Brusque e Guabiruba

É possível observar, hoje ainda, na região do Vale do Itajaí resquícios da influência da origem germânica dos colonizadores sobre o modo de vida dos moradores, sobre o exercício das atividades humanas locais, nas edificações prediais e no uso das línguas.

No passado através do uso cotidiano da língua alemã no dia a dia das colônias, dos seus hábitos de moradia (*Wohnkultur*, em alemão), das escolas alemãs (*Deutsche Schulen*), das associações recreativas e culturais como clubes de tiro (*Schützenvereine*), sociedades de ginástica (*Turnvereine*), associações de canto (*Gesangvereine*) se reforçava uma “suposta ligação nacional” através das gerações em solo brasileiro com a Alemanha.

Estes marcadores étnicos afirmavam e mantinham uma distinção cultural com e dos outros grupos, constituindo então, uma identidade étnica singular, representada pela “teuto-brasileira”. A categoria teuto-brasileira (*Deutschbrasilianer*, em alemão), surgiria na segunda metade do século XIX. Elementos como o lar, a língua, junto com a ascendência, são a base da própria definição da categoria étnica teuto-brasileira. A categoria supõe assim a manutenção da germanidade em solo brasileiro, e seria o resultado de um duplo pertencimento à etnia alemã e também ao Estado brasileiro, na qualidade de cidadão. Mas se a língua alemã não é mais falada e nem aprendida pelas gerações de descendentes, podemos afirmar que o alemão ainda é um marcador da identidade étnica em Brusque e Guabiruba? Caso não seja mais a língua, qual outro marcador étnico tomou o lugar da língua alemã? Qual elemento está dando suporte à elaboração de um imaginário social sobre o pertencimento ou incontestável ligação dos descendentes de imigrantes – que não falam mais o idioma – com a Alemanha atual?

Atualmente podemos constatar, mesmo que não haja ainda estudo empírico em Brusque e Guabiruba, que é restrito às gerações bem mais velhas e cada vez menor a frequência de uso da língua alemã. Em determinadas localidades em Guabiruba, se pode observar um contexto diglótico, isto é, os falantes alternam e misturam a variedade do alemão e o português de forma funcional e segundo suas intenções comunicativas e o contexto social. Na alternância e mistura de códigos observa-se a inserção de um simples elemento ou de frases inteiras. Em observações informais na fala dos moradores se pode constatar a criação de novas palavras locais mesmo que estas palavras já existam na língua alemã e no dialeto de origem. Em alemão é muito normal formar palavras de dois ou mais lexemas, o que no português não é usual.

A título de ilustração, citamos o exemplo da construção e uso da palavra “chinelos de casa” por moradores de Guabiruba. Trata-se de uma palavra composta na língua alemã *Hausschuhe*³. ou ainda *Pantoffeln*, em alemão-padrão (*Hochdeutsch*) e também Schlappen

³ Os alemães têm o hábito de não entrar em casa com os sapatos de rua. Em suas casas eles têm chinelos só para andar dentro de casa. Este hábito também é encontrado em muitas famílias em Brusque e Guabiruba.

ou Latschen em algumas regiões da Alemanha. Em Guabiruba foi “criada” a palavra “*Schlapperhaus*” para chinelos de casa. A língua alemã é repleta de palavras compostas formadas pela combinação de substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, etc. A construção de palavras compostas (*Komposita*, em alemão) segue, contudo, uma norma gramatical e cada lexema tem seu próprio significado. Na formação da palavra *Schlapperhaus* em Guabiruba observa-se a inversão dos lexemas *Schlapper* + *Haus* (dois substantivos) na construção da palavra. Em alemão a última palavra que constitui a palavra composta, é a palavra que define a coisa em si. Portanto *Schlapperhaus* seria “casa de chinelo” e não “chinelo de casa”. Assim sendo, a palavra *Schlapperhaus* não carrega o significado que a ela é dado pelos falantes em Guabiruba. O exemplo citado não deve, em hipótese alguma, marginalizar ou estigmatizar seus falantes. O que se pretende aqui é chamar a atenção para o fato da não aplicação de regras gramaticais pelas novas gerações, regras estas que existem tanto nos dialetos quanto no alemão-padrão. Um dialeto não se caracteriza somente pelas palavras, mas trata-se também de um próprio sistema linguístico, com regras próprias e uma melodia característica da fala.

Tomemos como segundo exemplo a palavra “*Milhobrot*” ou “*Milhabrot*” para “pão de milho” usada há décadas na fala dos moradores de Guabiruba e Brusque. “Mais” é uma palavra alemã não utilizada entre os falantes de alemão em Guabiruba, sendo substituída pela sua correspondente do português “milho”. Consequentemente, o pão de milho, que no alemão-padrão é *Maisbrot*, é chamado em Guabiruba de *Milhabrot*. No exemplo observamos também uma construção híbrida com elementos das duas línguas simultaneamente. A regra gramatical na construção da palavra composta “*Milhabrot*” foi mantida talvez pelo seu uso expressivamente recorrente, visto que os conhecimentos da língua foram passados só na oralidade, sem ensino formal, de geração em geração. Contudo as gerações mais recentes que não têm contato com falantes competentes da língua e nem ensino formal “criam” palavras novas (*Schlapperhaus*) que não carregam em si o significado que a ela é dado pelos falantes. É um cenário linguístico que precisa ser acompanhado, pesquisado e registrado.

Todo contato linguístico é caracterizado por trocas e mesclas entre as línguas. No caso de línguas seriamente ameaçadas, uma se sobrepõe à outra, forçando a redução das funções comunicativas da língua dominada na comunidade e as consequentes simplificações, reduções e perdas em sua estrutura linguística. Tal grupo sociolinguístico com sua criatividade de semi-falante de alemão, que com a força do uso determina a vigência de palavras não dicionarizadas deve ser o público alvo de projetos de valorização e ensino da língua alemã.

Zukunftsperspektiven: Perspectivas de futuro

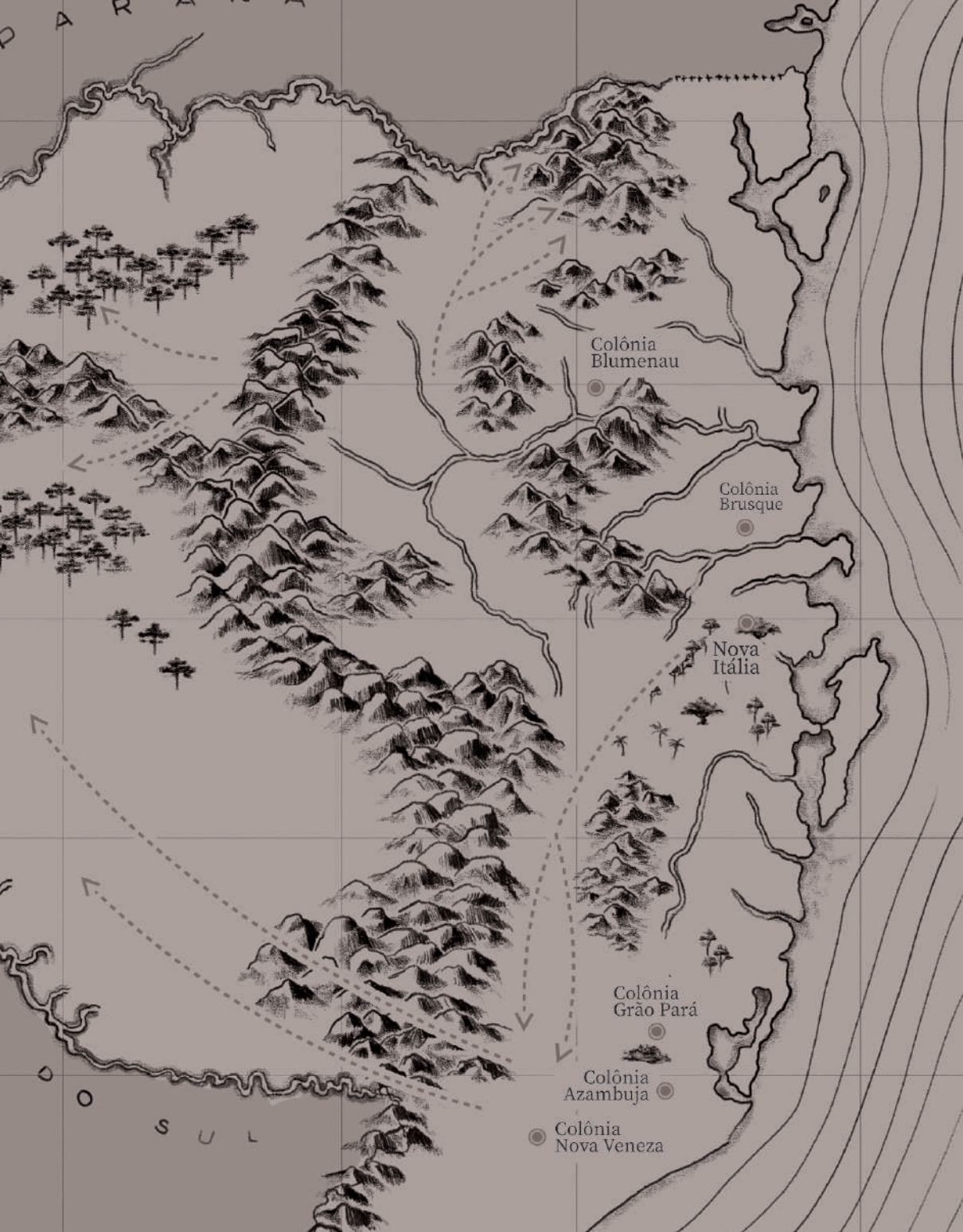
Em agosto de 2017 foi publicada no jornal O Município, de Brusque, uma reportagem relatando “a realidade da época” sobre a presença do alemão em Brusque e Guabiruba. Tratava-se mais de um resumo das escolas e iniciativas privadas que ofereciam aulas de alemão em Brusque e Guabiruba na época. Passados oito anos, pouca coisa mudou. Até 2024 nenhuma escola pública municipal de Brusque tinha o alemão no currículo ou em regime de contraturno. A Fundação Cultural de Brusque começou a ofertar em agosto de 2025 uma oficina de língua alemã. Apesar de algumas escolas particulares de ensino regular na cidade terem programas de intercâmbio estudantil com a Alemanha, a única escola a oferecer alemão aos seus alunos é o Colégio Cônsul Carlos Renaux. Em Guabiruba, onde a língua alemã já foi componente curricular, desde 2020 não há mais aulas de alemão nas escolas públicas municipais. A Fundação Cultural de Guabiruba voltou a oferecer em 2024 oficinas de alemão presenciais à comunidade. O Centro Universitário de Brusque oferece somente a língua inglesa como curso livre de idiomas e na graduação, o Curso de Letras-Inglês.

Sem dúvida há grandes desafios impostos à inclusão e manutenção do alemão nos currículos escolares ou como atividade de contraturno escolar e acadêmico. Entretanto não é possível, por exemplo, desenvolver ações de fortalecimento de línguas de imigração sem ter políticas educacionais locais de modo que incentivem tanto a transmissão geracional quanto o ensino formal nas escolas. Aliás o primeiro e principal alicerce da transmissão da língua de herança é

a família. A língua é, pois, “de herança” porque ela é transmitida de geração em geração, dada aos descendentes. A família é a única que pode transmitir o idioma com os laços de afetividade que vêm com ele e é também a responsável por promover o contato com a língua e a cultura na primeira infância.


Em conversas informais os moradores de Brusque e Guabiruba expressam, em sua maioria, atitudes e concepções linguísticas de identificação com a língua e cultura alemãs e o desejo de preservar suas raízes culturais. Contudo, não realizam ou são poucas e isoladas as ações concretas que apoiem suas falas. Em suma, destacamos a urgência de se investigar atitudes e crenças linguísticas através da pesquisa de campo. Bem como, se faz necessária a documentação sobre seus usos e um diagnóstico sobre a vitalidade da língua alemã nos dias de hoje nas comunidades.

No ano de 2024 se comemorou os 200 anos da imigração dos povos de língua alemã no Brasil. Motivo para festividades, mas também para uma reflexão crítica acerca do presente e do futuro. O idioma tem um alto valor de identificação cultural-identitário e cria um senso de pertencimento social e grupal. Não é a música típica de bandinha, o artesanato, a dança, a fantasia de Fritz e Frida, o saudosismo das fotos antigas ou o consumo de chopp por si só que irão manter e consolidar a herança germânica nas nossas cidades. Ou será que basta? É o “idioma” e só através dele que se consegue transmitir de geração para geração a cultura herdada, ou seja, o conjunto de práticas, crenças, valores e comportamentos compartilhados por uma comunidade. Como estamos gerindo e difundindo a herança imigratória alemã? Que futuro ela terá, ou terá algum futuro nas nossas cidades, sem o aprendizado do idioma alemão?



Mapa da presença de língua italiana em Santa Catarina. Indicação das colônias que receberam imigração direta, dos respectivos núcleos coloniais e dos principais fluxos migratórios dos imigrantes e seus descendentes.

ORGANIZAÇÃO DE ANDREY JOSÉ TAFFNER FRAGA. ARTE DE MARIA ALICE MATTOSO CAMARGO POR EDITORA UNIFEDE



150 anos da imigração tiroleza de língua italiana e italiana em Brusque

Rosemari Glatz

A autora é Reitora do Centro Universitário da Fundação
Educativa de Brusque - UNIFEDE. Pesquisadora
e autora de diversos livros sobre a história regional.
E-mail: rosemari@unifebe.edu.br

Os primeiros 108 imigrantes tirolezes de dialeto italiano-trentino e italianos chegaram a Brusque em 4 de junho de 1875. Como em Blumenau — todos tirolezes — só chegaram dois meses depois, em 15 de agosto de 1875, Brusque pode ser considerada o “Berço da Grande Imigração Italiana em Santa Catarina”, fato que não deve ser confundido com o início da imigração italiana em si, pois esta iniciou efetivamente no ano de 1836, com a fundação da Colônia Nova Itália, em São João Batista.

Imigrantes tirolezes e italianos a partir de 1875

Em 2025, comemoramos os 150 anos da grande imigração de língua italiana em Santa Catarina. Essa imigração foi composta por imigrantes tirolezes que falavam um dialeto italiano-trentino e que ingressaram no Brasil com passaporte da Áustria, e por imigrantes italianos, especialmente do norte da Itália, assim denominados os que ingressaram com passaporte da Itália. Por ter recebido o primeiro grupo — que chegou em 4 de junho de 1875 —, coube a Brusque o título de “berço da grande imigração de língua italiana em Santa Catarina”.

A princípio, em respeito aos fatos históricos — pois história não se inventa, se busca e se comprova —, e para evitar a repetição de erros que vêm se sucedendo principalmente desde a comemoração do centenário da imigração tirolese-trentina e italiana (1875-1975), esclarecemos ao leitor que, em que pese atualmente ser usual denominar todos os imigrantes de língua ou dialeto italiano como sendo italianos, historicamente eles não o são. Explico:

Hoje denominada Província Autônoma de Trento, a região austríaca dos imigrantes tirolese de língua italiana, também conhecida como Tirol Italiano ou Meridional, é a verdadeira pátria dos tirolese. Quando eles emigraram, ainda no século XIX, o lugar pertencia à Áustria. E assim o foi até a assinatura do Tratado de Saint Germain-en-Laye. O Tratado foi assinado em 1919, passou a vigor em 1920, e constitui um dos documentos que oficializou o término da Primeira Guerra Mundial, ao final da qual o mapa político da Europa restou profundamente alterado. O antigo Império Austríaco, governado pelos Habsburgo, teve que ceder a maioria dos territórios que até então pertenciam à coroa, entre eles o Tirol Italiano, que passou a integrar o Reino da Itália, sob a nova denominação de Trentino.

Os imigrantes de língua italiana que chegaram a Santa Catarina, principalmente entre os anos de 1875 e 1878, são um composto de imigrantes tirolese-trentino e de imigrantes italianos do norte da Itália. E, nos Vales do Itajaí, que inclui o território das antigas Colônias Brusque e Blumenau, os imigrantes tirolese de dialeto italiano-trentino somaram número bem maior do que os imigrantes italianos.

Terminologias adotadas neste artigo

Coconsiderando que a grande imigração tirolese-trentina e italiana para Santa Catarina começou em 1875 e se concentrou nas décadas de 1870-1880, ou seja, bem antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando o Tirol Italiano pertencia ao Império Austríaco, e em respeito aos fatos históricos, utilizamos as expressões:

ITALIANOS – para denominar os imigrantes que ingressaram no Brasil com passaporte da Itália.

TIROLESES – para denominar os imigrantes austríaco-tirolezes de língua italiana (trentinos) que ingressaram com passaporte da Áustria.

Considerando que a grande imigração tiroleza-trentina e italiana para Santa Catarina aconteceu à época do Segundo Reinado (1840-1889) do Império do Brasil, quando ainda existiam “colônias”, utilizamos os nomes:

BRUSQUE – para designar a junção dos territórios que pertenciam à Colônia Itajahy, fundada em 1860, e a Colônia Príncipe Dom Pedro, fundada em 1866, que foram unificadas em 1869. As duas colônias eram públicas, e predominava a religião católica.

BLUMENAU – para designar a Colônia Blumenau, fundada em 1850. Originalmente era uma colônia privada, e predominava a religião luterana.

Mudança da composição étnica da população de Brusque

Brusque, desde a unificação das colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, passou a ter como limites Lages, Tijucas, Itajaí e Blumenau. Deste grande território originaram-se as cidades de Nova Trento, Vidal Ramos, Presidente Nereu, Botuverá e Guabiruba; parte passou a constituir as áreas do Sul de Gaspar e, a partir de 1962, restou apenas um pequeno território que forma a Brusque que conhecemos hoje.

De 1860 até 1875, Brusque desenvolveu um crescimento populacional equilibrado. Os primeiros colonizadores que ocuparam o território de Brusque eram, na maioria, lavradores de Baden e do Reno. No correr dos anos, juntaram-se a eles outros colonos provenientes, sobretudo, das províncias da Pomerânia e de Schleswig-Holstein, ambas do Reino da Prússia, todos povos de fala, cultura e costumes alemães. O povoamento teve continuidade com a chegada de colonos de outras nacionalidades, com destaque para os poloneses em 1869 e a partir de 1889.

Passados quinze anos da colonização oficial de Brusque, a partir de 4 de junho de 1875 a região passou a ser colonizada também com imigrantes tirolese italianos da Áustria e italianos do Norte. Essa data consta em documento do diretor Paes Leme, datada de 12 de junho de 1875, disponível na Sociedade Amigos de Brusque (SAB) e é muito importante, pois registra a chegada dos primeiros imigrantes italianos e tirolese em Brusque.

Graças às boas informações prestadas nas cartas enviadas pelos agricultores que se estabeleceram aqui primeiro, que, no dizer de Grosselli (1987, p. 214) eram um “acelerador” do fluxo migratório, ou um “instrumento que servia para direcioná-lo”, nos anos seguintes foi um contínuo chegar de gente. Foram tempos muito difíceis para a jovem colônia, pois não havia estrutura para receber tantas pessoas.

Os primeiros sinais da presença de imigrantes italianos e tirolese nos documentos originais da colonização do vale do Itajaí-Mirim estão num mapa estatístico correspondente a 1875, que menciona 18 italianos e 1.114 austríacos (leia-se austríacos do Tirol Italiano). E os últimos dados estatísticos gerais daquela década são de novembro de 1877, que não menciona as etnias mas informa que a população total era de 11.089 habitantes. Não existem notícias da entrada de muitos imigrantes em 1878.

Tabela 1: Estatística populacional de Brusque entre 1860-1877

Ano	Alemães	Austríacos	Italianos	Brasileiros e outras nacionalidades	População Total
1860	---	---	---	---	657
1874	2.417	---	---	1083	3.500*
1875	2.310	1.114	18	1126	4.568**
1876	2.620	2.214	2.098	1178	8.110
1877	---	---	-----	-----	11.089

Fontes:

* Até o ano de 1874 – Tomé da Silva (1875)

** A partir de 1875 – Gevaerd (1975)

Analizando a estatística populacional de Brusque de 1874 a 1877, segundo demonstrado na Tabela 1, é possível constatar que, em apenas três anos, a população praticamente foi multiplicada por quatro. Considerando que a imigração alemã havia estagnado, e que os poloneses só voltariam a chegar em quantidade a partir de 1889, podemos concluir que, em 1878, a maior parte da população possivelmente era composta por italianos e tirolese.

Após a criação do Município de Brusque, em 1881, diminuiu consideravelmente a entrada de novos imigrantes. Depois de 1885, somente em abril de 1889 é que a história registra um novo movimento de chegada de imigrantes em Brusque (Gevaerd, 1975). Os italianos (ou seja, não tirolese) não representaram um número expressivo. Significativo, naquele momento histórico de Brusque, foi o número de imigrantes poloneses, mão de obra qualificada que muito contribuiu para o desenvolvimento da indústria têxtil em Brusque.

Grosselli (1987, p. 228) informa ainda que talvez 15.000 pessoas do Tirol Italiano ou Meridional (tirolese) se trasladaram para o Brasil de 1874 a 1885. Algumas localidades do interior trentino se despovoavam em poucos anos; de Roncegno partiram 250, de Novaledo 250, de Levico 702, de Grigno 183, de Vattaro 80, de Villagnedo 104, de Besenello 240, de Vígolo Vattaro 170, de Calliano quase 200. A emigração destas localidades, e também de outras, continuou nos anos seguintes. Eram sobretudo de origem camponesa. Os artesãos eram poucos. Não houve intelectuais ou técnicos, organizadores ou líderes tirolese que se dirigiram para a América. E uns poucos padres.

O contrato Caetano Pinto

A partir da chegada dos imigrantes italianos e tirolese, em 1875, a composição étnica de Brusque mudou radicalmente, e essa mudança guarda relação direta com o famoso Contrato Caetano Pinto, que estimulava a imigração europeia para, principalmente, povoar o interior do Brasil.

A colonização do interior do país era uma ideia antiga, mas aplicá-la nem sempre foi fácil. As dimensões do Império eram grandes e,

DECRETO Nº 5.663, DE 17 DE JUNHO DE 1874

Autoriza a celebração do contrato com Joaquim Caetano Pinto Junior para importar no Império 100.000 imigrantes europeus.

Algumas cláusulas do contrato:

I. Joaquim Caetano Pinto Junior obriga-se, por si ou por meio de uma companhia ou sociedade que poderá organizar, a introduzir no Brasil (exceto na Província do Rio Grande do Sul) dentro do prazo de 10 anos 100.000 imigrantes Alemães, Austríacos, Suíços, Italianos do Norte, Bascos, Belgas, Suecos, Dinamarqueses e Franceses, agricultores, sadios, laboriosos e moralizados, nunca menores de dois anos, nem maiores de 45, salvo se forem chefes de família. Desses imigrantes 20% poderão pertencer a outras profissões.

(...)

VII. O Governo concederá gratuitamente aos imigrantes hospedagem e alimentação durante os primeiros oito dias de sua chegada, e transporte até as colônias do Estado a que se destinarem.

VIII. Igualmente garantirá aos imigrantes que se queiram estabelecer nas colônias do Estado a plena propriedade de um lote de terras, nas condições e preços estabelecidos no Decreto nº 3748 de 19 de janeiro de 1867, e obrigarse-á além disso a não elevar o preço das terras de suas colônias sem avisar ao empresário com doze meses de antecedência.

IX. Os imigrantes terão plena e completa liberdade de se estabelecerem como agricultores nas colônias ou em terras do Estado, que escolherem para sua residência, em colônias ou terras das Províncias, ou de particulares; assim como de se empregarem nas cidades, vilas ou povoações.

X. Os imigrantes virão espontaneamente, sem compromisso nem contrato algum, e por isso nenhuma reclamação poderão fazer ao Governo, tendo apenas direito aos favores estabelecidos nas presentes cláusulas, do que ficarão plenamente cientes.

XI. O Governo designará com a precisa antecedência as Províncias onde já tem ou vier a formar colônias, a fim de que os imigrantes conheçam desde a Europa os pontos onde poderão estabelecer-se.

(...)

Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas
em 30 de junho de 1874.

José Fernandes da Costa Pereira Junior
Joaquim Caetano Pinto Junior

comparadas com a extensão dos pequenos núcleos de povoamento europeus, os resultados não eram animadores. A política oficial de colonização era de 1820 e, somente após o término da Guerra do Paraguai em 1870 é que as atenções do Governo Imperial se voltaram novamente para a questão da imigração, numa tentativa de dinamizar a política imigratória e povoar o interior.

Como o fluxo imigratório havia diminuído, o Governo tratou de levantar as dificuldades que emperravam a emigração e passou a tomar providências para incrementar novas correntes migratórias, medidas que despertassem a atenção do agricultor europeu para uma melhoria da sua situação econômica nas terras do interior brasileiro. Com esse objetivo foi firmado um contrato entre o Império do Brasil e o Comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior (Decreto nº 5.663/1874).

As cláusulas do contrato estimulavam a imigração europeia, pois eram atrativas para as populações que, na sua pátria, sofriam com os problemas decorrentes de uma situação econômica desfavorável, agravada pela exiguidade do espaço físico dos lotes. Por lá, na maioria dos casos, o lote não pertencia àquele que cultivava a terra que, além de tirar o sustento para a sua família, ainda pagava aluguel pelo seu uso.

Aliciados por agenciadores e atraídos pela possibilidade de serem proprietários de terras, bem como pela fertilidade do solo, Blumenau e Brusque — aqui consideradas as extensões territoriais daquele tempo — a partir de 1875 passaram a receber grande contingente de imigrantes. No princípio, a maioria dos imigrantes era composta por agricultores originários do Tirol Italiano da Áustria, e do norte da Itália.

Porque os imigrantes preferiam a Colônia Brusque

Em 1876, ano de entrada de grandes contingentes de imigrantes italianos e tirolese em Brusque, o engenheiro Pedro Luis Toulouis chefiava uma comissão responsável pela demarcação dos lotes de terra. O trabalho de medição era demorado, e a situação se agravava pelo alto índice de pluviosidade da região. Mas as dificuldades para

a demarcação dos lotes em tempo hábil não impediram que uma grande quantidade de imigrantes continuasse a chegar e, para a administração de Brusque, a acomodação dos colonos se transformou num grande problema.

Por não ser possível fixar os imigrantes nos seus respectivos lotes logo que chegavam, eles foram sendo acomodados nos barracões de recepção, construções precárias, sem o mínimo de conforto, como a maioria das habitações da época: de pau-a-pique, barreada, coberta de folhas de palmito trançadas. Eram acomodações destinadas a abrigar os colonos pelo prazo máximo de oito dias, período pelo qual o Governo deveria conceder hospedagem e alimentação aos imigrantes. A partir de 1876, os barracões de recepção estavam apinhados.

De acordo com Grosselli (1987, p. 288), Brusque foi uma das colônias do Brasil que mais recebeu italianos e tirolese em sua transtornada existência, e uma daquelas em que mais tiveram de sofrer esses colonos. A chegada de milhares de imigrantes em tão pouco tempo sinaliza que Brusque talvez tenha sido a colônia de Santa Catarina que, num curto espaço de tempo, mais tenha recebido imigrantes italianos e tirolese em função do Contrato Caetano Pinto.

Brusque não tinha mais condições para receber mais grupos, mas os imigrantes italianos e tirolese continuavam a chegar. Com relação ao assunto, o Dr. Alfredo D'Escragnolle Taunay, Presidente da Província de Santa Catarina entre 7 de junho de 1876 e 2 de janeiro de 1877, em ofício dirigido ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, datado de 1876, assim se manifestou: “Esta situação (...) é agravada de modo evidente pela chegada contínua de novos imigrantes. Acumula-se gente nos barracões de recepção, lá ficam seis ou mais meses a receber subsídios do cofre público e à espera de lotes medidos, onde serão localizados”.

A situação não era a mesma em todas as Colônias de Santa Catarina. Santos (1981) conta que em Blumenau, ainda antes da chegada dos imigrantes tirolese — em 15 de agosto de 1875 (e dos italianos que chegaram depois) — já existiam lotes medidos e prontos para serem ocupados. Mas a grande maioria preferia

Brusque. Dentre outros fatores, a preferência dada a Brusque dava-se pela forma como eram feitas as distribuições das ajudas de custo (dinheiro) para a compra de sementes e ferramentas. Não havia uma norma comum para todas as colônias.

As razões para o poder de atração de Brusque são analisadas pelo Presidente da Província de Santa Catarina, Dr. Alfredo D’Escragnolle Taunay, em relatório encaminhado ao Ministro da Agricultura em outubro de 1876. Segundo Taunay, citado por Santos (1981), as razões de maior importância eram o fato de o elemento germânico, em geral exclusivista, repelir a fusão com outras raças, e em Blumenau ele existir vivo com todos os seus defeitos e virtudes; e também pelas cartas que eram encaminhadas pelos imigrantes que já estavam instalados em Brusque, dirigidas aos seus patrícios na Europa, indicando-lhes as regalias especiais de que gozavam os imigrantes logo à chegada.

Taunay dizia: Chega o colono e é levado para o barracão de recepção da Barra do Itajaí-Mirim e do Açú, onde fica dois dias à espera de uma condução, quer para Brusque, quer para Blumenau. Consultados sobre o destino que desejam, gritam todos, em uma só voz: Itajaí (Brusque), desconfiados de que possam ser enganados na direção a tomar e levados para Blumenau. Aí aparecem agentes de negociantes que aconselham resistência até que todos sigam para o centro onde eles têm suas casas de negócios.

Uma vez em Brusque, o colono (imigrante) recebe de uma só vez todo o dinheiro para o seu estabelecimento, fatura de casa (alimentação), derrubadas (das matas), sementes e transporte, de modo que, se tiver três pessoas da família, recebe de pronto e de uma só vez 148\$000 (cento e quarenta e oito mil Réis), ainda que vá ficar oito ou mais meses dentro de um barracão de recepção à espera para que se localize num lote que ele, pelo seu contrato, ainda pode ou não aceitar, conforme for do seu agrado. E enquanto está no barracão, o Estado lhe dá 2\$000 diários para que ele vá trabalhar em estradas, ficando a família a “abandar os braços”. Para Taunay, este modelo representava o modelo mais irregular e antieconômico que se podia imaginar.

E dizia ainda: esse sistema era filho das péssimas tradições existentes na administração de Brusque. O que se faz de afogadilho em Brusque, faz-se sucessivamente (aos poucos) em Blumenau. Assim, em Blumenau o imigrante só recebe o dinheiro para fazer a casa quando entra na posse do seu lote, para derrubar (a mata) quando já tem casa, e (o dinheiro) para sementes quando já tem área para plantar. E Taunay termina a sua análise: Uma vez de posse da soma que naturalmente lhes é fabulosa, aqueles proletários da Europa começam os gastos em botequins e casas de cerveja, de modo que uma dessas, do cidadão Thies (Cervejaria de Friedrich Wilhelm Thies, localizada no centro de Brusque), vendeu em cinco dias 16 mil garrafas de cerveja. Some-se a esta porção o que foi consumido em outros negócios e terá V. Ex.^a uma quantidade enorme de litros de cerveja pagos pelo Governo do Brasil aos seus imigrantes como saudação de feliz chegada (Taunay (1876) citado por Santos (1981)).

Chegada em Itajaí e deslocamento até Brusque

Nos primeiros anos de Brusque, o Porto de Itajaí ainda não existia, e os navios fundeavam no Ancoradouro das Cabeçadas, local onde aportavam as embarcações que transportavam imigrantes e as cargas. Os passageiros e suas bagagens eram transferidos dos navios para pequenas embarcações e transportados até os barracões de recepção.

Construídos na foz do rio Itajaí-Mirim, lugar conhecido até hoje como Barra do Rio, a recepção acontecia nas Casas de Imigração, popularmente conhecidas como Barracão dos Imigrantes, que tinham capacidade para abrigar de 160 a 200 pessoas. Antes disso, normalmente o imigrante já havia passado antes pelo Porto do Rio de Janeiro e, às vezes, também pelo Porto de Florianópolis, de onde eram conduzidos, pelo mar, até Itajaí.

Ao chegar em terra firme, exaustos pelos meses de viagem, os imigrantes descansavam alguns dias em Itajaí antes de seguir viagem para o seu destino, que poderia ser Brusque ou Blumenau. Grosselli (1987, p. 304) menciona que parece que os trentinos (tirolese) foram os primeiros que se beneficiaram da estrada que liga Brusque

O descendente de italianos que deu nome à cidade de Brusque

Francisco Carlos de Araújo Brusque possui ascendência de alta fidalguia. Seu avô, Nicolau Bruschi, era um nobre de Florença, Itália, que se instalou em Portugal por volta de 1762. Em 1808, a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil fez com que a família Bruschi se separasse. Nicolau, o avô, permaneceu em Portugal com a esposa e parte dos filhos. Os filhos João e Vicente, militares, acompanharam a Família Real no seu êxodo para o Brasil. Incorporado ao Exército do Vice-Reinado, em janeiro de 1818 Vicente foi promovido a Tenente-Coronel de Milícias.

Na Capitania de São Pedro do Rio Grande, Vicente se casou com Delfina Carlota de Araújo Ribeiro. Francisco Carlos de Araújo Bruschi nasceu em Porto Alegre no dia 24/05/1822. Em 1845 foi diplomado na Faculdade de Direito de São Paulo e depois voltou a Porto Alegre, onde se filiou ao Partido Liberal. Católico, casou-se com Cecília Amália de Azevedo.

De estatura pequena, magro, olhos pretos e vivos, seus cabelos escuros ao tempo de estudante se tornaram brancos já aos 40 anos.

A família utilizou o sobrenome Bruschi até 1846, quando passou a assinar Brusque, forma abrigada do nome.

Eleito deputado à Assembleia Provincial em 1849, 1854 e 1856, Francisco Carlos de Araújo Brusque fez as campanhas do Sul e obteve a medalha de mérito militar de ouro, com honras de coronel.

Como deputado à Assembleia Geral, figurou pela Província de São Pedro do Rio Grande de 1856 a 1859 e, pela Província do Amazonas, de 1863 a 1866. De 1873 a 1875 voltou ao Parlamento pela Província do Amazonas.

Brusque ocupou a Presidência da Província de Santa Catarina de 21/10/1859 a 17/04/1861. Na sua curta gestão, além da Colônia Itajahy (Brusque), também foram instaladas as colônias de Teresópolis e Angelina.

Em 22/04/1861, deixou Santa Catarina para assumir a Presidência da Província do Grão-Pará.

Foi Ministro da Marinha e interino da Guerra.

Retirou-se da política em 1875, passando a exercer a advocacia.

Possuía os títulos de Oficialato da Rosa, o Hábito de Cristo e a de Grã-Cruz do Leão Neerlandês (BRUSQUE, 1983).

Francisco Carlos de Araújo Brusque faleceu, subitamente, no dia 23/09/1886, em Pelotas (RS). Em 1998 seus restos mortais foram trasladados para Brusque, com honras de Chefe de Estado, e depositados no monumento construído em sua memória no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, mantido pela Sociedade Amigos de Brusque – SAB, com a lápide original em mármore de Carrara.

a Itajaí, finalizada em abril de 1875, um pouco antes da chegada dos imigrantes italianos e tirolese. De Itajaí para Brusque ia-se parte a pé, parte de carroças, num percurso aproximado de 35 km. É possível que, para grupos menores, o antigo sistema — subindo o rio Itajaí-Mirim com canoas — ainda fosse adotado.

Brusque, berço da grande imigração italiana e tirolese em Santa Catarina

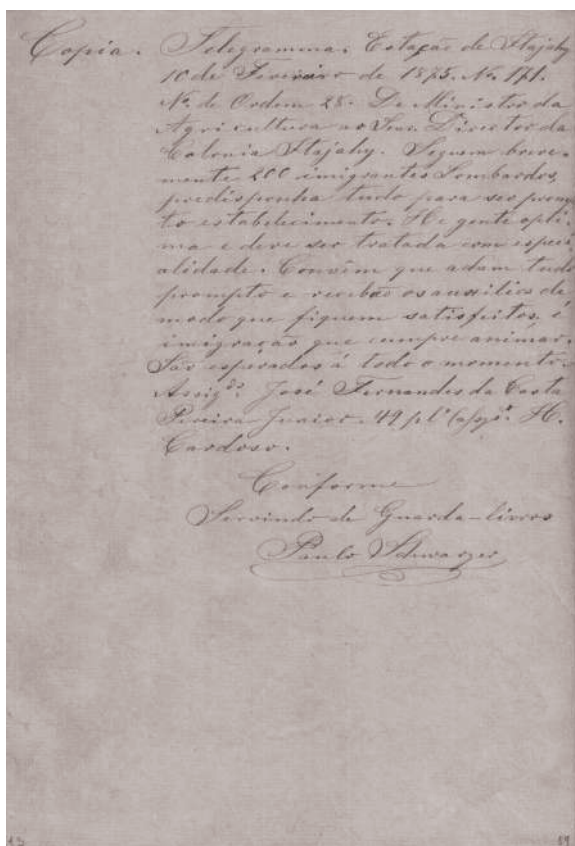
Luís Betim Paes Leme foi diretor de Brusque (o equivalente a prefeito) de 1º/1/1872 até 1º/12/1875, e Gevaerd (1975) conta que a chegada de Paes Leme foi providencial. Engenheiro Civil, altamente capacitado, dinâmico, honesto e imparcial, logo que chegou agiu com severidade, evitando nova perturbação da ordem, que em Brusque às vezes acontecia, possibilitando alcançar os seus planos de governo.

E depois de anos difíceis seguidos de um ambiente promissor é que, em 1875, no último ano da sua gestão, chegaram a Brusque os primeiros imigrantes italianos e tirolese. Paes Leme se viu obrigado a lhes dar acolhida após receber o telegrama de 10/02/1875, no qual o Ministro da Agricultura, José Fernandes da Costa Pereira Júnior, informava que em breve chegariam 200 imigrantes lombardos (italianos), e que Brusque deveria se preparar para bem recebê-los.

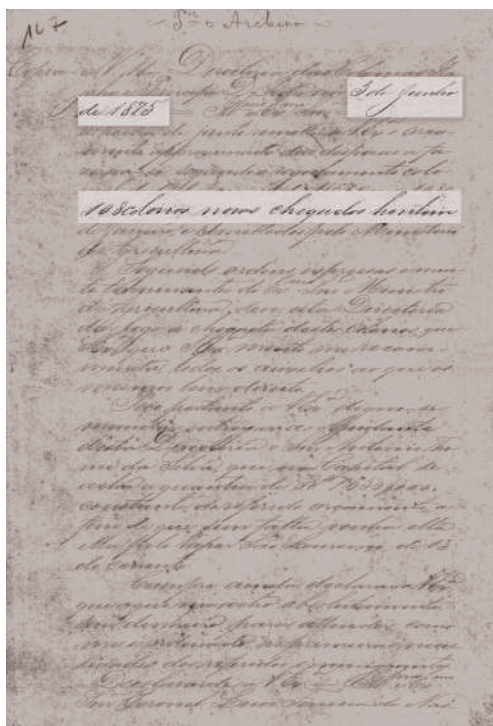
Sendo organizado, o Diretor não teve dúvidas e de pronto orçou as despesas decorrentes da chegada dos imigrantes, distribuindo os valores orçados entre mantimentos necessários durante o traslado (de Itajaí para Brusque), mantimentos para dez dias (no barracão de recepção), auxílio para a construção das casas provisórias, para a compra das sementes e para ferramentas, etc.

Os primeiros 108 imigrantes italianos e tirolese chegaram a Brusque no dia 4 de junho de 1875. Como em Blumenau os imigrantes de dialeto italiano-trentino chegaram apenas em 15 de agosto de 1875 (no início eram exclusivamente tirolese) Brusque pode ser considerada o “Berço da grande imigração italiana e tirolese em Santa Catarina”, fato que não deve ser confundido com o início da imigração italiana em si, pois esta iniciou efetivamente quase quarenta anos antes, no ano de 1836, com a fundação da Colônia

Nova Itália em São João Batista (Piazza, 1976). Ainda que a Itália não estivesse unificada quando da fundação da Colônia Nova Itália, uma vez que a unificação só aconteceu em 1861 (que teve entre os seus principais atores Giuseppe Garibaldi, marido da catarinense Anita Garibaldi, heroína do Brasil — *1821, Laguna (SC); + 1849, Mandriole, Itália —), ainda assim a Colônia Nova Itália é, nos anais da história, o legítimo “Berço da Imigração Italiana no Brasil”. A Ligúria, região de origem dos imigrantes que fundaram a Colônia Nova Itália, foi local de importância durante o Risorgimento — movimento pela unificação da Itália—.



Telegrama. Meses antes da chegada dos primeiros imigrantes austríaco-tirolezes de língua italiana (trentinos) e italianos em Brusque, um telegrama do Ministério da Agricultura encaminhado à Diretoria das colônias Itajubá e Príncipe Dom Pedro já informava que em breve chegariam 200 imigrantes lombardos, e que tudo deveria estar preparado para que eles fossem bem-recebidos.



Relatório emitido em 5 de junho de 1875. Os primeiros 108 imigrantes austriaco-tiroleses de língua italiana (trentinos) e italianos, chegaram a Brusque em 4/6/1875. Como em Blumenau os imigrantes de língua italiana chegaram apenas alguns meses depois, mas ainda no ano de 1875, Brusque pode ser considerada o “Berço da Grande Imigração Italiana em Santa Catarina”, fato que não deve ser confundido com o início da imigração italiana em si, pois esta iniciou efetivamente quase quarenta anos antes, em 1836.

As dificuldades iniciais e onde foram assentados os imigrantes

Os imigrantes italianos e tiroleses chegaram ao Brasil com a perspectiva de se tornar proprietários de terras, e também devido à propaganda corrente no continente europeu afirmar que o solo aqui era fértil. Eles tinham vontade de vencer. Mas a realidade que encontraram foi dura: a maioria das terras eram montanhosas, o isolamento era quase total, aliado ao desconhecimento do espaço que os cercava. A consequência, para muitos, foi desencanto, arrependimento, desespero e vontade de voltar. Houve revoltas e motins em Brusque e muitos a deixaram. Alguns conseguiram voltar para a terra de origem, poucos! Outros foram em direção à América Platina (Argentina, Paraguai e Uruguai).

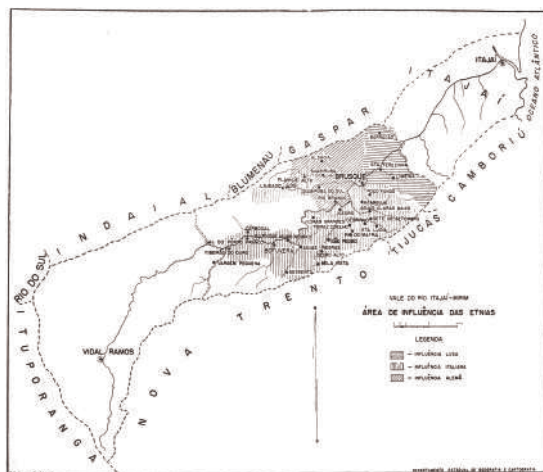
Quando chegaram, os lotes de terra junto à sede de Brusque já estavam ocupados. As melhores terras de Brusque foram aproveitadas pelos imigrantes alemães, porque chegaram primeiro.

Também havia os pioneiros, latifundiários, donos de extensas terras adquiridas antes de 1860 e logo depois da instalação de Brusque, a exemplo dos pioneiros alemães Paul Kellner (sobrinho do Dr. Hermann Blumenau, e um dos 17 colonos pioneiros fundadores de Blumenau que havia se estabelecido no Vale do Itajaí-Mirim por volta do ano de 1853), Franz Salenthien (formado em Agronomia, e um dos 17 colonos pioneiros fundadores da colônia privada Blumenau) e Pedro José Werner (transmigrado da Colônia de São Pedro de Alcântara, latifundiário, proprietário de engenho de farinha e serraria, que acolheu em seu galpão os primeiros imigrantes quando da sua chegada a Brusque em 1860), que já eram proprietários de vastas terras e de muitos engenhos bem antes da fundação oficial de Brusque, em 1860.

Das terras destinadas à colonização, a partir de 1875 restou principalmente a periferia. A maioria dos lotes eram montanhosos, com pequenas várzeas, onde a agricultura de porte se tornou difícil. Eram áreas às quais se adaptaram mais facilmente aqueles imigrantes que já eram agricultores em seu país de origem — que também era umas das condições do Contrato Caetano Pinto, que estipulava que no mínimo 80 % dos “importados” deveriam ser agricultores sadios, laboriosos e moralizados; e que apenas 20% poderiam pertencer a outras profissões —.

Conforme Ganarini, citado por Grosselli (1987, p. 306), os imigrantes que chegaram a Brusque em 1875 primeiro foram destinados a ocupar as terras que integraram a extinta Colônia Príncipe Dom Pedro. Recusaram-nas e, então, foi aberta uma picada que levava para o vale formado pelo rio Tijucas. Eram umas vinte famílias de Valsugana, Província de Trento (Tirol Italiano da Áustria), mais outras famílias de Monza, situada ao norte de Milão. Assim, Nova Trento (que então integrava o território de Brusque) recebeu logo de começo imigrantes italianos (de Monza), e imigrantes tirolezes, de Valsugana. Entre as primeiríssimas famílias foram detectados graves problemas de comunicação verbal. Os monzenses pensavam que os valsuganotos fossem alemães, e os valsuganotos pensavam que os monzenses fossem alemães. Em sua quase totalidade, tratava-se de agricultores católicos, com nível mínimo de instrução, quando não analfabetos, que viveram

sempre à sombra do campanário e carentes da necessária elasticidade mental. Essas famílias pioneiras estabeleceram-se na localidade então chamada “Sixteen Lots”. A partir de 1892, esse território passou a integrar o Distrito de Nova Trento, e atualmente constitui o Distrito de Claraíba, cidade de Nova Trento.



Mapa de influência das etnias no município de Brusque. Os primeiros colonizadores que ocuparam o território de Brusque, considerando a junção das colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, eram, na maioria, povos de fala, cultura e costumes alemães. A partir de 4/06/1875 a região passou a ser colonizada também com imigrantes austriaco-tyrolozes de língua italiana (trentinos) e com italianos, alterando significativamente a composição étnica.

Em continuidade, os imigrantes italianos e trentinos receberam lotes nas localidades de Poço Fundo e Águas Claras (em 2025, são bairros de Brusque). A seguir, foram distribuídos lotes em Nova Trento, então ligada a Brusque. Foi criado o núcleo de Porto Franco (hoje Botuverá), ocupado a partir de 1876 por imigrantes italianos, especialmente bergamascos, e uns poucos tirolezes. Um grupo de imigrantes tirolezes foi instalado em Lageado Alto (Guabiruba) a partir de 1875, aos quais, em 1889, se juntou um pequeno grupo de italianos. Outros, especialmente tirolezes, receberam lotes no então Distrito de Gaspar (parte do território da cidade de Gaspar pertencia a Brusque, outra parte a Blumenau), hoje parte sul de Gaspar.

Colônias italianas pioneiras

Passados 165 anos da fundação, e após diversas divisões territoriais do extenso território de Brusque, a partir de 1962 restou apenas um

pequeno território que forma a Brusque que conhecemos hoje, com área de 284,675 km². Dos quatro distritos mencionados por Gananini (1880): Cedro Grande, Gaspar, Porto Franco e Nova Trento, mais a área que integrava o Distrito-sede (Brusque), tiveram origem os municípios de Nova Trento (1892), Vidal Ramos (1957), Presidente Nereu (1961); Botuverá (1962) e Guabiruba (1962). O Distrito de Gaspar foi desmembrado de Brusque, e hoje constitui as áreas do Sul de Gaspar.

Batizada com o nome de Amábile Lúcia Visintainer, Santa Paulina foi uma imigrante do Tirol Italiano (Áustria) que se estabeleceu em Nova Trento com os pais. Ela nasceu em Vígolo Vattaro, Trentino Alto Ádige, no dia 16/12/1865. Com os pais, irmãos e outras famílias da região, emigrou para o Brasil em 1875, e antes de completar dez anos de idade, passou a morar na localidade de Vígolo, em Nova Trento.

Ela faleceu como Madre Paulina no dia 9/07/1942, aos 76 anos. Em 19/05/2002, na Praça de São Pedro, São João Paulo II canonizou Santa Paulina, reconhecendo suas virtudes em grau heroico: humildade, caridade, fê, simplicidade, vida de oração, entre outras. Ela passou a ser chamada de Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus.

Em sua homenagem, foi edificado o Santuário Santa Paulina, um complexo católico dedicado à primeira Santa do Brasil.

Considerações finais

A imigração de língua italiana em Santa Catarina fez parte de um movimento do Governo Imperial para ocupar o interior do Brasil. Buscando trazer imigrantes europeus, em 1874 o Governo celebrou um contrato com Joaquim Caetano Pinto Junior para introduzir no Brasil (exceto no Rio Grande do Sul), dentro do prazo de dez anos, 100 mil imigrantes alemães, austríacos, suíços, italianos do Norte, bascos, belgas, suecos, dinamarqueses e franceses. O foco eram agricultores sadios, trabalhadores e de boa moral, com idade entre dois anos e 45 anos.

Constituídas originalmente por imigrantes alemães, as colônias Blumenau e Brusque passaram a receber grande contingente de imigrantes italianos e tirolese a partir de 1875. Segundo Fraga (2025), apenas alguns poucos tirolese foram para o sul catarinense, e lá se estabeleceram na Colônia Grão-Pará (comunidade Rio Pinheiros), hoje Orleans.

No princípio, a maioria dos imigrantes era agricultor. Conforme estabelecido no Contrato Caetano Pinto, eram principalmente de origem camponesa. Poucos eram os artesãos. Entre os tirolese que se dirigiram para a América não houve intelectuais ou técnicos, organizadores ou líderes. Padres também houve poucos.

De acordo com Grosselli (2025), especificamente no que se refere aos imigrantes tirolese, é possível afirmar que entre as décadas de 1870 e 1880 os Estados Unidos foi quem mais recebeu tirolese nas Américas (cerca de 70.000). O Brasil fica em segundo lugar (30.000), seguido da Argentina (25.000), Uruguai (3.000-4.000), e depois Chile. Na Europa, a Suíça, a França, a Alemanha e a Bélgica foram os países que, na ordem, mais receberam imigrantes tirolese.

REFERÊNCIAS

BRUSQUE. Família Brusque. **Dados Genealógicos e Biografias**. Blumenau em Cadernos nº 7/8. Julho/agosto 1983. Tomo XXIV. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1983/BLU1983007-008.pdf>>. Acesso em: 01 mar.2024.

CABRAL, Oswaldo R. **Brusque**: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. Brusque: Edição da Sociedade Amigos de Brusque comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Colônia, 1958.

CELVA. Pe. Eder Claudio. **Imigração italiana em Guabiruba**: Lageado Alto. Blumenau: Odorizzi. 2008.

FRAGA, Andrey José Taffner. Mensagens diversas por WhatsApp em 2025.

GANARINI, D. Arcângelo. **Notícias de Brusque e Nova Trento, isto é, das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro na Província de Santa Catarina Império do Brasil**. 1880. Traduzidas do Italiano por Lucas Alexandre Boiteux. Blumenau em Cadernos. Tomo II. Várias edições do ano de 1959. Acesso em: 04 jan. 2024.

GEVAERD, Ayres. Blumenau em Cadernos. **1875 - Os Primeiros Anos da Colonização Italiana nas Colônias Itajahy Brusque e Príncipe Dom Pedro**. Tomo XVI, nº 8, agosto de 1975. Disponível em:< <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1975/BLU1975008.pdf>> Acesso em: 11 fev. 2024.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou Morrer**: Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras: Santa Catarina 1875-1900. Florianópolis: Editora: UFSC. 1987.

GROSSELLI, Renzo Maria. Mensagens diversas por WhatsApp em 2025.

LEGISLAÇÃO INFORMATIZADA. **Decreto nº 5.663**, de 17 de junho de 1874.

PIAZZA, Walter F. **A Colonização Italiana em Santa Catarina**. Editora: Governo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

SAB. Sociedade Amigos de Brusque, mantenedora do Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim. Arquivo de diversos documentos e fotografias. Brusque: 2024.

SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. Dionísio Pedrini entrevistado por Roselys C. dos Santos em 25/01/1979. **A colonização italiana no vale do Itajaí-Mirim**. Florianópolis: Edeme, 1981.

TOMÉ DA SILVA. João. **Informações estatísticas sobre a população de Brusque até o ano de 1874**: Discurso dirigido à Assembleia Legislativa Provincial do Estado de Santa Catarina em 21/03/1875, pelo Exmo. Sr. Presidente da Província Dr. João Tomé da Silva. SAB. Sociedade Amigos de Brusque. Florianópolis: 1875.



Durante todo o ano centenas de crianças visitaram o Museu Casa de Brusque
ACERVO CASA DE BRUSQUE



Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim - SAB/ Casa de Brusque

Relatório da diretoria
Exercício 2024

Temos o prazer de informar aos nossos associados e ao público em geral, o resumo das principais atividades desenvolvidas no exercício 2024.

Nas reuniões mensais da diretoria e Assembleia Geral, ocorridas durante o ano de 2024, foram apresentados os seguintes assuntos:

- Prestação de contas dos projetos PIC, PRONAC, Editais e recursos próprios;
- Relatório das atividades do Museu;
- Eventos e propostas de eventos na SAB;
- Proposta de novo mobiliário para a exposição temporária na casa enxaimel;
- Apresentação da proposta selecionada no Edital Lei Paulo Gustavo Audiovisual (Brusque)
 - Homenagens ALESC;
 - Visitação de escolas;
 - Relatório das atividades do projeto “Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação”, contemplado no Edital Paulo Gustavo – Audiovisual;
- Edição 2024 do Anuário Notícias de Vicente Só;

- Intenção de doação de imóvel para a SAB.
- Apresentação do anteprojeto da nova exposição de longa duração do Museu pela empresa Viés Cultural;
- Apresentação e aprovação da lista de acervo e dos móveis das ilhas expositivas da nova exposição de longa duração do Museu pela empresa Viés Cultural.
- Apresentação e aprovação dos textos históricos da nova exposição de longa duração do Museu;
- Definição dos temas das exposições temporárias do Museu para o ano de 2025;
- Assembleia geral ordinária de apresentação do relatório de atividades e prestação de contas;
- Assuntos gerais.

Homenagens Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC



Museu Casa de Brusque recebe homenagem pela contribuição na preservação da cultura italiana no estado de Santa Catarina, em 26 de fevereiro



Museu Casa de Brusque recebe homenagem pela contribuição na preservação da cultura germânica no estado de Santa Catarina, em 16 de setembro

Signatário do Movimento Nacional ODS – Santa Catarina – ano 2024



Projeto cultural PRONAC 223140 “Preservação e Difusão do Acervo do Museu Casa de Brusque”

Finalizado em outubro de 2024, o projeto “**Preservação e Difusão do Acervo do Museu Casa de Brusque**” (PRONAC 223140) foi executado por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, viabilizado pelo Ministério da Cultura, executado com o patrocínio das empresas Engepeças, Tinturaria Florisa, HAVAN, Hiper Têxtil, Irmãos Hort, Stock Archer, Manatex Têxtil, Supermercados Archer, WEG, ZEN S.A. e ZM S.A.) por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

Esses recursos possibilitaram diversas melhorias estruturais no Museu, bem como a realização de diversas atividades culturais, conservação e catalogação do acervo existente no Museu e ampliação da equipe de colaboradores. No âmbito deste projeto, foram arroladas (numeradas) mais de 25 mil fotografias, que continuam sendo higienizadas e catalogadas.

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA:
Preservação e difusão do acervo do Museu Casa de Brusque
(PRONAC 223140)





Palestras realizadas como contrapartida do “**Preservação e Difusão do Acervo do Museu Casa de Brusque**” (PRONAC 223140), realizada parte no Museu e parte na EEB Feliciano Pires para alunos e professores. Tema: “Vestígios em papel”.



Exposição temporária: “Fios da História: o legado das primeiras indústrias têxteis de Brusque (SC)”.

Conhecida como o “Berço da Fiação Catarinense”, a cidade de Brusque se destaca como um dos maiores polos têxteis do estado e de todo o Brasil. O desenvolvimento da indústria têxtil deu seus primeiros passos no final do século XIX, com a fundação da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux (1892), seguida da Buettner S/A Indústria e Comércio (1900) e da Cia. Industrial Schlösser (1911). As primeiras grandes fábricas têxteis foram parte essencial da formação socioeconômica de Brusque, mesmo que tenham encerrado as suas atividades. Nessa exposição, os visitantes terão a oportunidade de apreciar uma seleção de fotografias, documentos históricos e objetos relacionados à indústria têxtil. Quando: maio a dezembro de 2024. Entrada gratuita.



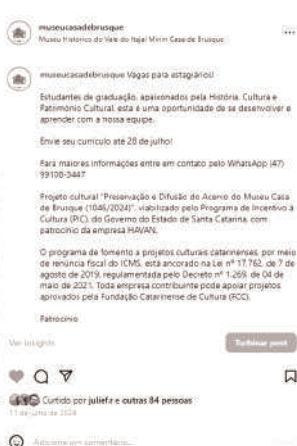
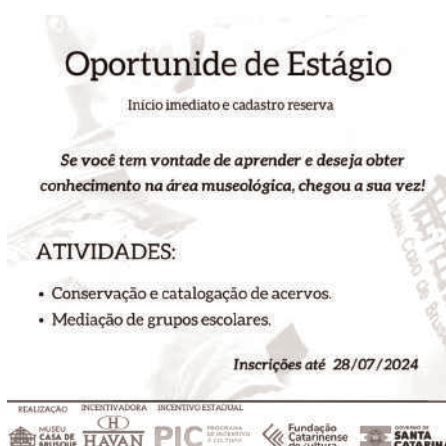
Projeto cultural PRONAC 234215 “Nova Exposição de Longa Duração do Museu Casa de Brusque” realizado pelo Ministério da Cultura por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

Como o objetivo de desenvolver nova exposição de longa duração do Museu Casa de Brusque, foi liberado para execução em 01 de julho.



Projeto cultural “Preservação e Difusão do Acervo do Museu Casa de Brusque (1046/2024)”, viabilizado pelo Programa de Incentivo à Cultura (PIC), do Governo do Estado de Santa Catarina, com incentivo das empresas CELESC, HAVAN e ZEN S/A.

O programa de fomento a projetos culturais catarinenses, por meio de renúncia fiscal do ICMS, está ancorado na Lei nº 17.762, de 7 de agosto de 2019, regulamentada pelo Decreto nº 1.269, de 04 de maio de 2021. Toda empresa contribuinte pode apoiar projetos aprovados pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC).



Vagas de estágio e emprego para pedagogo(a)



Publicações nas redes sociais

22ª SEMANA NACIONAL DE MUSEUS 13 a 19 de maio de 2024

Com o tema “Museus, Educação E Pesquisa “, a proposta este ano é levantar uma reflexão sobre os objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas que, em 2024, são as seguintes metas:

- Meta 4: Educação de Qualidade – Garantir uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

- Meta 9: Indústria, Inovação e Infraestruturas – Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

18ª Primavera
dos museus

História das enchentes de Brusque
contada por acadêmicos da UNIFEU e Comunidade
De 23/09 a 30/09 - 09h00 às 16h00

Ação que visa tornar acessível as reportagens e fotografias das enchentes do Vale do Itajaí-Mirim, por meio da áudio descrição, para que as pessoas possam através das palavras de terceiros, conhecerem estes recortes históricos. As turmas participarão das atividades para vivenciarem o dia dia de um deficiente visual.

9 Museu Casa de Brusque - Evento presencial

Museu Casa de Brusque
Exposições - Seminários - Palestras

museucasadembrusque

museucasadembrusque Começou ontem aqui na Casa de Brusque a ação educativa "História das enchentes de Brusque contada por acadêmicos da UNIFEU e Comunidade." [@unifeu](#)

A ação é gratuita e acontece de 23 a 30/09, das 9h às 16h. Venha participar!

Diante de tantos eventos e desastres socioambientais o tema enchentes faz parte da história do Vale do Itajaí-Mirim, por isso, traz-lo à tona, é aprender com os erros do passado para enfrentar os desafios climáticos da atualidade. Neste sentido, esta informação deve estar disponível a todos as pessoas, inclusive as com deficiência visual. Por isso, esta ação visa tornar acessível as reportagens e fotografias, por meio da áudio descrição, para que as pessoas possam através das palavras de terceiros, conhecerem estes recortes históricos. As turmas participarão das atividades para vivenciarem o dia dia de um deficiente visual.

É um evento da Primavera dos Museus, ação anual que mobiliza os museus brasileiros com programações especiais voltadas para um mesmo tema, que em 2024 é "Museus, Acessibilidade e Inclusão".

Curto por [lucianatomasi](#) e outras 18 pessoas
24 de setembro de 2024

Adicione um comentário...

18ª Primavera
dos museus

TEMA:
museus,
acessibilidade
e inclusão

23 a 29 de setembro de 2024
Salve mais em:
visite.museus.gov.br

Museu Casa de Brusque
Exposições - Seminários - Palestras

museucasadembrusque

museucasadembrusque O Museu Casa de Brusque convida para a exposição temporária, "Fios da História: o legado das primeiras indústrias têxteis de Brusque (SC)", que faz parte da Primavera dos Museus

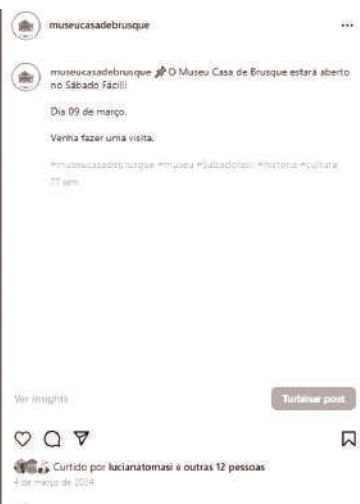
Local: Espaço Casa Enxaimel, no Museu Casa de Brusque.
Quando: até dezembro de 2024.
De segunda a sexta, das 9h às 16h
Entrada gratuita.

A exposição temporária "Fios da História: o legado das primeiras indústrias têxteis de Brusque (SC)" faz parte do Projeto Cultural "Preservação e Difusão do Acervo do Museu Casa de Brusque" (PRONAC 223740), realizado pelo Ministério da Cultura por meio da Lei de Incentivo à Cultura, com o patrocínio das empresas Supermercados Archer (@superar), Engepecar (@engpeca), Tinturaria Florisa (@tinturariaflorisa), HAVAN (@havanoficial), Heil Náutica (@heilnautica), Hiper Textil (@hiper_textil_home), Irmãos Hort (@irmaoshort), Manatex Textil (@manatextil), Maga Motos (@maga_motos), Stock Archer (@stockarcher), WEG (@museuweg), ZEN SA (@zen_sa) e ZM SA (@zmsa).

Curto por [lucianatomasi](#) e outras 19 pessoas
17 de setembro de 2024

Adicione um comentário...

Museu Casa de Brusque aberto no “Sábado Fácil” durante o ano de 2024



Divulgação da entidade na imprensa



Participação no programa Da Hora, Diplomata FM



Participação em reunião Comitê ODS – Hospital de Azambuja

Edital PNAB 03/2023 – Documentário “**Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação**”

A Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim SAB/Casa de Brusque foi contemplada no **Edital 003/2023 – Audiovisual com o projeto “Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação”**, realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo do Governo Federal operacionalizado pela Prefeitura Municipal de Brusque, por meio da Fundação Cultural de Brusque Com roteiro e direção de Celso Deucher, em uma parceria com a Griô Filmes, o documentário em formato média-metragem irá apresentar a trajetória do trabalho de pesquisa e documentação da histórica realizado pela entidade, fatos e eventos marcantes, projetos e ações voltadas à comunidade brusquense. As gravações foram iniciadas no mês de abril com os depoimentos de ex-presidentes, membros da diretoria e associados da Sociedade Amigos de Brusque nestes 70 anos.

A produção está disponível de forma gratuita pelo Canal do Museu Casa de Brusque no Youtube.



museucasadefrusque

museucasadefrusque Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação - documentário

A Sociedade Amigos de Brusque e de Apoio ao Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim SAB/Casa de Brusque foi contemplada no Edital 003/2023 - Audiovisual com o projeto "Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação", realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo do Governo Federal operacionalizado pela Prefeitura Municipal de Brusque, por meio da Fundação Cultural de Brusque. Com roteiro e direção de Celso Deucher, em uma parceria com a Grô Filmes, o documentário em formato média-metragem irá apresentar a trajetória do trabalho de pesquisa e documentação da história realizado pela entidade, fatos e eventos marjantes, projetos e ações voltadas à comunidade brusquense. As gravações foram iniciadas no mês de abril, com os depoimentos de ex-presidentes, membros da diretoria e associados da Sociedade Amigos de Brusque nestes 70 anos.

A produção será disponibilizada de forma gratuita pelo Canal do Museu Casa de Brusque no Youtube. Acompanhe pelas redes sociais:

Ver insights

Turbine post

Curtido por juliefe e outras 49 pessoas

28 de maio de 2024

Adicione um comentário...

Documentário média-metragem

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE: 70 ANOS DE FUNDAÇÃO

Acesse no canal do Youtube do Museu Casa de Brusque
Link na descrição

Este projeto **Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação** é realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo do Governo Federal operacionalizado pela Prefeitura Municipal de Brusque, por meio da Fundação Cultural de Brusque

Logo: Museu Casa de Brusque

Logos: Fundação Cultural de Brusque, SAB, Prefeitura Municipal de Brusque, Governo do Estado de Santa Catarina, Brasil

museucasadefrusque

Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim Casa de Brusque

museucasadefrusque Já está disponível para a comunidade o documentário "Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação"

Documentário completo. Acesso:
<https://www.youtube.com/watch?v=Ma5kM82ks4>

- EPISÓDIO 01: A fundação e objetivos da Sociedade Amigos de Brusque (SAB). Acesso:
<https://www.youtube.com/watch?v=Rjg6DAoniz4&xt=5s>
- EPISÓDIO 02: Festas do Centenário e nascimento do Museu Casa de Brusque. Acesso:
https://www.youtube.com/watch?v=CpN8_ru0Uk
- EPISÓDIO 03: O Anuário e a abertura do Museu para a comunidade. Acesso:
<https://www.youtube.com/watch?v=uJkX1-Mfgk&xt=2s>
- EPISÓDIO 04: Os presidentes da SAB e a formação e profissionalização da equipe. Acesso:
<https://www.youtube.com/watch?v=KgGwEaLj8H4&xt=2s>

Ver insights

Turbine post

Curtido por juliefe e outras 32 pessoas

28 de agosto de 2024

Adicione um comentário...

Eventos

Verein Deutsche Sprache e.V. & Museu Casa de Brusque apresentam:

Alvorada Cultural

Zweisprachiges Kulturprogramm (Deutsch und Portugiesisch)

Gertrude Wagner
Verein Deutsche Sprache
Thema:
Lage und Rolle
der deutschen Sprache:
Vorstellung des VDS e.V.

Newton Schner Jr.
Centro de Línguas Germanas
Tema:
Apresentação do
documentário
Teuto-Princípios

08.06 - sábado
Abertura: 10h - Início: 10h15
Museu Casa de Brusque
Otto Renaux, 285 - Brusque/SC

MUSEU CASA DE BRUSQUE | Verein Deutsche Sprache | CLG

germania.clg e outros 2
Brusque

germania.clg Vem aí a ALVORADA CULTURAL, um programa cultural bilíngue (alemão e português) que está chegando à cidade de Brusque

Temas como a importância da língua alemã e o papel da imigração alemã no Brasil serão alguns dos discutidos neste evento, que acontece no coração da cultura brusquense: o Museu Casa de Brusque

Além da palestra de Gertrude Wagner, teremos a exibição do documentário "Teuto-princípios" e uma roda de discussão e interação, de maneira bastante convidativa.

Evento organizado pelo @museucasabrusque com apoio do @vdsbrasil e @vdsbrasil

Brusque
#deutschescultur
#museucasabrusque
#museucasabrusque
#museucasabrusque

54 sem

Curtido por julief e outras 47 pessoas
3 de junho de 2024

Adicione um comentário

Rede de Educadores em Museu REM/SC

O Museu Casa de Brusque participou do encontro da Rede de Educadores em Museus de SC e Projeto Integrado - REM/SC, “RELATOS DE EXPERIÊNCIAS - Ações Educativas em Museus e Espaços Culturais”.

O evento aconteceu na Galeria Jandira Lorenz do Departamento de Artes Visuais do CEART/UDESC, contou com apresentações de vários museus de Santa Catarina compartilhando suas experiências e ao final uma palestra com a professora Dra. Sandra Ramalho e Oliveira, com mediação de Maria Helena Barbosa.

A colaboradora do Museu Casa de Brusque Julie Francine Ricardo participou do evento, apresentando as ações educativas realizadas durante a exposição “Os Povos Indígenas e a Colonização Europeia no Vale do Itajaí-Mirim / SC - Histórias de contato”.



Evento “Semana de Brusque” 2024

MUSEU CASA DE BRUSQUE

Semana de Brusque

25 de julho a 10 de agosto

PROGRAMAÇÃO MUSEU CASA DE BRUSQUE

25 DE JULHO

10h - Lançamento do selo comemorativo aos 200 anos da Imigração Alemã no Brasil

02 A 10 DE AGOSTO

09h-12h / 13h-16h

Exposição temporária "Flores da História: o legado das primeiras indústrias têxteis de Brusque (SC)"

03 DE AGOSTO

09h - Lançamento do documentário "Sociedade Amigos de Brusque: 70 anos de fundação"

06 DE AGOSTO

19h - Espetáculo Vozes e Memória

museucasadebusque
Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim Casa de Brusque

museucasadebusque Confira a programação da Semana de Brusque no Museu Casa de Brusque

#museucasadebusque #história #cultura #museumadebrusque #brusqueSC #anoemabradabrusque 58.com

Curtido por juliefe e outras 20 pessoas
10 de junho de 2024

Evento “Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil”

No dia 25 de julho, no Museu Casa de Brusque, aconteceu o lançamento de dois selos comemorativos ao Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil. O evento foi promovido pelo Clube Filatélico Brusquense, com o apoio cultural da UNIFEBE, Museu Casa de Brusque e Instituto Aldo Krieger.



O que: Palestra “Os periódicos do Vale do Itajaí-Mirim como fontes de pesquisa histórica”.

Onde: Museu Casa de Brusque

Quando: dia 20 de agosto, terça-feira, às 19 horas.

Palestrantes: Celso Deucher - historiador
e Luciana Pasa Tomasi - historiadora

Proponente: Deucher Filmes - Sérgio Deucher.

Evento gratuito e aberto a toda a comunidade

Este projeto recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Brusque através da Fundação Cultural de Brusque com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura no ano de 2023.

Convite

PALESTRA

Tema: OS PERIÓDICOS DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM COMO FONTES DE PESQUISA HISTÓRICA

Dia: 20 de Agosto, Terça-feira

Local: Museu Casa de Brusque

Início: 19:00h.

Ingressos: Evento Gratuito

"Este projeto recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Brusque através da Fundação Cultural de Brusque com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura no ano de 2023"

WILSON SANTOS FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA FUNDAÇÃO CULTURAL DE BRUSQUE

museucasadebrusque
Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim Casa de Brusque

museucasadebrusque CONVITE

O que: Palestra "Os periódicos do Vale do Itajaí-Mirim como fontes de pesquisa histórica".
Onde: Museu Casa de Brusque
Quando: dia 20 de agosto, terça-feira, às 19 horas.
Palestrantes: Celso Deucher - historiador (@celso.deucher) e Luciana Pasa Tomasi - historiadora (@lucianatomasi)
Proponente: Deucher Filmes - Sérgio Deucher (@sergiodeucher).

Evento gratuito e aberto a toda a comunidade

Este projeto recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Brusque através da Fundação Cultural de Brusque com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura no ano de 2023.

#museucasadebrusque #deucherfilmes #lucianatomasi #brusqueSC #periódicos

54 sem

Ver insights

Turbinar post

Curtido por Juliefr e outras 29 pessoas

5 de agosto de 2024

Adicione um comentário...

Projeto “Memórias Coletivas: identificação de fotografias para a preservação do passado brusquense”. Este projeto recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Brusque através da Fundação Cultural de Brusque com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura no ano de 2023.

PROJETO "MEMÓRIAS COLETIVAS IDENTIFICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS PARA A PRESERVAÇÃO DO PASSADO BRUSQUENSE"

Data das oficinas

✓ 03/09	✓ 24/09
✓ 10/09	✓ 01/10
✓ 17/09	

ESTE PROJETO RECEBEU O PATROCÍNIO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE BRUSQUE ATRAVÉS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE BRUSQUE COM RECURSOS DO FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA NO ANO DE 2023.

MUSEU CASA DE BRUSQUE WILSON SANTOS FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA FUNDAÇÃO CULTURAL DE BRUSQUE

museucasadebrusque
Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim Casa de Brusque

museucasadebrusque Convite Especial

Você é apaixonado por fotografias antigas e pela história de Brusque? Então, participe do projeto "Memórias Coletivas Identificação de Fotografias para a Preservação do Passado Brusquense".

Detalhes:

- O que: Identificação de Fotografias Antigas
- Onde: Museu Casa de Brusque
- Quando: Toda terça-feira de setembro a 01 de outubro
- Horário: Das 9h às 11h
- Atividade Gratuita e aberta a toda a comunidade

Inscriva-se aqui: (Formulário de Inscrição)
(<https://docs.google.com/forms/d/1TAJ-RUoykIccCeWfGa1sgkZW4pczJ59pV5tAa3/edit>)

Este projeto recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Brusque através da Fundação Cultural de Brusque com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura no ano de 2023.

Ver insights

Turbinar post

Curtido por lucianatomasi e outras 30 pessoas

14 de agosto de 2024

Adicione um comentário...

Datas de realização do projeto

PROJETO

MEMÓRIAS COLETIVAS

Identificação de Fotografias para a Preservação do Passado Brusquense

PRÓXIMA OFICINA
10/SET
Das 9h às 11h



WILSON SANTOS

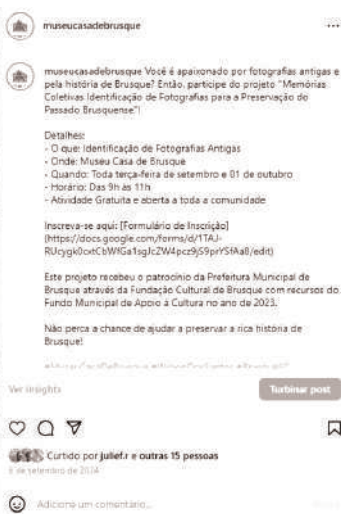
FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À CULTURA

CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA

FUNDAÇÃO CULTURAL

BRUSQUE

Este projeto recebeu o patrocínio da Prefeitura Municipal de Brusque através da Fundação Cultural de Brusque com recursos do Fundo Municipal de Apoio à Cultura no ano de 2023.



Datas de realização da atividade

Entrega de ofício solicitando parceria institucional entre a SAB e instituição congênere da cidade irmã de Gmina Popielów – Stare Siolkowice. Gabinete da Prefeitura de Brusque



Entrega do ofício, em 26 de agosto

Visita técnica Arquivo Histórico José Ferreira da Silva



Representantes do Museu Casa de Brusque, Julie F. Ricardo e Ana Paula Thomaz, em visita técnica acompanhadas pela historiadora Sueli Petry

Fórum de Cultura de Guabiruba



Representante do Museu Casa de Brusque participou do 6º Fórum de Cultura de Guabiruba, novembro de 2024

Lançamento da edição 2024 do Anuário Notícias de Vicente Sô



Convite do evento, realizado em 6 de dezembro

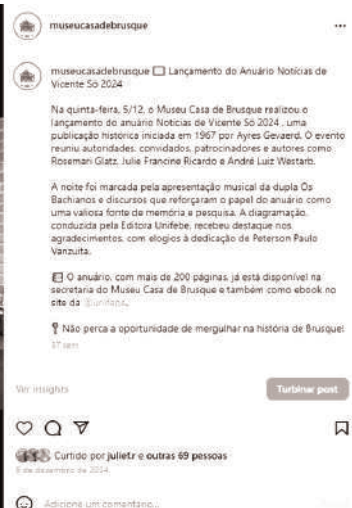



Imagem do evento

Redes sociais

6 DE DEZEMBRO

1869



O território da Colônia Príncipe Dom Pedro é anexado à Colônia Itajahy-Brusque

museucasadebusque

museucasadebusque O território da Colônia Príncipe Dom Pedro é anexado à Colônia Itajahy-Brusque. Através de um aviso do Ministério da Agricultura, o território desta colônia foi anexado à Diretoria da Colônia Itajahy-Brusque. Com isso, as dimensões coloniais aumentaram para aproximadamente 70 mil hectares.

Foto Acervo Museu Casa de Brusque
Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim

Av. Otto Renaux, 285. CEP 88.351-301 - Brusque/SC
2a a 6a Feira: 9h00-12h / 13h30-16h
casadebusque@gmail.com
(47) 3351-2132 • (47) 99108-3447

Pinçote e Pinçote Pinçote
27 de dez

Ver insights

Tubarão post

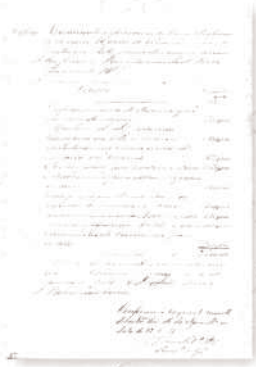
Curtido por teretomasi e outras 32 pessoas
6 de dezembro de 2024

Adicione um comentário...

Pesquisa elaborada pela entidade

4 de junho de 1875

150 ANOS DA GRANDE IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SANTA CATARINA



MUSEU CASA DE BRUSQUE

150

museucasadebusque e outros 6

museucasadebusque 4 de junho de 1875 – 150 anos da Grande Imigração Italiana em Santa Catarina.

Por força do Contrato "Caetano Pinto", grandes levas de imigrantes italianos chegaram ao Brasil a partir do ano de 1874. A maioria desses imigrantes era proveniente do norte da Itália, de regiões como Vêneto, Lombardia e Trentino-Alto Adige. Em Santa Catarina, o primeiro grupo desembarcou no Porto de Itajaí e se estabeleceu na Colônia Itajahy e Príncipe Dom Pedro, hoje município de Brusque, em 4 de junho de 1875. A partir de então, o elemento italiano passou a povoar outras regiões do estado, formando comunidades e cultivando as suas tradições.

Imagem: Imagem do documento que apresenta o orçamento aproximado das despesas com os 108 colonos novos que chegaram em 4 de junho de 1875 na Colônia Itajahy-Príncipe Dom Pedro, redigido pelo diretor Luiz Betim Paes Leme.
Fonte: Acervo Museu Casa de Brusque.

Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim

Av. Otto Renaux, 285. CEP 88.351-301 - Brusque/SC
2a a 6a Feira: 9h00-12h / 13h30-16h
casadebusque@gmail.com

Ver insights

Tubarão post

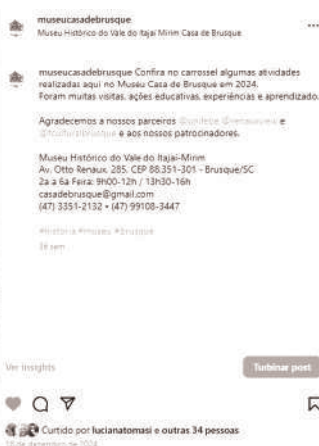
Curtido por teretomasi e outras 52 pessoas
4 de junho

Adicione um comentário...

Pesquisa elaborada pela entidade e publicada em parceria

Visita de escolas e turmas

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, o Museu Casa de Brusque recebeu no ano de 2024, 82 turmas do ensino fundamental para visita mediada e ações educativas; 9 turmas de ensino fundamental da rede privada; 5 turmas de EJA/CEJA; turmas de acadêmicos.



Faculdade São Luiz



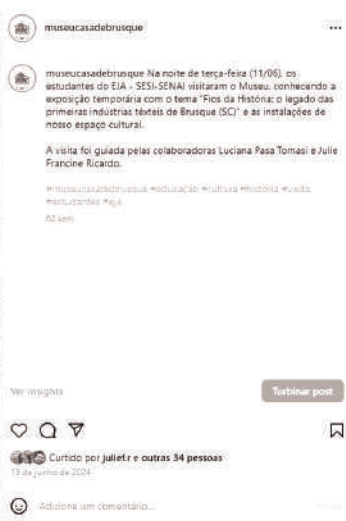
Escolas municipais



Escolas municipais



Grupos de acadêmicos



Grupo EJA/CEJA



Acadêmicos



museucasad Brusque
Museu Histórico do Vale do Itajaí - Mini Casa de Brusque

museucasad Brusque Na noite de segunda-feira (17/06), os estudantes do EJA - DESI-SENAI visitaram o Museu, conhecendo a exposição temporária com o tema "Fios da História: o legado das primeiras indústrias têxteis de Brusque (SC)" e as instalações de nosso espaço cultural.

A visita foi guiada pelas colaboradoras Luciana Passa Tomasi e Julie Francine Ricardo.

#museucasad Brusque #educação #cultura #noite na #museu #estudantes #EJA #aprendizagem

81 sem

Ver insights

Tuitar post

Curtido por juliefre e outras 20 pessoas

18 de junho de 2024

Adicione um comentário...

EJA/CEJA



museucasad Brusque
Museu Histórico do Vale do Itajaí - Mini Casa de Brusque

museucasad Brusque Grupo JUAD visita o Museu Casa de Brusque no Sábado Fácil

No último Sábado Fácil, dia 10/06, o grupo JUAD (@juad Brusque) visitou o Museu, onde conheceram e prestigiaram a exposição temporária "Fios da História: o legado das primeiras indústrias têxteis de Brusque (SC)" e as instalações de nosso espaço cultural.

Agradecemos a visita e convidamos a comunidade a prestigiar o Museu.

#museucasad Brusque #educação #história #cultura #sábado fácil #museu #juad

Sábado - 10 sem

Ver insights

Tuitar post

Curtido por lucianatomasi e outras 27 pessoas

20 de agosto de 2024

Adicione um comentário...

JUAD



Visita técnica Casa Scharf



Colégio São Luiz



Grupo 60+



CEJA/EJA

Convênio com a Prefeitura Municipal de Brusque

O Museu Casa de Brusque assinou um novo convênio com a Prefeitura de Brusque por meio da Fundação Cultural para o repasse anual dividido em 12 parcelas de R\$ 6.025,00, reajustado de acordo com a inflação do período.



Museu Casa de Brusque contemplado com recursos de penas pecuniárias

Um projeto inscrito no Edital das Verbas Pecuniárias pela Subseção Judiciária de Brusque no valor de R\$ 66.635,00 para aquisição de quatro Monitores Telas Interativas Touch 43” polegadas, para fazer parte da nova exposição permanente da Casa de Brusque.





Brasil
1º Porte
Carta Comercial

SELO-PERSONALIZADO-SELO-PERSONALIZADO-SELO-PERSONALIZADO-SELO-PERSONALIZADO-SELO-PERSONALIZADO-SELO-PERSONAL





Clube Filatélico Brusquense 90 anos de história

Jorge Paulo Krieger Filho

O autor é presidente do Clube Filatélico Brusquense.
E-mail: jorgekriegerer@uol.com.br

No dia 21 de julho de 2025, o Clube Filatélico Brusquense comemorou 90 anos de atividades, cumprindo uma longa jornada de realizações filatélicas, numismáticas e do colecionismo em geral.

Fundado em 21 de julho de 1935 por Ayres Gevaerd, Érico Jorge Krieger, José Boiteux Piazza e Oscar Gustavo Krieger com o objetivo de reunir colecionadores de selos, moedas e cartões postais, o Clube Filatélico Brusquense promoveu ao longo de sua existência exposições e mostras filatélicas, emissão de Folhinhas Filatélicas, selos personalizados e carimbos comemorativos. Nos preparativos para as comemorações do 1º centenário de Brusque, em 4 de agosto de 1960, o CFB integrou a Comissão Central dos Festejos, ficando responsável pela subcomissão de Filatelia quando promoveu a 3ª Exposição Filatélica Estadual, de 4 a 10 de agosto de 1960, inaugurada pelo então governador Heriberto Hülse.

O Clube Filatélico Brusquense também tem cumprido importante papel na difusão da filatelia, da pesquisa histórica e do conhecimento através das escolas municipais, incentivando os estudantes a iniciarem uma coleção.

Para divulgar as suas atividades, bem como a filatelia e o colecionismo de modo geral, o CFB edita bimestralmente, há 11 anos, o **BOLETIM FILATÉLICO**, publicação de cunho didático-cultural que é referência no meio literário filatélico do Brasil, tendo recebido vários prêmios em exposições.

Para registrar e perpetuar os 90 ANOS DO CLUBE FILATÉLICO BRUSQUENSE, considerando a relevância da data para a filatelia brasileira, foram lançados pelos Correios do Brasil no dia 21 de julho de 2025 um selo postal personalizado e um carimbo comemorativo, em solenidade realizada no salão de eventos da Sociedade Esportiva Bandeirante, tradicional clube brusquense fundado no ano de 1900.

Com a presença de várias autoridades do município e do estado, filatelistas, representantes de Clubes Filatélicos, familiares dos fundadores, imprensa e dos Correios, o evento revestiu-se de grande brilhantismo, tendo seu ponto alto com a sessão de obliteração do selo postal sobre envelope comemorativo da efeméride.

A solenidade foi conduzida pela Sra. Elisiane Laurindo, Superintendente Estadual dos Correios, acompanhada pelo Sr. Jorge Paulo Krieger Filho, Presidente do Clube Filatélico Brusquense. Obliteraram as peças filatélicas: **Sr. André Batisti**, Vice-Prefeito Municipal de Brusque, **Sr. Jean Dalmolin**, Presidente da Câmara de Vereadores, **Sr. Igor Alves Balbinot**, Diretor-Geral da Fundação Cultural de Brusque, **Dr. Renato Mauro Schramm**, Presidente do Clube Filatélico Maçônico do Brasil e representante da FILABRAS, **Sra. Rosemari Glatz**, Reitora do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE, **Sra. Maria do Carmo Ramos Krieger**, representando os fundadores do CFB (in memoriam), **Dr. Reinaldo Estevão de Macedo**, representante da Federação Brasileira de Filatelia – FEBRAF; **Sr. Luis Claudio Fritzen**, Presidente da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina – AFSC; **Sr. Waldemar Gebauer**, Presidente da Associação Filatélica e Numismática Timboense – AFINUTI; por último, o carimbo comemorativo foi aplicado pelo **Sr. Jorge Paulo Krieger Filho**, Presidente do CFB, acompanhado pelos atuais membros da **Diretoria do Clube Filatélico Brusquense**.

Na ocasião se pronunciaram sobre o evento a Sra. Elisiane Laurindo, Sr. André Batisti, Dr. Renato Mauro Schramm, Sra. Maria do Carmo Ramos Krieger, Dr. Reinaldo Estevão de Macedo e o Sr. Jorge Paulo Krieger Filho.

O design do selo e do carimbo se inspirou no OLHO-DE-BOI de 90 réis lançado pelo Brasil em 1843, como referência ao aniversário de 90 anos do Clube Filatélico Brusquense.

No selo constam o dia de fundação, 21 de julho e os anos de 1935 e 2025, tudo sobre um fundo amarelo-ouro simbolizando a longevidade do Clube Filatélico Brusquense.

O carimbo, em forma circular, contém além do órgão emissor e a respectiva agência postal, o nome da FEBRAF, patrocinadora da emissão junto aos Correios, os anos 1935-2025 e a data alusiva aos 90 anos de fundação do Clube, 21.7.2025.

A atual diretoria do Clube Filatélico Brusquense para o período 21 de julho de 2021-2026 está assim constituída:

PRESIDENTE – Jorge Paulo Krieger Filho; SECRETÁRIO – Carmelo Krieger; TESOUREIRO – Jorge Bianchini; COORDENADOR DE TROCAS – Nilo Sérgio Krieger; BIBLIOTECÁRIO – Gaspar Eli Severino.

CONSELHO FISCAL – Gilson Ávila Hulbert – Hermes Morsch – Alexandre Krieger.

O Clube Filatélico Brusquense é reconhecido de utilidade pública pela Lei municipal nº 551, de 29.09.1973.



Envelope comemorativo dos 90 anos do Clube Filatélico Brusquense



Selo comemorativo



Carimbo comemorativo



Vice-Prefeito Municipal de Brusque, André Batisti, efetua a 1ª obliteração do selo postal personalizado



Jorge Paulo Krieger Filho, Presidente do Clube Filatélico Brusquense



Diretoria e membros do Clube Filatélico Brusquense, acompanhados pela Superintendente dos Correios em SC, com o selo e o carimbo dos 90 anos de fundação

Esq./dir.: Rafael João Scharf, Jorge Bianchini, Jorge Paulo Krieger Filho, Elisiane Laurindo (Superintendente da ECT/SC), Nilo Sérgio Krieger, Gaspar Eli Severino e Carmelo Krieger



Família Krieger se encantando com as novas tecnologias do Museu, inaugurada dia 4 de agosto
ACERVO CASA DE BRUSQUE



Inovação e Patrimônio:

A nova exposição de longa duração do
Museu Casa de Brusque como marco
museológico em Santa Catarina

Celso Deucher

O autor é historiador, jornalista, escritor
e produtor documentários históricos.
E-mail: celsodeucher@gmail.com

O papel dos museus na contemporaneidade vai além da preservação de acervos: eles se tornam espaços vivos de diálogo entre passado e presente. Alinhado a essa perspectiva, o Museu Casa de Brusque, mantido pela Sociedade Amigos de Brusque, passou por uma profunda reestruturação que culminou na inauguração de sua nova exposição de longa duração em 4 de agosto de 2025.

Fundado com o objetivo de preservar a memória da cidade de Brusque e Vale do Itajaí-Mirim, o Museu Casa de Brusque é um dos principais empreendimentos culturais do Vale do Itajaí. Ao longo das décadas, consolidou-se como guardião de documentos, objetos e registros que remontam à fundação do município e às transformações de sua sociedade.

A nova exposição foi viabilizada através de parcerias com o Ministério da Cultura (PRONAC 234215), Fundação Catarinense de Cultura (PIC), Fórum de Justiça da Comarca de Brusque, Fundação Cultural de Brusque e Prefeitura Municipal de Brusque, além da significativa participação da iniciativa privada regional, que viabilizou um montante superior a R\$ 2,6 milhões em investimentos nos últimos cinco anos, através das leis de incentivo à cultura.

A reformulação do espaço físico e simbólico do museu foi conduzida com foco na inovação. Desde a remodelação da área externa, com destaque para o mural “Um presente para o futuro”, criação de Lucas Nowalls, do projeto “Sem Muros”, que simboliza a transição entre passado e futuro, até a implementação de tecnologia de ponta nos ambientes internos.

Em linhas gerais destacam-se elementos inovadores, seja pela integração entre tecnologia e design e até mesmo a curadoria histórica, consolidando o Museu como um exemplo de inovação museológica em Santa Catarina. Um dos principais avanços técnicos implementados foi a iluminação por fibra óptica, que, além de valorizar visualmente o acervo, oferece proteção adequada às peças mais sensíveis. Essa tecnologia permite a preservação de ícones como a Caleça, carroça funerária do século XIX, e o tear, símbolo da vocação têxtil de Brusque, cidade reconhecida nacionalmente por sua indústria.

Outro diferencial do projeto é o mobiliário planejado, que combina funcionalidade e estética com um olhar curatorial refinado. As estruturas foram desenvolvidas sob medida, considerando tanto a preservação quanto a apresentação das peças históricas. Essa abordagem garante uma experiência fluída e coerente para o visitante, contribuindo para a imersão nos diferentes períodos representados.

A interatividade também se faz presente por meio de quatro telas touch screen, estrategicamente posicionadas no ambiente. Esses dispositivos permitem o acesso simultâneo a uma linha do tempo interativa da cidade de Brusque, além de informações detalhadas sobre personalidades públicas que marcaram a história local, como prefeitos, vereadores e presidentes da Sociedade Amigos de Brusque. O recurso aproxima o público dos conteúdos históricos de forma intuitiva e envolvente.

Para comunicar essa nova fase, foi desenvolvida uma nova identidade visual pelo estúdio P1 Designer, sob direção de Paulo Morelli. A proposta gráfica traduz o espírito moderno e acessível do museu, equilibrando tradição e inovação. O resultado é uma marca que dialoga com diferentes públicos e fortalece o posicionamento institucional do espaço como centro de referência cultural.

Complementando a exposição, os painéis temáticos organizam o percurso do visitante por meio de textos contextualizados e fotografias históricas. Com curadoria rigorosa e linguagem acessível, os painéis evidenciam marcos da trajetória local, resgatando episódios fundamentais da construção da identidade brusquense.

A nova exposição também propõe ao público uma experiência imersiva, sensorial e educativa, cuidadosamente estruturada em seis núcleos temáticos que conduzem o visitante por uma jornada pela história da cidade e de sua gente. Combinando peças, documentos e uma vasta seleção de imagens, a exposição se destaca pelo uso de centenas de fotografias históricas e milhares de documentos originais, todos extraídos de um acervo que ultrapassa 25 mil imagens e reúne milhares de registros documentais preservados pelo Museu ao longo de décadas.

Cada núcleo temático foi planejado com o objetivo de contextualizar a formação da identidade brusquense de forma acessível e envolvente. A narrativa é complementada pela organização cuidadosa das peças expostas, que seguem o mesmo fio condutor dos temas propostos, permitindo ao visitante perceber a continuidade da história tanto nos textos quanto nos objetos apresentados. Assim, o acervo físico da exposição, composto por móveis, utensílios, vestimentas, ferramentas e itens simbólicos, está disposto de forma lógica e coerente com os conteúdos históricos abordados em cada etapa da mostra nos painéis.

ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE



Painéis com o conteúdo da história e muitas fotos que encantam visitantes

O primeiro núcleo, **“Os que aqui viviam e os que aqui chegaram”**, destaca a diversidade étnica e cultural que marca a origem de Brusque. Fotografias de imigrantes, documentos de chegada, objetos de uso cotidiano e peças indígenas compõem um retrato rico da confluência de culturas que deram forma à cidade.

No núcleo **“Da Stadtplatz a Brusque”**, o visitante acompanha a evolução urbana e arquitetônica do município. Mapas antigos, registros oficiais e imagens históricas mostram como a cidade se expandiu, transformando-se em um importante centro econômico e social.

“Religiosidade”, terceiro núcleo, revela a pluralidade de crenças e práticas espirituais. Uma série de fotos e documentos ilustram o papel central da fé na vida comunitária e na organização religiosa e social da cidade.

Já o núcleo **“Esporte”** celebra a trajetória esportiva da cidade, com troféus, uniformes e registros fotográficos que homenageiam clubes, atletas e eventos marcantes. Nesse núcleo o visitante percebe como o esporte se consolidou como elemento de identidade local e integração social.

O núcleo **“Cotidiano social”** apresenta objetos de uso doméstico, móveis, trajes e utensílios, acompanhados por imagens que retratam cenas do dia a dia em diferentes décadas. Esses elementos oferecem uma visão afetiva e detalhada da vida em família, nas escolas, no comércio e nas ruas da cidade.

Por fim, **“Sistemas econômicos”** encerra o percurso com uma análise da evolução produtiva de Brusque. Fotografias das primeiras fábricas, máquinas, ferramentas e documentos empresariais revelam como o espírito empreendedor moldou a economia local, com destaque para o setor têxtil, vocação histórica que caracteriza toda a história econômica da cidade.

A coerência entre os textos informativos, as imagens e a disposição das peças cria uma narrativa fluída e envolvente, que pode ser claramente percebida pelo visitante durante o percurso. Essa integração entre conteúdo e forma reforça o objetivo da exposição: oferecer uma leitura abrangente e sensível da história de Brusque, acessível a todos os públicos.

Além disso, reafirmando o compromisso com a inclusão cultural, todos os textos da exposição estão traduzidos para alemão e italiano, em reconhecimento às raízes imigrantes do município. Um dos diferenciais da nova exposição é a atenção às necessidades de públicos diversos. O museu foi preparado para acolher pessoas com deficiência auditiva, visual e mobilidade reduzida, por meio de rampas, legendas, materiais táteis e recursos visuais adaptados.

Por todos estes motivos, a nova exposição de longa duração do Museu Casa de Brusque representa um divisor de águas para a museologia regional. Ao aliar memória, tecnologia e inclusão, o museu fortalece sua função educativa, cultural e social, ampliando o acesso ao patrimônio e promovendo uma experiência significativa para visitantes de todas as idades. O projeto é exemplo de como museus de pequeno e médio porte podem se tornar referências nacionais quando impulsionados por parcerias estratégicas, planejamento curatorial e comprometimento institucional.

FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE



Público lotou dependências da Casa Enxaimel, local onde foi realizada a solenidade de inauguração da nova exposição

Solenidade histórica marca inauguração da nova exposição

A solenidade de inauguração da nova exposição de longa duração do Museu Casa de Brusque fez parte das comemorações dos 165 anos de Brusque. Com início das 17 horas, a cerimônia oficial, conduzida pelo cerimonialista Jorge Paulo Krieger Filho, reuniu autoridades políticas, representantes de governos, representantes dos poderes legislativos, instituições culturais, acadêmicos, imprensa e a comunidade regional, lotando as dependências do museu.

O evento destacou-se não apenas pela importância da nova exposição, mas também pela representatividade de seus convidados, tendo inclusive participado o governador do estado, Jorginho Melo, que veio a Brusque prestigiar o evento.

A abertura do cerimonial contou com a execução do Hino de Brusque, interpretado pelo Coro da Unifebe, sob regência da maestrina Louise Clemente e emocionou os presentes ao resgatar a identidade cultural da cidade em um momento de celebração.



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Coro Unifebe abrilhantou o evento com belíssimas canções e no início da solenidade cantou o hino de Brusque

Durante a solenidade, foram registradas as presenças de diversas autoridades: Governador do Estado de Santa Catarina, Jorginho Mello; Prefeito de Brusque, André Vechi; Vice-prefeito de Brusque, André Batisti; presidente da Fundação Catarinense de Cultura, Maria Terezinha Debatin; representante do Ministério da Cultura (MinC), Priscila Appella, do Escritório Estadual de Santa Catarina; presidente da Sociedade Amigos de Brusque, Marcus Schlösser; coordenadora do Museu, historiadora Luciana Pasa Tomasi; vice-presidente da FIESC para o Vale do Itajaí-Mirim, Edemar Fischer; artista plástico e produtor cultural do projeto ‘Sem Muros’, Lucas Nowalls; secretário de desenvolvimento econômico e inovação de Brusque, Valdir Walendowsky; diretor de bem-estar animal de Brusque, Leandro Hyarup; Diretor do Colégio Cônsul Carlos Renaux, Otto Hermann Grimm; Vereador Valdir Hinselmann; Reitora da Unifebe – Centro Universitário de Brusque, Rosemari Glatz; Representante da empresa Irmãos Zen/S.A., Suzan de Modesti Krieger; Deputada Estadual Ana Campagnolo; Deputada Estadual Ana Paula da Silva (Paulinha); Artur Arendartchuk, procurador- geral do município de Brusque; Vice-presidente nacional da Academia de Letras do Brasil, Marcos Welter; Diretor-geral da Fundação Cultural de Brusque, Igor Alves Balbinot; além de associados da Sociedade Amigos de Brusque, historiadores, pesquisadores, escritores, diversos veículos de imprensa e representantes da comunidade local. Registre-se também a presença de representantes de diversas entidades congêneres da região: Superintendente de cultura de Guabiruba; Jenifer Schlindwein; museóloga Museu Casa Scharf, Flavia Bueno; Arquivista Museu Casa Scharf, Altair Lucas Packeiser Junior; Gerente do Museu Etno-arqueológico de Itajaí, Lucy Otero; Gerente do Museu Histórico de Itajaí, Fundação Genésio Miranda Lins, Marco Antônio; Museóloga do Museu Etno-arqueológico de Itajaí, Daniele Rauber.

A primeira a fazer uso da palavra foi a coordenadora-geral do Museu, Luciana Pasa Tomasi, que fez o seguinte discurso:



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Coordenadora-geral do Museu Casa de Brusque, historiadora
Luciana Pasa Tomasi

É com imensa alegria e gratidão que me dirijo a vocês neste dia tão especial. Sinto-me profundamente feliz e, ao mesmo tempo, orgulhosa pela trajetória que nos trouxe até aqui. Hoje celebramos não apenas uma nova exposição de longa duração, mas um marco na história do Museu Casa de Brusque.

Os últimos cinco anos, em especial, foram marcados por um intenso processo de reestruturação, num trabalho coletivo da diretoria, sócios, colaboradores, consultores, instituições de fomento à cultura, empresas patrocinadoras e por apaixonados pela história de Brusque e região. Todo esse conjunto de ações resultou em um museu renovado, vibrante, acessível e conectado com o presente e o futuro sem jamais esquecer o passado.

Quais são as novidades deste novo museu que hoje estamos entregando à nossa comunidade?

A primeira, e talvez a mais importante, é a coragem da nossa diretoria e da equipe em romper com antigos paradigmas. Inovar em museus exige sensibilidade e, principalmente, ousadia. E foi essa ousadia que guiou cada uma das decisões que resultaram neste espaço moderno, acolhedor e preparado para receber visitantes de todas as idades e perfis.

A área externa foi cuidadosamente planejada para valorizar a experiência do visitante, com um destaque especial para o mural criado por Lucas Nowalls, do projeto “Sem Muros”.

Outro destaque importante foi o desenvolvimento da nova identidade visual, elaborada pela PI Designer; por meio do talento de Paulo Morelli. Internamente, investimento muito forte em um novo mobiliário, planejado sob medida, para preservar o acervo e valorizar seus aspectos mais relevantes. Aqui temos um dos nossos maiores diferenciais: a iluminação por fibra óptica, uma tecnologia que protege, preserva e, ao mesmo tempo, realça detalhes essenciais das peças, como da nossa carroça funerária e o tear; ícones do nosso museu. O uso desta tecnologia nos torna um dos museus mais modernos de Santa Catarina e do Brasil.

Outro diferencial são as quatro telas interativas touch screen instaladas para amplo acesso dos visitantes. Por meio delas, será possível ter acesso simultâneo a uma exclusiva linha do tempo do município de Brusque, desde sua fundação até os dias atuais, além de informações sobre figuras marcantes da nossa história ao longo dos últimos 165 anos.

A nova exposição foi organizada em seis núcleos temáticos, que conduzem o visitante de forma envolvente a uma viagem no tempo:

- 1. Os que aqui viviam e os que aqui chegaram*
- 2. Da Stadtplatz a Brusque*
- 3. Religiosidade*
- 4. Esporte*
- 5. Cotidiano social*
- 6. Sistemas econômicos*

A partir desses eixos, selecionamos criteriosamente as peças do nosso acervo que representam a história e a diversidade da nossa comunidade. Quero aqui agradecer a todos os historiadores e pesquisadores que contribuíram para que estes textos e fotos pudessem ser o mais rico possível em informações: Celso Deucher, Rosemari Glatz, Ricardo José Engel, Francisco Daniel Imhof e Roque Dirschnabel.

Quero destacar com muito orgulho, que esta é uma exposição pensada também para acolher pessoas com deficiência auditiva, visual, mobilidade reduzida e visitantes de outras nacionalidades. Agradecemos, de forma muito especial, à professora Emilia Rosenbrock e em seu nome a todos que contribuíram com a tradução do conteúdo para o alemão e o italiano. A intérprete de libras Maria Helena e a áudiodescrição desenvolvida por Liesa Neves.

Uma menção especial à historiadora Julie Francini Ricardo, cuja dedicação, empenho e amor pela história de Brusque foram fundamentais para vencer os inúmeros desafios deste projeto. Também queremos agradecer a assessoria museológica da Viés Cultural Museologia e da

Viver Curadoria, que nos acompanharam em cada etapa dos quatro projetos de reestruturação.

Registramos nosso agradecimento ao Ministério da Cultura – Minc (na pessoa da senhora Priscila Appella), à Fundação Catarinense de Cultura (na pessoa da senhora Maria Teresinha Debatin), muito especialmente ao senhor governador aqui presente, Jorginho Mello. Agradecemos também ao Fórum de Justiça da Comarca de Brusque (na pessoa do Dr. Edemar Schlosser), que nos tem apoiado em diversos projetos já há muitos anos. Agradecemos também à Fundação Cultural de Brusque (na pessoa do diretor-geral Igor Balbinot) e à Prefeitura Municipal de Brusque (na pessoa do prefeito André Vechi e do vice-prefeito, Deco Batisti).

A cada um dos membros da nossa equipe de colaboradores aqui presente: Julie, Artur, Mariane, Ana Paula, Camila e Alessandro, agradecemos pelo empenho e dedicação.

Para finalizar, quero agradecer a todos os presentes que vieram prestigiar este momento tão especial para a história de Brusque e de Santa Catarina. A Casa de Brusque é da comunidade e para a comunidade. Parabéns Brusque! Gratidão a todos!!!



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Lucas Nowalls, artista plástico e produtor cultural do projeto Sem Muros, responsável pela criação do Mural

Em seguida fez uso da palavra Lucas Nowalls, artista plástico e produtor cultural do projeto Sem Muros, responsável pela criação do Mural “Um presente para o futuro”. Reproduzimos abaixo a sua manifestação:

Boa tarde, a todos! Autoridades, população, família e amigos presentes aqui.

Tenho que ser breve para cumprir o combinado, mas eu não posso deixar de agradecer. Em primeiro lugar a Deus, que é quem me dá a inspiração, a capacidade, a força e a coragem para enfrentar os desafios artísticos. Mas, não só esses, como também os desafios da vida.

Quero agradecer também ao Museu, a toda equipe do museu. Não vou citar nomes porque eu vou esquecer e não terei tempo para tudo isso. Mas, todos que fazem parte da equipe que trabalhou neste projeto, desde o primeiro dia, da primeira reunião, da primeira conversa no WhatsApp, me senti muito acolhido como artista e agradeço em nome do Sem Muros, não só como artista, mas também em nome da arte, porque a arte precisa deste tipo de atitude como tivemos aqui.

No acolhimento total foram oito dias de trabalho com muita alegria, onde a gente pôde conversar, trocar ideias, emoções, preocupações com o clima e outras coisas. Mas tudo deu certo, em virtude desse trabalho muito bem planejado pela equipe do museu.

Agradecer também a Sem Muros Ltda. e à pessoa do Paulo Weiner que está aqui presente, sem o Paulo e sem a Sem Muros eu não estaria aqui fazendo tanto o mural quanto este pronunciamento.

Quero agradecer ainda, não menos importante, mas só por último, à minha família, à Silmara, minha esposa, que está com o celularzinho na mão, à minha filha Julia, ao João Felipe, à Sebastiana que também esteve com a gente na casa, que é tia, mãe e amiga, enfim, faz parte da família.

Quero então explicar um pouco sobre o que idealizou, o que gerou a ideia do Mural e o que que significa do meu ponto de vista. Ali eu quis expressar a conexão entre os seres humanos, que eu acho que é isso que faz a história acontecer, não haveria a história, não haveria museu sem não houvesse conexões humanas.

Então nós temos no centro da imagem a figura do Ayres Gevaerd tocando com as mãos a mão de um menino e naquele toque sai um poder luminoso que é justamente o poder de transformação da conexão entre as pessoas. Da transferência do legado, da história, de tudo que a gente produz, fazendo com que tudo tenha propósito na nossa vida. Nossa vida só faz sentido se através dela a gente transferir algo para outras pessoas. No fundo temos a casa em enxaimel que simboliza o vetor dessa transferência de legado que é aqui onde nós estamos. É fundamental ter esses espaços, preservá-los e cuidar deles para que esse legado possa se perpetuar e para que uma sociedade possa saber de onde veio e ter certeza para onde vai.

As pontes que ligam a casa enxaimel fazem referência a Brusque do passado, com uma imagem do final do século 19, início do século 20. O palacete do cônsul Carlos Renaux, uma estrada que liga a ponte

coberta, a antiga ponte coberta do centro da cidade, onde hoje em dia nós temos a ponte estaiada e ela liga ao museu. Na saída do museu sai a ponte estaiada ligando a Brusque do futuro com cenas ali de fibra ótica e sinal do Wi-Fi. E aquela pergunta que paira no ar, que acho todo artista deve deixar, uma pulga atrás da orelha de: para onde iremos? O que que vai ser? Então também fica livre a interpretação de todos, para que a arte não tenha só uma interpretação do artista, mas que ela seja viva e dinâmica

E por fim a grande mensagem da conexão que fica é no nome do Mural que é “Um presente para o futuro” e tem um trocadilho sugestivo nesse nome. Em dois significados, o primeiro é do tempo presente, o que nós fazemos hoje é o que vai construir o amanhã, então nós temos as sementes na mão e o segundo significado desse trocadilho é o objeto do presente, então que todos nós possamos fazer essa reflexão e deixar para o futuro o mais precioso presente.

Muito obrigado a todos!



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Priscila Appella, representante do escritório de Santa Catarina do Ministério da Cultura (Minc)

A representante do escritório de Santa Catarina do Ministério da Cultura (Minc), Priscila Appella, foi a terceira autoridade a fazer uso da palavra. Ela fez as seguintes considerações:

Estou aqui representando o Ministério da Cultura. Não sei se vocês sabem, mas atualmente temos um escritório em cada estado — mesmo que virtual —, e trabalhamos indo aos municípios. O escritório funciona mais em regime de teletrabalho, então é um escritório, mas não tem endereço físico.

Estou muito feliz com o convite para estar aqui hoje. Quero cumprimentar as autoridades presentes, o presidente Marcus, com quem conversei até chegar aqui, e dizer que é uma honra poder representar o Ministério. Queria falar só um pouquinho sobre a importância das leis de incentivo — não só a federal, mas também a estadual e as municipais — para que uma ação, uma construção, um projeto deste tamanho, desta dimensão, possa ser entregue à população. É um esforço de muitos anos. Estava conversando com a Luciana ali fora e fiquei sabendo um pouco da trajetória.

Vocês são uma iniciativa privada, a Sociedade dos Amigos do Museu, que está há anos batalhando e hoje entrega uma exposição permanente, de ponta, para a população — que vai ter acesso gratuito. Então, as escolas poderão vir conhecer a história sem gastar com isso. Isso é possibilitado pelas leis de incentivo. No caso, a Lei Federal esteve presente aqui em alguns momentos, agora com a abertura da exposição.

A Lei Federal é mais conhecida como Lei Rouanet, que institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura — o Pronac. Também tivemos aqui no Museu o PIC, além do apoio da Prefeitura.

Gostaria de dizer aos empresários aqui presentes — e também às pessoas físicas — que a Lei Rouanet permite destinar uma parcela do imposto de renda. Ou seja, o governo federal abre mão dessa parcela para que ela possa ser investida em cultura. No estado, temos o PIC, que abre mão do ICMS, funcionando de maneira semelhante.

Então, quem puder doar: quando chegar um produtor cultural até vocês com um projeto como esse, olhem com carinho. Porque é um dinheiro que vocês já iriam pagar — vocês só estarão autorizando que ele seja utilizado para uma ação linda como esta, da qual quem vai usufruir são as pessoas que estão aqui hoje e as gerações futuras, como o artista comentou.

É isso: deixar algo para o futuro, agora, no presente. Graças aos nossos antepassados, temos toda essa história.

Sou filha de italiano. Meu pai é italiano, veio com dez anos — é um imigrante póstumo — e estou muito feliz de estar aqui.

É isso, gente, não tem mais o que falar. Apoiem a cultura!



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

André Vechi, prefeito municipal de Brusque

Após a fala da representante do Ministério da Cultura (MinC), o cerimonialista chamou para fazer uso da palavra o prefeito municipal de Brusque, André Vechi, que falou em nome dos poderes executivo de Brusque, Guabiruba (prefeito Valmir Zirke) e de Botuverá (prefeito Vitor José Wietcowsky). O prefeito brusquense fez o seguinte pronunciamento:

Muito boa tarde — ou boa noite — a cada um de vocês. Obrigado pela presença.

Quero cumprimentar aqui o Excelentíssimo Governador de Santa Catarina, Jorginho Mello; nossa presidente da Fundação Catarinense de Cultura, Teresinha Debatin, que representa a nossa cidade nessa pasta tão importante. Nada mais simbólico do que estarmos aqui hoje, reunidos.

Cumprimento também o vice-prefeito Deco Batisti, nossas deputadas Paulinha e Ana Campagnolo, nosso suplente de senador, Hermes Klann, o presidente da SAB, Marcus Schlösser, e os demais membros aqui do Museu Casa de Brusque. Em nome do Igor Balbinot, cumprimento os demais representantes e amantes da cultura da nossa cidade.

Venho aqui muito feliz. É muito simbólico realizarmos este evento justamente no dia do aniversário da cidade. Hoje, Brusque completa

165 anos. Tivemos ontem um desfile fantástico, um sucesso na avenida Cônsul Carlos Renaux — que foi antecipado em virtude da previsão de chuva. E que bom que, de fato, a chuva veio na manhã de hoje. O tema do aniversário deste ano foi: “Uma Brusque de Vários Sotaques”, principalmente para homenagear todo esse povo que veio ajudar a construir o nosso município ao longo dos anos, sobretudo nas últimas décadas. Hoje, mais da metade da população de Brusque não nasceu aqui. É essa força de trabalho — que vem para ajudar nossas empresas e também para empreender — que faz de Brusque a potência que é.

Quero também cumprimentar o ex-prefeito Ari Vequi, que está presente.

A gente tem que valorizar, naturalmente, quem veio para somar com a cidade hoje, mas sem esquecer das nossas origens. O Museu Casa de Brusque é essa referência, esse ponto onde qualquer historiador ou pesquisador que queira saber e escrever sobre a história do nosso município precisa visitar.

A professora Rosemari Glatz, que é pesquisadora, vem aqui porque sabe que temos muito material rico guardado — e que é importante que a gente possa sempre lembrar das nossas origens.

Em virtude dessa valorização das nossas raízes, especialmente dos três povos que nos colonizaram, estamos comemorando neste ano os 150 anos da grande imigração italiana. Ano passado foi a vez da imigração alemã. E agora, neste mês de agosto, a Fundação Cultural vai proporcionar, de forma gratuita à população, o ensino dos idiomas italiano e alemão. A partir de setembro, também será oferecido o ensino do idioma polonês.

Então, os três idiomas dos três povos que nos colonizaram serão ensinados gratuitamente pela Fundação Cultural. Mais do que isso: teremos três escolas-piloto onde esses idiomas também serão ensinados. Porque o idioma é a forma mais segura e simples de nos conectarmos com nossos antepassados.

Queria agradecer mais uma vez ao Governador pela presença aqui hoje. Sabemos que a agenda é corrida, e que a mudança da data do desfile acabou atrapalhando — o senhor não pôde estar presente ontem —, mas fez questão de estar aqui hoje, reforçando o carinho e a atenção que seu trabalho, à frente do Governo do Estado, tem com o nosso município. Agradeço por isso. Sua presença aqui é muito simbólica e muito importante para todos nós, especialmente neste momento e nesta casa, que simboliza tanto para o nosso povo. Ao finalizar, quero cumprimentar Dona Helga Kamp, que está aqui também. Só vi a senhora agora! É um privilégio poder estar aqui com a senhora. Muito obrigada pela sua presença e pela presença de toda a família.

É isso, gente. De forma muito objetiva, para que possamos ouvir as demais autoridades, agradeço mais uma vez pela presença de todos vocês. O que precisarem, contem comigo, contem com o Igor, contem com a Prefeitura, para que a gente continue fortalecendo e ampliando nossas parcerias, valorizando, reconhecendo e respeitando cada vez mais a nossa história.

Muito obrigado!



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Marcus Schlösser, presidente da Sociedade Amigos de Brusque (SAB), mantenedora do Museu Casa de Brusque

Ato contínuo, o cerimonialista chamou para fazer uso da palavra o presidente da Sociedade Amigos de Brusque (SAB), mantenedora do Museu Casa de Brusque, Marcus Schlösser. O presidente fez as seguintes considerações:

Senhoras e senhores, boa tarde. Sejam todos muito bem-vindos ao Museu Casa de Brusque, a casa dos brusquenses.

Sonhos existem para serem alcançados e realizados. Estamos aqui hoje para celebrar mais uma etapa para a concretização de um sonho que começou a ser sonhado há 72 anos, com a fundação da Sociedade Amigos de Brusque (SAB). No dia 4 de agosto de 1953, liderados por

Ayres Gevaerd, um grupo de brusquenses iniciou uma trajetória que temos orgulho de manter viva.

Com a SAB, nascia também um grande projeto: reunir documentos, fotografias e peças que contassem a história da região do Vale do Itajaí-Mirim, preservando o legado dos nossos antepassados. Muitas vezes com dificuldades, altos e baixos, ao longo das décadas, a instituição passou por diversas fases cruciais para o fortalecimento desse propósito.

A primeira fase foi a construção de uma rede de apoio para coleta de dados, imagens e documentos históricos, capitaneada por Ayres Gevaerd. Esse esforço naturalmente conduziu à segunda etapa: a necessidade de um espaço físico adequado para a salvaguarda de todo esse acervo.

Assim, em 1968, foi lançada a pedra fundamental para a construção da sede da SAB, inaugurada em 8 de agosto de 1971. Dois anos depois, em 4 de agosto de 1973, era inaugurado o Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, hoje conhecido como Museu Casa de Brusque. Para esse edifício foram transferidos todos os materiais que, até então, estavam dispersos pela região e os já guardados na residência de Ayres Gevaerd e de outros membros da SAB.

Com a inauguração do novo espaço, o acervo se expandiu, exigindo uma terceira fase: a organização técnica de todo esse material. Até então, esse trabalho era feito de maneira amadora, e Ayres tinha o desejo de dar ao acervo o tratamento profissional que ele merecia. Afinal, o grande objetivo da SAB sempre foi preservar e disponibilizar esse patrimônio à comunidade. Esse foi, desde o início, o verdadeiro sonho de Ayres Gevaerd.

Essa nova fase exigia a presença constante de alguém no museu para receber visitantes, o que, naquele momento, ainda era um desafio difícil de ser superado. Durante muitos anos, Ayres pessoalmente dedicou-se como pôde ao funcionamento do Museu, mas ao final de sua vida, a presença na instituição não era mais possível. Após o seu falecimento, houve várias tentativas, algumas de saudosa memória, como a atuação do senhor Otto Kuchenbecker, para manter o Museu aberto ao público. Com o passar dos anos, buscaram alternativas que pudessem manter o museu aberto. Uma delas foi o convênio com o Fórum da Comarca de Brusque, em relação ao projeto dos apenados. Destaca-se nesse período também a dedicação da filha de Ayres Gevaerd, Maria Lea Gevaerd Backes, que durante muitos anos, dedicou-se como muito zelo e carinho, como voluntária a instituição.

Somente em 2009, com recursos de um convênio com a Prefeitura Municipal de Brusque, assinado pelo então presidente Sr. Antônio Cervi, foi possível contratar uma profissional para atender o público no museu, a historiadora Luciana Pasa Tomasi, hoje nossa coordenadora-

geral. Inicialmente, a casa funcionava apenas 20 horas semanais, mas, com o tempo, passou a abrir diariamente para a comunidade, com atendimento principalmente para grupos escolares e pesquisadores. Foi uma conquista significativa, que concretizou, de forma inequívoca, o sonho dos fundadores da SAB.

Mas todo sonho precisa evoluir para continuar fazendo sentido. Depois de alguns anos, o ideal de Ayres Gevaerd novamente bateu à porta e as diretorias da SAB que se sucediam, tomaram a decisão de iniciar um amplo processo de profissionalização. Já não bastava abrir as portas todos os dias: era preciso implementar um trabalho técnico contínuo de preservação, conservação, catalogação e acondicionamento do acervo. A partir de 2014, as diretorias passaram a envidar esforços nesse sentido, mesmo que de forma gradual. Paralelamente, novas demandas tecnológicas exigiam ações até então inimagináveis na década de 1950 — e talvez até nos próprios sonhos de Ayres —, como a digitalização do acervo de documentos e fotografias. Inicialmente, buscamos parcerias com instituições como a UNIFEBE e o Arquivo José Ferreira da Silva de Blumenau entre outras... Esse processo continua até os dias atuais, só que de forma autônoma.

Em 2020 ocorreu uma verdadeira revolução na história da manutenção do Museu. Naquele ano, foi elaborado, pela primeira vez, um projeto para o Ministério da Cultura, via Lei Rouanet. A partir daí, com o apoio constante e generoso das empresas locais, o Museu deu um salto de qualidade extraordinário. A partir deste projeto, foi contratada uma assessoria museológica para treinamento da equipe do Museu, bem como abriram-se horizontes para outros editais de fomento à cultura, como o PIC (Programa de Incentivo à Cultura) do governo de Santa Catarina, aprovado em 2024.

De maneira tal que nos últimos cinco anos, graças ao trabalho incansável da diretoria da instituição, de seus funcionários e colaboradores, investimos mais de R\$ 2.650.000,00 na modernização do Museu. Esses recursos estão, neste exato momento, promovendo uma mudança de paradigmas na história da Casa de Brusque. Hoje, temos o orgulho de inaugurar a nova exposição de longa duração do nosso Museu, que passa a ser, sem dúvida, um dos mais modernos de Santa Catarina.

Neste dia tão especial de aniversário da nossa querida Brusque e também dos 72 anos de fundação da SAB, realizamos este evento que é prova concreta de que o sonho de Ayres Gevaerd e dos demais fundadores continua se concretizando. Temos convicção de que Ayres Gevaerd, José B. Piazza, Ciro Gevaerd, Armando F. Polli, Antônio Heil, Walmir Diegoli, Guilherme G. Niebuh, Arthur Kistenmacher, Arno Ristow, Monsenhor Afonso Niehues, Pedro Morelli, Érico Appel, Euvaldo Schaefer, Rodolpho Victor Tietzmann, entre tantos outros

abnegados que ao longo do tempo contribuíram com esta instituição, sentiriam imenso orgulho do que está sendo construído aqui hoje. Permitam-me, com emoção, fazer uma menção especial ao meu pai, Horst Schlösser, que colaborou muitos anos com o Sr. Ayres e com esta instituição, seja nas decisões ou na árdua tarefa de manter financeiramente a mesma funcionando. Lembro-me dos meus tempos de criança e juventude que os dois, mais o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, tinham um entrosamento extraordinário e um amor incondicional a esta casa. Isso para mim, hoje presidente, é motivo de muito orgulho.

Da mesma forma, quero consignar um agradecimento e um reconhecimento em nome da instituição ao Sr. Antônio Cervi. Além de ter presidido esta Casa, da qual fui vice-presidente durante muitos anos, o Sr. Cervi é um de seus mais dedicados colaboradores. Ele é o membro que permaneceu por mais tempo na diretoria da SAB: 48 anos. Em nome de toda a diretoria, deixamos aqui registrada nossa mais sincera homenagem e gratidão.

No texto “Razões da Sociedade Amigos de Brusque”, Ayres afirma: “Aproxima-se cada vez mais o dia em que a SAB terá dentro de sua Casa toda a nossa História, nos livros, nos documentos, nos jornais, nos retratos e fotografias que contarão, dia a dia, o trabalho pioneiro do desbravador e do imigrante, do trabalhador comum, do operário, do comerciante, do industrial, do servidor público, do professor”.

Esse dia, como preconizou e sonhou Ayres Gevaerd, chegou. Sabemos que há ainda muito por fazer, mas na data de hoje, chegamos a mais um daqueles dias históricos em que vale a pena parar, agradecer e comemorar com a comunidade, pois de fato, hoje, iniciamos um novo capítulo na história do Museu Casa de Brusque.

É com imenso orgulho que apresentamos um novo museu à nossa comunidade e à região. Um museu para ser referência, inspiração e motivo de orgulho para todos os brusquenses.

Muito obrigado.

O cerimonialista registrou “o mais profundo agradecimento às empresas e entidades que, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) e da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (PIC) e do termo de fomento municipal, acreditaram em nosso projeto para tornar tudo isso realidade”.

Em seguida, citou todas as empresas e entidades que apoiaram os projetos do Museu: Aradefe Malhas, Aviamentos Brusque, Celesc, Comercial Atacadista de Alimentos Stock, Engepeças, Heil Motos e Náutica, Hiper Têxtil, Linhas Trichê, Industrial Irmãos Hort,

Industrial Têxtil Porto Franco, Irmãos Fischer, Havan, Manatex Têxtil, Mega Motos, Metalúrgica Siemens, Pengir Malhas, Portonave S/A, Supermercados Archer, Tecelagem Atlântica, Tinturaria Florisa, Vetor Automotivos, Zen S/A, ZM S/A e WEG.

Ao finalizar a citação das empresas, o cerimonialista expressou, em nome do Museu Casa de Brusque, um agradecimento especial: “A cada uma dessas empresas e entidades, nossa gratidão. Esperamos continuar esta profícua parceria”, disse.



Empresário Edemar Fischer, da Fischer S/A e vice-presidente da FIESC para o Vale do Itajaí-Mirim, falando em nome das empresas patrocinadoras dos projetos do Museu

Para falar em nome das empresas patrocinadoras e das entidades, foi convidado o empresário Edemar Fischer, da Fischer S/A e vice-presidente da FIESC para o Vale do Itajaí-Mirim, para fazer uso da palavra. Edemar fez o seguinte discurso:

Senhoras e senhores, autoridades, amigos e amigas da cultura. É uma grande alegria estar aqui hoje representando a classe empresarial do Vale do Itajaí-Mirim em um momento que é, sem dúvida, marcante para Brusque.

A reabertura do Museu Casa de Brusque, com essa nova exposição de longa duração, é uma conquista de todos nós.

É um presente para a cidade e, mais do que isso, é uma forma linda de preservar a nossa história e de compartilhar com as novas gerações o que nos trouxe até aqui.

Esse museu, agora totalmente renovado, é um espaço que emociona. Ele conecta passado e futuro com tecnologia, interatividade e respeito pela memória de quem construiu esta região.

E é importante lembrar que tudo isso só foi possível graças à união de esforço e ao uso inteligente de um mecanismo que está ao alcance de muitas empresas: o direcionamento de recursos via Imposto de Renda, pela Lei de Incentivo à Cultura.

Ao apoiar esse projeto, as empresas aqui envolvidas transformaram parte dos seus impostos em investimento direto na comunidade.

Essa é uma forma concreta, eficaz e transformadora de contribuir com o desenvolvimento regional.

Como representante do setor empresarial, eu só posso dizer que iniciativas como essa nos enchem de orgulho.

E mais do que isso: nos mostram que vale a pena apostar em projetos que fazem sentido para as pessoas e que fortalecem a identidade de um povo. Quero parabenizar toda a equipe do Museu, os patrocinadores, os parceiros, e todos os que sonharam e trabalharam para que este espaço voltasse a pulsar com tanta força.

Que este museu siga sendo um lugar de encontros, de descobertas, e de inspiração para o futuro.

Muito obrigado e parabéns, Brusque, por mais esse capítulo na sua história.

FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE



Governador de Santa Catarina, Jorginho Melo, prestigiou a inauguração da nova exposição de longa duração do Museu Casa de Brusque

Por fim, o cerimonialista fez um agradecimento muito especial pela presença do governador Jorginho Melo, que veio a Brusque prestigiar este evento. Ato contínuo, o governador foi convidado para fazer uso da palavra.

Muito boa noite a todas as senhoras e senhores.

Quero cumprimentar o presidente da Sociedade Amigos de Brusque, Marcus Schlösser; Prazer. Querido amigo, ex-prefeito Ari Vequi e também o atual prefeito, querido amigo André Vechi; Querido Vice-prefeito Deco Batisti; Nossa presidente da Fundação Catarinense de Cultura, a brusquense Maria Teresinha Debatin; Nosso suplente de senador Hermes Klann, obrigado pela presença; Deputada estadual Ana Campagnolo, ligada à cultura, historiadora e escritora; Nossa deputada Paulinha, essas mulheres incríveis de Santa Catarina. Nossa querida Rosemari Glatz, reitora da UNIFEBE, onde temos o programa Universidade Gratuita para tanta gente. Está todo mundo feliz ali? Todo mundo muito faceiro? Cumprimento também o vice-presidente da FIESC aqui da região do Vale do Itajaí-Mirim, Edegar Fischer. O vice-presidente nacional da Academia de Letras do Brasil, Marco Eugênio Walter. A coordenadora do Museu Casa de Brusque, Luciana Pasa Tomasi. Ao coro da UNIFEBE e à maestrina Louise, parabéns! Historiadores, pesquisadores, enfim, empresários que estão presentes e a comunidade brusquense. Cumprimento também o querido amigo Waldir Walendowsky, secretário de indústria, comércio e turismo de Brusque.

Hoje em dia, com a Lei Rouanet, lá em Brasília, é só encaminhar. O dinheiro já está separado, é só pedir.

Como vim muito rápido — era para estar aqui ontem — infelizmente não foi possível. Mas disse ao prefeito que viria, e tivemos essa feliz coincidência.

É de fato uma feliz coincidência estarmos aqui para essa inauguração. Cultura, raízes... nós precisamos honrar quem derramou lágrimas e suor para que a gente chegasse até aqui.

Quando conseguimos fomentar com incentivos — e a Maria Teresinha Debatin, que é de Brusque e presidente da Fundação Catarinense de Cultura, sabe bem do meu apelo —, é para que todos os fundos da Fundação possam estar organizados e servindo para devolver ao povo um imposto que é seu.

A Lei Rouanet é imposto federal. O PIC é imposto do ICMS. Os senhores é que pagam. Não tem nada de milagre aqui. Ano passado, nós distribuimos R\$ 70 milhões. E este ano, Teresinha? Já foram outros 70 milhões. Porque é a forma de os artistas, de quem trabalha com cultura, com arte, poderem se movimentar. Tudo é muito caro.

Estamos falando de museu, mas de um museu que inova, que moderniza, para contar de forma diferente a história de Brusque, dessa região tão próspera.

As pessoas se enchem de orgulho quando se lembram do que fizeram, do que construíram, da forma como ajudaram a edificar uma sociedade, dentro dos padrões da época, e que vem sendo aperfeiçoada até os dias de hoje.

Quando investimos em cultura e reformamos todas as casas de cultura de Santa Catarina, teatros na capital, teatros no interior, fazemos isso dando vazão a todos os projetos. De forma independente, deixamos os conselhos trabalharem. Tem conselho de cultura, conselho para tudo — às vezes até tem conselho demais... Ao invés de ajudar, atrapalha.

Mas fazemos com que os processos andem rapidamente, para liberar o dinheiro dos empresários — dinheiro que iria para o governo, mas do qual o governo abre mão para que possa ser investido na cultura. Isso não é despesa. Isso é investimento!

Eu vim aqui para abraçar Brusque, viu, meu querido André, pelos 165 anos de luta, superação e vitórias. Um município com empresários da melhor qualidade, que orgulham Santa Catarina pelo que representam. Essa Brusque que ajuda Santa Catarina a ser o melhor estado do Brasil! O estado com a melhor segurança pública. O estado com a maior longevidade. O estado com a melhor qualidade de vida. O estado com o maior número de carteiras assinadas, proporcionalmente, do Brasil. O estado com o menor número de beneficiários do Bolsa Família, proporcionalmente, do Brasil.

Porque aqui ninguém fica encostado. Ninguém fica esperando uma teta. Aqui todo mundo vai à luta, todo mundo trabalha. É por isso que fazemos a diferença no contexto nacional: pela honra, pelo trabalho e pelo reconhecimento.

Um museu como esse, uma casa da cultura, deve mostrar às novas gerações como tudo aconteceu — que nada veio por acaso. Peço a todos os empresários que continuem acreditando nos programas. Nós temos diversos programas — a Teresinha pode informar vocês — sobre cinema, teatro, entre tantos outros, nos quais vocês podem investir.

Além da cultura, temos também programas voltados ao idoso, à criança... Ano passado, conseguimos aumentar o incentivo ao idoso em 400%, graças a uma campanha feita pelo Conselho Regional de Contabilidade.

Estamos alterando uma lei em Brasília — de minha autoria, quando estive lá — que está quase aprovada. Porque lá tudo demora... Mas é para que a doação aos fundos também possa ser parcelada. Hoje, só pode ser paga à vista. Ai muita gente não faz a doação, porque aquela cota tem que ser paga de uma vez só. Queremos permitir o parcelamento — como se parcela o imposto de renda em 6, 7 ou 8 vezes. Isso facilita.

Por isso, quero cumprimentar Brusque. Abraçar Brusque. Cumprimentar as deputadas que nos ajudam lá na Assembleia a aprovar e fazer leis. Santa Catarina tem pressa. Anda mais rápido. E a gente pode, sim, ter muito orgulho — falar de boca cheia: Essa nossa Santa e Bela Catarina nos engrandece. Ela recebe bem quem vem pra cá. Recebe com carinho, com amor, com paixão. É por isso que todo mundo vive bem aqui. E vive muito feliz.

Viva Brusque! Viva os empresários que apostam aqui! A Fischer e tantos outros que colocam dinheiro — isso é investimento. Nunca deixem de fazer isso.

Forte abraço! Muito obrigado!

Ao encerrar a solenidade, o cerimonialista agradeceu a todas as autoridades presentes pelas manifestações e pelo apoio à iniciativa do Museu Casa de Brusque. Em seguida, convidou o público para participar do ato simbólico de descerramento da fita inaugural da nova Exposição de Longa Duração do Museu, realizado no prédio anexo, localizado aos fundos.

Para compor este momento festivo, foram convidados a participar do descerramento da fita: Marcus Schösser, presidente da Sociedade Amigos de Brusque (SAB); Priscila Appella, representante do Ministério da Cultura – Governo Federal; a reitora da UNIFEBE, Rosemari Glatz; a presidente da Fundação Catarinense de Cultura, Terezinha Debatin, e o governador do Estado de Santa Catarina, Jorginho Mello.

Momento em que as autoridades e convidados descerram a fita inaugural da nova exposição de longa duração do Museu Casa de Brusque



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Ao final, o cerimonialista agradeceu a presença de todos nesta ocasião histórica para a cultura brusquense e anunciou: “A nova exposição estará aberta à visitação a partir do momento do descerramento da fita inaugural. Convidamos todos a conhecer os ambientes expositivos, pensados com muito cuidado para preservar e valorizar nossa história e memória. Ao mesmo tempo, convidamos os presentes a apreciar e degustar o coquetel típico, que será servido no jardim, em frente ao mural. A todos, nosso cordial muito obrigado e uma excelente visita à Casa dos Brusquenses”.

FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE



Um grande público lotou as dependências do Museu

FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE



Ex-prefeito Ari Vechi, o vereador Valdir Hilselmann e o suplente de senador Hermes Klann prestigiaram o evento

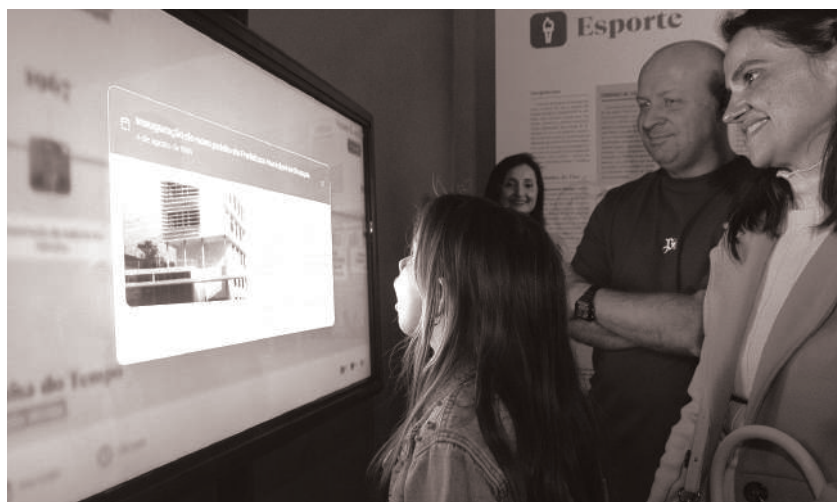


FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Família Krieger com a filha, entusiasmada com as telas *touchscreen*, durante a visita ao Museu



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Diversas famílias que ao longo da história doaram objetos e peças ao Museu, como a família Ulber, ao centro da foto



Governador Jorginho Melo testando as telas interativas com a linha do tempo, instaladas no Museu

Homenagens às entidades, governos e aos patrocinadores

Durante a cerimônia de inauguração da nova Exposição de Longa Duração do Museu Casa de Brusque, foram prestadas homenagens a entidades, representantes governamentais e empresas que contribuíram para a realização do projeto. Em nome do Museu e de sua instituição mantenedora, a Sociedade Amigos de Brusque (SAB), foi entregue um Diploma de Honra ao Mérito e registrado um agradecimento especial às organizações e governos que, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (PIC) e do termo de fomento municipal, tornaram possível a concretização dessa importante iniciativa cultural.

A todos foi expressa a mais profunda gratidão pelo apoio e confiança. Reforçou-se ainda o desejo de que essa colaboração continue a gerar frutos para a valorização da história, da memória e da identidade cultural de Brusque. O Museu espera continuar esta profícua parceria.



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Governador Jorginho Melo entregando o diploma de Honra ao Mérito a Edemar Fischer, da Irmãos Fischer



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

O presidente Marcus Schlösser entregando o diploma de Honra ao Mérito a Priscila Appella, representante do MinC em Santa Catarina



A Unifebe também foi uma das homenageadas pelo Museu. No registro, a reitora Rosemari Glatz recebe do governador Jorginho Melo, o diploma de Honra ao Mérito em nome da instituição



Presidente Marcus Schlösser entrega ao prefeito André Vechi e ao diretor-geral da Fundação Cultural de Brusque, Igor Balbinot, o diploma de Honra ao Mérito



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

O Museu Casa de Brusque homenageou seu mais longo colaborador e ex-presidente, Antônio Cervi, que por motivos de saúde não pôde estar presente na solenidade. Foi representado por seu neto, André Cervi, que na oportunidade recebeu das mãos do prefeito de Brusque, André Vecchi, o diploma de Honra ao Mérito



FOTO: DAVID T. SILVA
ACERVO MUSEU CASA DE BRUSQUE

Em nome da Fundação Catarinense de Cultura, Maria Terezinha Debatim recebeu das mãos do presidente da SAB, Marcus Schlösser, o diploma de Honra ao Mérito



Presidente Marcus Schlösser entrega ao governador Jorginho Melo, o diploma de Honra ao Mérito ao governo de Santa Catarina, em especial pelo Programa de Incentivo à Cultura (PIC) que beneficiou o Museu Casa de Brusque, ao longo dos últimos anos



Localidade de Timbé no século passado
ACERVO MUNICÍPIO DE TIJUCAS



O pioneiro Daniel Xavier Imhof nas décadas de 1910 e 1920

Francisco Daniel Imhof

Formado em Ciências Contábeis, Auditor Fiscal da Receita
Estadual aposentado e revisor de textos históricos.
E-mail: fd.imhof@gmail.com

Daniel Xavier Imhof (*6.01.1884 +20.07.1967 – Brusque, SC), era filho do imigrante alemão Leopold Imhof e da imigrante italiana Catterina Maria Maddalena Carneri. Casou-se em 28.05.1910 com Anna Boos, com quem teve dez filhos: Alma, Paulo, Olga, Arnaldo (Naldo), Anna, Marcelino (Lino), Olenka, Ovidio José (Vidio), Ilse e José (Zé).

Ele foi pioneiro no transporte de documentos e encomendas para o Correio entre as cidades de Brusque e Florianópolis na década de 1910 e na primeira metade da década de 1920, quando detinha exclusividade na prestação deste serviço.

Naquela época, havia uma grande demanda por pregos, que eram largamente empregados nas construções, onde era utilizada muita madeira, e Daniel Xavier Imhof também fazia o transporte de pregos produzidos em Florianópolis pela fábrica Carl Hoepcke & Cia., empresa fundada pelo imigrante alemão Carl Franz Albert Hoepcke (* 25.06.1844 – Striesia, Brandemburgo, Alemanha, + 1924 – Florianópolis, SC). Carl Hoepcke possuía uma grande casa comercial, com um depósito completo de toda a sorte de gêneros e artigos, importados diretamente das principais praças da Europa e conduzidos por uma frota de navios a vapor e a vela. Em razão de falar o idioma alemão, Daniel Xavier Imhof mantinha um excelente relacionamento com a empresa Carl Hoepcke.



ACERVO INSTITUTO CARL HOEPCKE



ACERVO INSTITUTO CARL HOEPCKE

Nas duas fotos, interior da fábrica de pontas (pregos) com as antigas máquinas e suas correias de transmissão e seção de empacotamento

Daniel Xavier Imhof também conduzia a Florianópolis pessoas em busca de emprego, especialmente mulheres que falavam o idioma alemão e que eram muito requisitadas para trabalhar em casas de famílias de origem alemã, indicadas pela empresa Carl Hoepcke.



ACervo INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

Vendo-se em primeiro plano a ponte Hercílio Luz, em construção. Em segundo plano, o cemitério municipal. À esquerda, a chaminé do forno do lixo. À direita, no meio da baía, a ilha do Carvão, desaparecida com o aterro da baía sul em 1972, servindo como apoio à construção da ponte Colombo Salles; mais à esquerda, a fábrica de prego e de gelo da firma Hoepcke, com seu trapiche

Numa de suas viagens, conduziu a sua prima Alma Imhof, filha de Francisco Xavier Imhof e Elysabetha Butsch, que seguiu a Florianópolis a fim de trabalhar na casa da família do médico alemão Dr. Richard Gottsmann (cirurgião plástico) e de sua esposa Anne, onde iria ter sob seus cuidados o filho Ricardo Wolfgang Gottsmann, por indicação de seu irmão Carlos Imhof (Calinho), que trabalhava no Colégio Catarinense.

Em suas longas e demoradas viagens, Daniel Xavier Imhof utilizava-se de uma carroça coberta por um toldo e puxada por uma parrelha de cavalos. Esse toldo era cuidadosamente guardado em um depósito rústico que mantinha anexo à sua casa. Ele possuía quatro cavalos que eram revezados nesses deslocamentos.

Suas viagens constituíam-se em autênticas aventuras, demorando quase uma semana entre a ida e a volta, e exigiam bastante paciência e cautela, porque eram percorridos muitos quilômetros de estradas de terra batida com vários trechos íngremes e sinuosos.

No início da viagem tinha de enfrentar o primeiro desafio, que consistia no difícil trajeto da serra do Moura, no povoado de Canelinha, que em 1934 passou à categoria de distrito de Tijucas e tornou-se município em 1962.

Como naquela época ainda não existia o traçado da rodovia BR-101, Daniel Xavier Imhof utilizava-se de uma balsa para atravessar o rio Tijucas, no município de Tijucas, pois naquela época ainda não existia a ponte Bulcão Viana, de estrutura metálica e piso de madeira, inaugurada em 1930.



ACERVO BLOG "MEMÓRIAS DE TIJUCAS"
E LIVRO "ESTÓRIAS DE UMA CIDADE -
CRÔNICAS TIJUCANAS", DE
JOÃO JOSÉ LEAL, P. 109

A antiga balsa e a ponte Bulcão Viana em 20.04.1930

À noite, fazia uma parada na localidade de Timbé, na zona rural do município de Tijucas, onde pernoitava e alimentava seus cavalos.



Localidade de Timbé no século passado



Estrada Timbé em 04.01.2017, com presença de pecuária bovina, rizicultura, mata nativa e exótica (pinus e eucalipto)

No segundo dia transitava pelo bairro Sorocaba de Fora no município de Biguaçu e seguia sua viagem até a balsa para fazer a travessia do Continente à Ilha.

Em 13 de maio de 1926, quando foi inaugurada a ponte Hercílio Luz, de 821 metros de comprimento e piso de madeira, unindo a Ilha ao Continente, Daniel Xavier Imhof ainda mantinha a mesma rotina, mas logo foi substituído pelo ônibus de Alvim Battistotti.

Esporadicamente, Daniel Xavier Imhof também fazia o transporte de pregos até o município de Lages.

Ele residiu durante a maior parte da sua vida na rua São Leopoldo, na esquina onde atualmente é o início da rua Daniel Imhof, a qual recebeu esta denominação em sua homenagem.

Este artigo foi elaborado com base em informações de Lúcia Podiacki, filha de Alma Imhof Podiacki, em 13.07.2007; entrevista de Ovidio José Imhof (Vidio), filho de Daniel Xavier Imhof, em 25.07.2007, e informações adicionais do tijuquense Dr. João José Leal, escritor, pesquisador e membro da Academia Catarinense de Letras.



Museu Casa de Brusque

Mantido pela Sociedade Amigos de Brusque (SAB), o Museu Casa de Brusque reúne e preserva um acervo representativo da história do município e do Vale do Itajaí-Mirim. Desde 1953, a SAB realiza pesquisa junto a órgãos públicos e privados do estado e do município para localizar e reunir documentos, fotografias, bibliografia e objetos que documentam a memória local, trabalho que se mantém até hoje. Em 1971, esse acervo foi aberto à visitação pública.

O museu conserva um conjunto documental, fotográfico, bibliográfico e de objetos de grande valor histórico, disponível para consulta à estudantes, pesquisadores e demais interessados. Entre as atividades oferecidas destacam-se visitas guiadas e ações educativas planejadas para escolas das redes pública e privada.



STOPNÁUTICA

F~OZON
Water Solutions



Mega Motos

**STA.
CATHARINA**
chocolateria

COLÉGIO
CÔNSUL
CARLOS RENAUX


BRUSINOX
TECNOLOGIA COM QUALIDADE GARANTIDA

**Aloisius
Carlos Lauth**

*Jorge Paulo
Krieger Filho*



KOHLER &
DÜRRSCHNABEL

MARCENARIA
— HOLZWERK —


CONTASSE
CONTABILIDADE E ASSESSORIA

 **kraft**

**Ricardo
José Engel**



UNIFEBE
É NOSSA. É DAQUI.



**MUSEU
CASA DE
BRUSQUE**